



Jorge Vinicius Vargas Machado

Juventude Batista Brasileira
A mobilização e o preparo de líderes de ministérios de juventudes
nas igrejas batistas do Brasil

Dissertação de Mestrado

Dissertação apresentada como cumprimento parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Teologia do Departamento de Teologia da PUC-Rio.

Orientador: Prof. Abimar Oliveira de Moraes

Rio de Janeiro
Março de 2017



Jorge Vinicius Vargas Machado

Juventude Batista Brasileira
A mobilização e o preparo de líderes de ministérios de juventudes
nas igrejas batistas do Brasil

Dissertação apresentada como cumprimento parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Teologia do Departamento de Teologia da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

Prof. Abimar Oliveira de Moraes

Orientador

Departamento de Teologia – PUC – Rio

Prof. Alessandro Rodrigues Rocha

Cátedra de Leitura da UNESCO – PUC – Rio

Prof. Rainerson Israel Estevam de Luiz

Prof^a. Monah Winograd

Coordenadora Setorial de Pós-Graduação e Pesquisa do
Centro de Teologia e Ciências Humanas – PUC - Rio

Rio de Janeiro, 14 de Março de 2017

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da universidade, do autor e do orientador.

Jorge Vinicius Vargas Machado

Graduou-se em Teologia pelo Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil, com Convalidação pela Faculdade Unida de Vitória. Foi o pastor fundador da Missão Batista em Jardim América. Atua como pastor de Jovens da Igreja Batista Fonte Carioca e como primeiro vice-presidente da Juventude Batista Meritiense

Ficha Catalográfica

Machado, Jorge Vinicius Vargas

Juventude Batista Brasileira : a mobilização e o preparo de líderes de ministérios de juventudes nas igrejas batistas do Brasil / Jorge Vinicius Vargas Machado ; orientador: Abimar Oliveira de Moraes. – 2017.

126 f. ; 29,7 cm

Dissertação (mestrado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Teologia, 2017.

Inclui bibliografia

1. Teologia – Teses. 2. Juventude Batista Brasileira. 3. Juventudes. 4. Ministério. 5. Liderança de juventudes. 6. Jovens batistas. I. Moraes, Abimar Oliveira de. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Teologia. III. Título.

CDD: 200

À minha mãe Alcenita, meu pai Jorge Luiz
minha querida tia Adilza, meu tio Levy
que são quem quero ser quando crescer

Agradecimentos

A Deus em primeiro lugar, por me conduzir até aqui e por confiar alguns de seus jovens e adolescentes à minha oração pastoral.

À Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e à CAPES, pelo auxílio necessário para realização dessa pesquisa.

Ao Professor Dr. Abimar Oliveira de Moraes pela orientação e apoio, sem as quais essa pesquisa não seria possível.

Às Igrejas Batista Fonte Carioca e Missão Batista em Jardim América onde tive o privilégio de servir ao longo dos anos.

Ao JOAD – Fonte Carioca e à Juventude Batista Meritiense pela escola que têm sido pra mim.

Ao trio mais incrível do mundo inteiro: Izabela, Eduardo e Eliza, amores da minha vida.

À Diretora Executiva da JBB, Gilciane Abreu por sua amizade e por me permitir pesquisar os arquivos históricos, que foram tão úteis a essa pesquisa.

Aos amigos Amnom, Dario, Messias, Rose que tanto ajudaram nessa pesquisa e ajudam na vida.

A todos os apaixonados pelo ministério de juventudes nas Igrejas Batistas do Brasil.

Resumo

Machado, Jorge Vinicius Vargas; Moraes, Abimar de (Orientador). **Juventude Batista Brasileira: a mobilização e o preparo de líderes de ministérios de juventudes batistas do Brasil**. Rio de Janeiro, 2017, 126 p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

As juventudes têm sido influenciada por culturas alinhadas ao espírito desse tempo e que nada tem a ver com os valores cristãos. Num tempo em que o mundo passa por transformações em muitos aspectos, está em curso a transição para uma nova configuração de comportamentos humanos. Por ainda ser fase inacabada, não se pode ter uma leitura correta de como as coisas serão. É possível, no entanto, perceber como os jovens encaravam a vida no passado recente e como a vida tem sido encarada no mundo líquido moderno. Na impossibilidade de definir como é a juventude atual, ao menos as tendências de comportamento podem ser percebidas. Esse cenário, novo e desafiador, é o campo de atuação dos ministérios de juventudes das igrejas batistas. Através de levantamento bibliográfico de livros, pesquisas oficiais, artigos acadêmicos, dissertações e teses defendidas, esta pesquisa pretende descrever quem são as juventudes modernas, quais as culturas e as tendências que influenciam essas juventudes, e as maneiras de lidar com elas sob uma perspectiva pastoral cristã, particularmente batista. Levando em conta o que já foi feito e o que está em andamento de maneira oficial na denominação batista no Brasil, para que se possa apontar onde queremos chegar enquanto jovens batistas brasileiros.

Palavras-chave

Juventude Batista Brasileira; juventudes; ministério; liderança de juventudes; jovens batistas.

Abstract

Machado, Jorge Vinicius Vargas; Moraes, Abimar de (Advisor). **Juventude Batista Brasileira: the mobilization and the preparing of Leaders of ministries of Baptist youth in Brazil.** Rio de Janeiro, 2017, 126 p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Youth have been influenced by cultures aligned with the spirit of that time and have no relations with Christian values. Nowadays we live times of transformations in many aspects, in so many changes takes to a new type of human kinds of behaviors. For still being unfinished, one can not have a correct reading how the things will be. It's possible, however to perceive how the youngs faced the life at the recent past and how the life has been faced at the modern liquid world. It's impossible to define how is the current youth, at least the tendencies of behavior can be perceived. This new and challenger scene, is the actuation field of baptist churches youngs ministries. Throught a bibliographic survey of books, oficial researches, academic articles, dissertations and theses defended, this research pretends to describe who are the moderns youths, which cultures and whose tendencies influence these generation, and the ways of dealing with them under a christian pastoral perspective, particularly baptist. We need to consider what has already been done and what is in progress in an official way in the Baptist denomination in Brazil, So that we can point out where we want to reach as young Brazilian Baptists.

Keywords

Juventude Batista Brasileira; youths; ministry; youths' leadership; baptist youngs.

Sumário

1	Introdução	11
2	O que dizemos quando falamos de juventude?	15
2.1	Quem pode ser considerado jovem?	17
2.2	O lugar vivencial das juventudes do século XXI	19
2.2.1	A cultura do consumismo	21
2.2.2	A cultura do presente	25
2.2.3	A cultura do exibicionismo	28
2.3	As tendências das juventudes atuais	30
2.3.1	Tendências pessoais	30
2.3.2	Tendências na vida escolar	32
2.3.3	Tendências nas relações comunitárias	33
2.3.4	Tendências no mundo cultural	34
2.3.5	Tendências no mundo religioso	35
2.3.6	Tendências na sociedade e na política	37
2.3.7	Tendências no mercado de trabalho	38
3	O que já foi feito acerca da Juventude Batista Brasileira?	40
3.1	Os jovens na história dos batistas no Brasil	41
3.2	A Junta de Escolas Dominicais e de Mocidade	43
3.3	O Acordo de Mares	47
3.4	A Junta de Mocidade - JUMOC	49
3.5	A Juventude Batista Brasileira - JBB	52
3.5.1	As áreas de atuação da JBB	53
3.5.1.1	Evangelismo e Missões	54
3.5.1.2	Comunhão e Celebração	55
3.5.1.3	Construção de Ideias	57
3.5.1.4	Treinamento de Liderança	58
3.5.1.5	Vida Cotidiana	60
3.5.1.6	Participação política	61
3.6	As Juventudes Batistas Estaduais	62
4	Discipulado frente aos desafios atuais	65
4.1	A formação de uma cultura de juventude batista	66
4.1.1	A superação da cultura do consumismo pela valorização da simplicidade	68
4.1.2	A superação da cultura do presente pela valorização da eternidade	71
4.1.3	A superação da cultura do exibicionismo pela valorização da intimidade	75
4.2	O discipulado das juventudes no século XXI	77
4.2.1	Discipulado frente às tendências pessoais	78
4.2.2	Discipulado frente às tendências na vida escolar	80
4.2.3	Discipulado frente às tendências nas relações comunitárias	82
4.2.4	Discipulado frente às tendências no mundo cultural	84
4.2.5	Discipulado frente às tendências no mundo religioso	86

4.2.6	Discipulado frente às tendências na sociedade e na política	88
5	Onde queremos chegar	90
5.1	Diálogos necessários para os ministérios de juventudes	91
5.1.1	Diálogo com o mundo universitário	92
5.1.2	Diálogos sobre a vocação profissional e missionária	93
5.1.3	Diálogos com a arte e a cultura	96
5.1.4	Diálogos com a sociedade e a política	98
5.1.5	Diálogos com a Teologia e a Espiritualidade	99
5.1.6	Diálogos com a Igreja local e a denominação	101
5.2	Ministérios de juventude relevantes em todo o Brasil	104
5.2.1	Os líderes de ministérios de juventudes	104
5.2.2	A formação de líderes para ministérios de juventudes	107
5.2.3	A dimensão espiritual da liderança	109
5.2.4	A dimensão transgeracional da liderança	111
5.2.5	A dimensão social da liderança	112
5.3	O que significa então liderar juventudes?	113
6	Conclusão	115
7	Referências bibliográficas	119

Eu acredito é na rapaziada
Que segue em frente e segura o rojão
Eu ponho fé é na fé da moçada
Que não foge da fera, enfrenta o leão
Eu vou à luta com essa juventude
Que não corre da raia a troco de nada
Eu vou no bloco dessa mocidade
Que não tá na saudade e constrói
A manhã desejada

(E vamos à luta – Gonzaguinha)

1 Introdução

A pesquisa que segue surgiu da observação e da atuação pastoral junto a jovens batistas no âmbito da igreja local, e da atuação junto aos órgãos da denominação batista brasileira que auxiliam os ministérios de juventudes. Essa atuação, local e denominacional, permitiu observar as dificuldades compartilhadas pelos líderes de jovens, que tentam desenvolver um ministério que seja capaz de responder às demandas de jovens e adolescentes, mas se veem num emaranhado de: falta de preparo adequado, falta de tempo suficiente para se envolver satisfatoriamente com as demandas do ministério e ainda têm de lidar com a falta de compreensão do que é, e para que serve, um ministério jovem dentro de uma igreja batista.

O tema é amplo. Muita coisa já foi feita e dita (embora nem tudo tenha sido registrado), e muita coisa ainda há pra se desenvolver, seja em forma de conhecimento teórico ou de um método de como fazer. Para liderar ministérios com juventudes, é preciso saber quem são os jovens que se pretende pastorear, estar próximo o suficiente deles para entender e, na medida das possibilidades, atender às necessidades espirituais dessas pessoas, jovens salvos por Jesus, mas que vivem num mundo em mutação estando eles próprios em mutação interna, na passagem da infância para a fase adulta.

A partir da realidade das igrejas batistas, onde cada uma delas é autônoma, mas mantêm com outras igrejas de mesma fé e ordem uma relação de cooperação, pensamos numa atuação pastoral local, que seja integrada à ação denominacional, e onde o Ministério de Juventudes da Igreja local possa auxiliar a atuação da Juventude Batista Brasileira, nos âmbitos nacional, estadual e municipal. Assim como consideramos importante que os órgãos ligados às Juventudes Batistas possam fortalecer e apoiar os ministérios locais.

Para agir de modo pastoral em qualquer âmbito é necessário uma percepção consciente de como estão as juventudes modernas mundo afora. O fenômeno da globalização espalha em tempo real as novidades que anteriormente, sem a vantagem da conectividade, levariam muito mais tempo até ganharem espaço e aceitação. Não basta conhecer as juventudes de sua igreja local, o olhar precisa ser ampliado para entender as pressões e influências que sofrem todos os jovens de hoje.

Dividimos nossa pesquisa em quatro partes que dialogam entre si: dois capítulos em que lidamos com a realidade posta, passada e presente. E dois capítulos com apontamentos e perspectivas do que está sendo construído e o que ainda nos falta fazer para uma atuação em níveis local e nacional para as juventudes batistas brasileiras.

Optamos por uma pesquisa bibliográfica, consultando as obras de diversos autores contemporâneos, mas estendemos a visão para documentos históricos e registros oficiais, além de artigos acadêmicos, dissertações, teses, pesquisas oficiais e reportagens na tentativa de mostrar o presente, o passado e as perspectivas de futuro para um ministério de jovens que seja relevante nos ambientes nos quais as juventudes batistas circulam como a Igreja, a Universidade e a Sociedade.

Não se trata de uma pesquisa exaustiva, uma vez que julgamos impossível dizer tudo sobre um grupo tão heterogêneo e em constante mutação. Com esta pesquisa, queremos trazer o tema das lideranças das juventudes batistas para o espaço de discussão acadêmica. Muita coisa foi dita (embora nem tudo registrado) pelos batistas em relação aos jovens, a maior parte da discussão ocorreu em nível prático, como modelo pronto a ser seguido. Pretendemos refletir os desafios atuais e os princípios de atuação, de modo a inspirar outros olhares no que diz respeito às juventudes batistas.

O pouco material teórico sobre juventudes disponível em meio batista fez com que essa pesquisa se debruçasse sobre: atas, relatórios e artigos do Jornal Batista, para um apontamento histórico; documentos oficiais da Convenção Batista Brasileira, como parâmetro doutrinário; e pesquisas acadêmicas realizadas por crentes batistas para manter contato com a pesquisa acadêmica realizada no contexto da denominação. Além disso, aproveitando o fato de ter sido gestada em uma universidade católica, trouxemos a contribuição substancial de alguns teólogos católicos que trabalham pastoralmente com as juventudes, bem como falas oficiais da Igreja Católica em relação aos jovens. Foi tomado o cuidado no sentido de que essas contribuições não conflitassem com a Teologia e a Doutrina características das igrejas batistas.

O capítulo que intitulamos “O que dizemos quando falamos de juventude?” tem o objetivo de mostrar como a própria definição de juventudes no século XXI é imprecisa. Trouxemos para a discussão a contribuição da filosofia, do direito, e sobretudo da sociologia para tentar definir as juventudes atuais e identificamos três culturas que tem influenciado bastantes os jovens nesse tempo: as culturas do consumismo, do presente e do exibicionismo. Ainda apontamos (usando a metodologia de João Batista Libânio)

tendências de como eram os comportamentos das juventudes de tempos atrás e em que direção esses comportamentos estão indo. Esse é um capítulo que faz um retrato das juventudes com as quais os ministérios locais são desafiados a lidar.

Em seguida ampliamos o foco e olhamos para as juventudes da denominação batista no Brasil. No Capítulo que intitulamos “O que já foi feito acerca da juventude batista brasileira?”, visitamos o passado e o presente da atuação denominacional com os jovens num percurso que começa antes da organização da Convenção Batista Brasileira e perpassa uma longa trajetória, até chegar ao século XXI. Entender o caminho percorrido até aqui e o que está sendo feito hoje ajuda a situar os ministérios locais no contexto mais abrangente: o da denominação batista no Brasil, bem como nos auxilia ao apontarmos perspectivas de uma atuação denominacional no futuro.

Até esse ponto, os olhares dessa pesquisa estavam voltados ao que fizemos, ao que estamos fazendo hoje, e quais os desafios enfrentados em âmbito local e denominacional para uma atuação pastoral para as juventudes. A partir daqui, a pesquisa pretende apontar perspectivas de atuação, não apenas uma descrição dos desafios, mas a possibilidade de encara-los. Tendo isso em vista, a terceira parte da pesquisa, chamada “Discipulado frente aos problemas atuais” volta aos temas do primeiro capítulo como desafios para uma atuação pastoral de nível local. Assim, quando retomamos as culturas do consumismo, do presente e do exibicionismo, propomos a valorização dos conceitos de simplicidade, eternidade e intimidade respectivamente como possibilidade de uma superação das culturas em destaque, criando em seu lugar uma contracultura jovem batista, onde: a superação da cultura do consumismo se dá pela valorização da simplicidade; a superação da cultura do presente se dá pela valorização da eternidade e a superação da cultura do exibicionismo se dá pela valorização da intimidade.

Revisitamos também as tendências de comportamento descritas no primeiro capítulo de modo a propor uma atuação pastoral que auxilie os jovens nesse período em que as juventudes como um todo tem mudado, para que essas mudanças sejam feitas à luz dos preceitos cristãos conforme os batistas brasileiros os entendem.

A quarta e última parte retoma a história vivida e o presente da atuação denominacional para as juventudes descritas no segundo capítulo, propondo um futuro possível e como o título mesmo explicita é “Onde queremos chegar”. Nesse sentido, propomos um ministério local aberto ao diálogo. Um ministério de juventudes que seja capaz de dialogar: com a sociedade, em vez de ficar restrito às atividades da própria

igreja; com a Teologia e com a espiritualidade de modo a ter embasamento teórico para sua atuação sem perder de perspectiva que o objetivo de discipular e pastorear jovens não se resume a informa-los; com a própria igreja local e com as juventudes da denominação batista (de outras igrejas locais, e em âmbitos municipal, estadual e nacional); com a vocação de cada jovem e a construção de um entendimento de que todo cristão tem de Deus um chamado para representar o Reino de Deus nesse mundo onde quer que atue. Entender como vocação as múltiplas carreiras e relaciona-las adequadamente.

Especial atenção merece a figura do líder de jovens das igrejas. Ressaltamos suas características, a necessidade de um preparo adequado que o capacite a agir nas dimensões espiritual, transgeracional e social, ao liderar um ministério com jovens.

Esta pesquisa foi realizada a partir da paixão pelas juventudes batistas e pelo desejo de contribuir para que estes jovens sejam bem liderados e orientados, para que possam deixar de ser ‘mensageiros do caos’ e passem a ser ‘profetas da esperança’. Não pretendemos traçar os caminhos para a ação, eles serão vários. A intenção dessa pesquisa é descrever quem são os jovens modernos e como atuar pastoralmente com eles sob uma perspectiva alinhada aos princípios doutrinários da Convenção Batista Brasileira.

2

O que dizemos quando falamos de juventude?

Existem certos conceitos que, de tanto que falamos, parece quase óbvio o seu significado. Outros necessitam de mais esforço para serem compreendidos. Um desses conceitos é, sem dúvida, a juventude. Ao falarmos de juventude, a discussão pode começar quando pensamos se juventude é termo a ser considerado no singular ou no plural, uma vez que são muitas as variedades e possibilidades nas quais as juventudes se apresentam.¹

Neste nosso século XXI, a psicologia, a sociologia, a antropologia, o direito e como não poderia deixar de ser, também a filosofia e a teologia se debruçam sobre o tema. Dizem muito, mas todos reconhecem que estão longe de poder esgotar o assunto. Há muito ainda a ser dito, visto, pensado e analisado. A tarefa torna-se ainda mais complexa porque o ser humano, e em maior velocidade o jovem, é um ser em mutação e transformação. Nem bem uma análise está concluída e outros dados podem ser juntados a ela. E isso pode mudar significativamente a conclusão da análise.

Não é simples definir o que é o jovem. Uma definição correta há de levar em conta uma gama tão grande de fatores que uma única definição é tarefa quase impossível. Se num passado distante, a fase hoje definida como adolescência e juventude era tida tão somente como a transição entre a infância e a idade adulta, a situação ganha uma complexidade interessante porque não se pode definir quando se encerra uma fase e onde começa outra.²

José Machado Pais, sociólogo português, traz interessante diagnóstico da transição entre juventude e idade adulta, que nos ajuda a compreender o momento histórico que vivemos:

Tempos houveram em que a juventude apostava numa conversão rápida à idade adulta. Nos meios aristocráticos do século XVIII, por exemplo, os jovens procuravam imitar os velhos nas suas atitudes ancilosadas, exibindo um ar permanentemente caduco – no andar e no sentir. Havia uma socialização dos jovens por antecipação da velhice. Essa socialização era visível na exibição de cabeças de neve em que perucas esbranquiçadas encobriam a essência primaveril de uma idade jovem – no esforço ou suposição de uns bens experimentados 60

¹ Cf: ABRAMOVAY, M.; CASTRO, M. G., **Juventude, Juventudes**: o que une e o que separa. p. 10.

² Cf: CALANDRO, E; LEDO, J. S., **Psicopedagogia Catequética**: Reflexões e vivências para a catequese conforme as idades. Vol. 2 – Adolescentes e jovens, p. 23.

anos. Hoje acontece o contrário: os mais velhos tudo fazem para se aparentarem mais novos. Ou seja, a juventude passou a ser considerada uma “geração vanguarda”, um modelo de referência.³

Hodiernamente todo mundo quer ser jovem. A propaganda mostra os jovens anunciando os produtos da moda, fazendo com que as crianças queiram avançar etapas e serem jovens o mais rápido possível, uma vez que estes são os que aproveitam a vida e vivem num mundo aparentemente feito para eles. Os mais velhos por sua vez, tentam a todo custo retardar os efeitos do tempo querendo parecer mais jovens e viver como eles. As cirurgias plásticas e os produtos antienvelhecimento ajudam a construir uma ideia de que a velhice é uma etapa negativa que deve ser evitada a todo custo. Isso ocorre porque:

Na era da tentação embriagadora do consumo, parecer jovem é a palavra de ordem do momento. Mesmo pessoas maduras ou idosas assumem trajes ou estilos esportivos: jeans, camiseta e tênis. O culto à juventude e o modelamento do corpo através de atividades físicas, ingestão de vitaminas ou correção plástica caminham juntos⁴

Nesse mundo em que, na teoria e na propaganda, o jovem é protagonista lhe falta espaço em muitas áreas importantes. Muitos têm dificuldades na inserção no mercado de trabalho. A participação política efetiva tende a manter nas posições de maior influência os mais experientes de modo que, num mundo virtualmente feito para e pelos jovens, a participação destes no mercado, na política e até na igreja tem sido suprimida sob a justificativa da falta de experiência. O contraste entre o preparo que os jovens alcançam cedo para desempenhar tarefas e a falta de oportunidade de adquirir experiência tem sido um entrave para que esse protagonismo jovem seja menos teórico e ganhe a realidade da vida.

Quando falamos de jovens, sob o aspecto social, temos uma massa enorme de pessoas qualificadas com dificuldades para uma inserção adequada no mercado de trabalho; temos pessoas com a possibilidade de falar e fazer coisas que gerações anteriores não conseguiam por falta de liberdade e oportunidade para tal. Temos pessoas com o maior acesso a informação em todos os tempos, e que por causa do excesso de informações simultâneas, se concentra em muitas coisas ao

³ PAIS, J.M., **A Juventude como fase de vida**: dos ritos de passagem aos ritos de impasse, p. 373.

⁴ CARMO, P. S., **Culturas da rebeldia**: a juventude em questão. p. 200.

mesmo tempo sem que isso signifique boa execução simultânea das múltiplas tarefas.

As mudanças sociais, políticas, comportamentais e tecnológicas criaram uma geração completamente diferente das anteriores, mas que nem sempre convivem bem com as realidades das gerações anteriores. Se no passado, era bem definido que jovens eram quase adultos, hoje os conceitos estão menos precisos. As responsabilidades e atribuições mudaram. A forma como os jovens encaram a si mesmos, e as demais relações humanas, sempre complexas, estão num desalinho que pode até ser visto sob a ótica de apresentar-se como uma geração que foi criada por pais que deram um grito de liberdade nas décadas de 1960 e 1970. Criados debaixo de tal liberdade, os jovens deste tempo pensam, reclamam e falam o que querem. Por outro lado, a consciência de suas responsabilidades e de seu sentido na vida estão cada vez mais turvas.

2.1 Quem pode ser considerado jovem?

As leis precisam ter valores bem definidos a fim de orientar o trabalho do judiciário, mas nem mesmo no conjunto de leis brasileiras temos um consenso sobre as definições da idade que demarca o que é a juventude. Desde 1990, dispomos do Estatuto da Criança e do Adolescente, que define crianças como aquele que ainda não completaram 12 anos e adolescentes como aqueles que têm entre 12 e 18 anos⁵. Já em 2013, o Estatuto da Juventude⁶ define os jovens como sendo os indivíduos entre 15 e 29 anos e os adolescentes, os que têm entre 15 e 18 anos. Temos assim, jovens que aos 16 votam, mas não respondem pelos atos da vida civil, não são autorizados a dirigir e nem a lançar candidatura política.

Se, num contexto onde as definições deveriam ser um valor referencial como o caso da legislação, seus códigos e afins, como exigir que exista uma definição precisa por parte de outras ciências como a medicina, a sociologia e a psicologia, que sempre vão esbarrar nas diferenças que podem fazer com que as

⁵ Cf: O Estatuto da Criança e do Adolescente é a lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Está disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L8069.htm; acessado em 13 de abril de 2016.

⁶ Cf: O Estatuto da Juventude é a lei nº 12.852, de 5 de agosto de 2013. Está disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2013/Lei/L12852.htm; acessado em 13 de abril de 2016.

realidades sociais, as relações de gênero, o estilo de vida diferenciem pessoas de mesma idade e que por vezes moram na mesma região geográfica, embora em condições por vezes bastante discrepantes? (Uma simples caminhada por alguns bairros da Zona Sul do Rio de Janeiro deixa bastante evidente essa diferença social existente no mundo das juventudes).

A UNESCO admite a mesma dificuldade e assume que utiliza diferentes definições de juventude, dependendo do contexto⁷. Pierre Bourdieu, sociólogo francês, diz que o conceito de juventude é construído socialmente. Prefere definir os jovens como um grupo dotado de interesses comuns, e chama de manipulação a tentativa de relacionar esses interesses comuns a uma faixa etária definida⁸.

A Teologia por sua vez não pode pedir a palavra e dizer que sabe exatamente quem é o jovem. Há alguns grupos mais tradicionalistas, que tem a tendência de se embasar nas palavras do Novo Testamento (1 João 2.14) que define os jovens como escolhidos por sua força, firmeza na fé e enfrentamento do inimigo espiritual, para a partir daí traçar um perfil ideal de jovem e querer enquadrar nesse perfil todos os jovens sejam quais forem seus lugares vivenciais. Árdua (e infrutífera) tarefa. Melhor fariam se, analisando as juventudes que lhe estivessem ao alcance da ação pastoral no atual momento da História pudessem traçar um retrato, embora plural, da realidade que nos interpela para que, a partir dessa identificação, se proponha um caminho de ação. Voltaremos a isso mais adiante.

Falar de juventude não é simples quanto à definição das idades e menos simples ainda na definição de comportamentos. Não há uma forma na qual encaixar os jovens. O que podemos (e essa é a ênfase dessa pesquisa) é delinear as possibilidades do que pode ser definido como juventudes na nossa realidade do século XXI, especialmente brasileira, com o olhar voltado para os jovens membros de Igrejas Batistas vinculadas à Convenção Batista Brasileira⁹, que é o contexto pastoral onde esta pesquisa tem sido gerada.

⁷ Cf: UNESCO. **What do we mean by “youth”?** Texto original em inglês disponível em: <http://www.unesco.org/new/en/social-and-human-sciences/themes/youth/youth-definition/> Acesso em 13 de abril de 2016.

⁸ Cf: BOURDIEU, P., **Questões de sociologia**. pp. 152-153.

⁹ A Convenção Batista Brasileira (CBB) é o órgão máximo da denominação batista no Brasil. É a maior convenção batista da América Latina, representando cerca de 7.000 igrejas, 4.000 missões e 1.350.000 fiéis. Como instituição, existe desde 1907, servindo às igrejas batistas brasileiras como sua estrutura de integração e seu espaço de identidade,

Parece incrível, mas muito trabalho e ação tem sido dispendido em trabalhos realizados para jovens sem que haja referencial teórico adequado, nem conhecimento da realidade daqueles que compõem o grupo de jovens o qual se espera alcançar.

2.2

O lugar vivencial das juventudes do século XXI¹⁰

O mundo não tem vivido dias de padrões bem definidos. Talvez porque estejamos em épocas de mudanças, e nesses tempos as coisas ficam pouco claras. O fato é que estamos cercados por fenômenos inéditos com os quais ainda estamos aprendendo a lidar. É a época da conectividade, em que coisas que ocorrem em uma parte do mundo não apenas são conhecidas, mas também afetam a vida de muitas outras partes geograficamente distantes. Como diria Bauman:

No mundo que habitamos, a distância não parece importar muito. Às vezes parece que só existe para ser anulada, como se o espaço não passasse de um convite contínuo a ser desrespeitado, refutado, negado. O espaço deixou de ser um obstáculo — basta uma fração de segundo para conquistá-lo.¹¹

O mundo atual é pautado pela tecnologia e pela conectividade. Um único aplicativo de troca de mensagens é usado diariamente por quase metade da população brasileira¹². A geração de jovens brasileiros cresceu junto com essa avalanche de novos aparelhos e modos de conexão que deveriam conectar pessoas, mas que gera um efeito paradoxal: aproxima os que estão longe ao mesmo tempo em que distancia os que estão lado a lado.

Essa é a época em que o mundo se liga pela tecnologia, mas que vive os efeitos também da globalização econômica que faz com que as fronteiras não sejam mais tão importantes quanto eram há tempos atrás. Num mundo aberto, sem fronteiras, tudo está tão ligado que uma crise econômica que afete um país pode

comunhão e cooperação. É ela que define o padrão doutrinário e unifica o esforço cooperativo dos batistas do Brasil.

¹⁰ A pós-modernidade trouxe muitos aspectos positivos, que devem ser ressaltados e valorizados. Entretanto, a intenção dessa pesquisa é apontar os aspectos negativos e suas influências sobre os jovens. Pesquisas posteriores podem debruçar-se sobre como os aspectos positivos desses tempos pode ser útil à juventude batista brasileira.

¹¹ BAUMAN, Z., **Globalização: as consequências humanas**, p. 85.

¹² **WhatsApp chega a 1 bilhão de usuários**. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/tec/2016/02/1736093-whatsapp-chega-a-1-bilhao-de-usuarios.shtml>. Acesso em 11 de fevereiro de 2017.

abalar seriamente outras economias, já que bancos e empresas investem simultaneamente em vários países ao redor do mundo.

Os efeitos culturais e sociais são percebidos em muitas partes do mundo. Em cada lugar, a realidade física, geográfica e social responde de maneira diversa a esse processo globalizante. Nem todos investem seu dinheiro no sistema bancário, mas todos sofrem os efeitos de uma desvalorização da bolsa. Nem todos têm acesso à rede mundial de computadores o tempo todo, mas a comunicação passa, via de regra, por ela. As coisas acontecem e muitos vão ficando de fora.

Dados oficiais do censo de 2010 do IBGE, dão conta de que havia então no Brasil 51,3 milhões de jovens de 15 a 29 anos de idade, o que equivale a cerca de um quarto da população do país¹³. Some-se a esses números a pesquisa realizada pela Secretaria Nacional de Juventude em 2013, que mostra que os jovens brasileiros estão divididos quase que igualmente entre homens (49,6%) e mulheres (50,4%). Onde a maioria se declara parda (45%), e quase três quartos da população jovem se declara cristã (83%), sendo católicos 56% e evangélicos 27%. A enorme maioria da juventude brasileira registrada na pesquisa mora nas cidades (85%). Apenas 11% estão considerados entre os que fazem parte dos estratos altos sob o aspecto da renda per capita¹⁴.

É uma geração jovem que tem tido acesso ao ensino superior, muitos deles já formados. Embora isso não signifique necessariamente inserção no mercado de trabalho. A taxa de desocupação entre jovens de 18 a 24 anos, que ficou em 16,8% em 2015, foi a que mais cresceu entre os grupos etários. Isto começa a preocupar especialistas em mercado de trabalho que vislumbram uma geração perdida em poucos anos. No ano de 2015 o salto na taxa de desemprego desse grupo foi de 4,7 pontos percentuais em relação a 2014 enquanto na média geral da população nas grandes metrópoles o aumento foi de 2 pontos percentuais¹⁵. Bem

¹³ Cf: SECRETARIA NACIONAL DE JUVENTUDE. **Pesquisa Nacional sobre Perfil e Opinião dos Jovens Brasileiros 2013**, pp. 16-21.

¹⁴ Os estratos baixos são os que ganham até R\$ 290,00/mês, os estratos altos ganham acima de R\$ 1.018,00/mês. Os valores intermediários são estratos médios. O recorte de renda segue o aplicado no estudo sobre estratos econômicos do Secretaria de Assuntos Estratégicos – SAE, Comissão para Definição da Classe Média no Brasil. Cf. SECRETARIA NACIONAL DE JUVENTUDE. **Pesquisa Nacional sobre Perfil e Opinião dos Jovens Brasileiros 2013**, p. 21.

¹⁵ Cf: **Taxa de desemprego entre pessoas de 18 a 24 anos dispara e ameaça geração**. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/mercado/2016/03/1746926-taxa-de->

formados e desempregados, cabe àqueles que podem pagar, cursarem cursos de pós-graduação na tentativa (nem sempre bem sucedida) de uma diferenciação. Aos que não têm recursos para tal, resta a opção de um emprego abaixo de seu potencial.

O mercado possibilita integração supranacional para uns, sem se preocupar necessariamente com aqueles que ficarão na periferia desse processo. Na sua maioria, os que ficarão de fora são os jovens. Se no passado muitos deixavam de estudar para seguir a vida do trabalho pela necessidade, muitos que hoje continuam sua vida acadêmica já sabem que seu futuro profissional não depende apenas de um bom diploma, mas de uma série de outros fatores que fogem de seu controle.

No que diz respeito a cultura, as juventudes atuais podem ser definidas por muitas possibilidades culturais. A quantidade de tribos, grupos e movimentos é grande demais para que se tenha a pretensão de defini-los. Para esta pesquisa algumas terão destaque por serem mais preponderantes por sua ocorrência e por seu contraste com o cristianismo, e aqui serão definidas como: a cultura do consumismo, a cultura do presente e a cultura do exibicionismo.

2.2.1 A cultura do consumismo

Vivemos um tempo regulado pelo consumismo. As pessoas e seu status são aquilo que podem ter. A vida das pessoas está voltada para o consumismo. Todos precisam consumir. Vive-se para isso. As desigualdades se evidenciam quando todo mundo pode desejar consumir, mas nem todos conseguem ser consumidores¹⁶. Assim, alguns terão condições de satisfazer seus desejos de consumo. A maioria, entretanto, ficará à margem.

Em realidade, os jovens são sujeitos de uma sociedade de consumo ostensivo e cujo traço principal é suscitar uma série de aspirações que, para a maior parte desse grupo populacional, não podem se tornar realizáveis e terminam em frustrações – o

desemprego-entre-pessoas-de-18-a-24-anos-dispara-e-ameaca-geracao.shtml. Acessado em 22 de abril de 2016.

¹⁶ Cf: BAUMAN, Z. **Globalização: as consequências humanas**, p. 93.

que faz da desigualdade social um elemento acentuadamente notável e vivenciado no dia-a-dia de inúmeros jovens.¹⁷

É preciso diferenciar consumo de consumismo. Desde sempre existe a necessidade de consumir. Não é o consumo em si, a dificuldade desse tempo, mas seu exagero e sua proeminência sobre outros aspectos, sobretudo a produção. Não se consome apenas o que é necessário, mas sobretudo o que é supérfluo. Mais uma vez, recorremos a Bauman que afirma:

De maneira distinta do consumo, que é basicamente uma característica e uma ocupação dos seres humanos como indivíduos, o consumismo é um atributo da sociedade. Para que uma sociedade adquira esse atributo, a capacidade profundamente individual de querer, desejar e almejar, deve ser tal como a capacidade de trabalho na sociedade de produtores, destacada (“alienada”) dos indivíduos e reciclada/reificada numa força externa que coloca “a sociedade de consumidores” em movimento e a mantém em curso como uma forma específica de convívio humano, enquanto ao mesmo tempo estabelece parâmetros específicos para as estratégias individuais de vida que são eficazes e manipula as probabilidades de escolha e conduta individuais¹⁸.

Na cultura do consumismo, tudo existe para ser consumido e mesmo os indivíduos são mercadorias. As pessoas tornadas produtos querem ser atrativas para a sociedade, para o mercado de trabalho e para os possíveis relacionamentos emocionais, afetivos e sexuais. Ao mesmo tempo que se expõem, tratam os outros como mercadorias a serem consumidas. Uma vez que a vontade está saciada, ou que haja oferta de algo mais atrativo, a mercadoria é descartada e substituída por outra. Assim tem funcionado as relações de trabalho, de relacionamento interpessoal e mesmo na família, a falta de afinidade ou o fim do amor tem sido justificativas para encerramentos de relacionamentos, logo superados por outro, e este por mais outro para que “a fila ande”.

Numa cultura de consumismo, um dos efeitos colaterais é o descarte ou desperdício. Exclui-se e elimina-se tudo aquilo que não se quer mais, ou que perdeu seu poder de atração. Descarta-se aquilo que ainda tem serventia, mas por ter se tornado obsoleto, precisa ser eliminado para dar lugar a algo “melhor”. Assim tem sido com carreiras, coisas e pessoas.

¹⁷CASTRO, M. G., **Quebrando mitos:** juventude, participação e políticas. Perfil, percepções e recomendações dos participantes da 1ª Conferência Nacional de Políticas Públicas de Juventude, p. 222.

¹⁸BAUMAN, Z., **Vida para consumo:** a transformação de pessoas em mercadoria, p. 41.

O consumismo é a pauta do mercado que traz novidades em ritmo alucinante, lança a venda produtos com cada vez menos durabilidade, já que precisam ser brevemente substituídos por outros. A economia vê esse movimento como um efeito positivo. O consumismo promove a movimentação constante do processo de produção e consumo, e isso movimenta a economia. Por outro lado, ao se tornar uma cultura, a obtenção de produtos mais novos, ou supostamente mais eficientes, não é mais o foco. O consumismo acaba por virar um fim em si mesmo.

Nessa cultura de consumismo, as pessoas e seus currículos precisam ser atrativos. O ideal de um profissional nem sempre é entender e fazer melhor seu trabalho, mas ser uma “mercadoria” mais atrativa a ser “consumida”. A velocidade com que um profissional torna suas credenciais obsoletas só aumenta e é necessária se manter “desejável” para o mercado. Isso tem sido a motivação de muitos jovens profissionais. É preciso que se discuta se são felizes com o que fazem, se acham sinceramente que suas tarefas são de alguma maneira sua contribuição para um mundo melhor.

Nesse tempo, as pessoas são consumidas. Os relacionamentos só duram enquanto houver a possibilidade de algum benefício¹⁹. O compromisso do casamento tem sido evitado entre outros motivos por simbolizar uma união sem fim, comprometida até as últimas consequências. Na cultura do consumismo não há espaço para firmar um acordo que valha na saúde e na doença. Alguém que nada tenha a oferecer, e que exija muita atenção e cuidado não cabe nessa perspectiva. Na mesma linha está o planejamento dos casais em terem filhos. Quanto mais independência e menos vínculos, mais livre para viver a própria vida, segundo os padrões da cultura do consumismo, o indivíduo estará.

Existe um reducionismo perigoso que as pessoas sofrem por causa do consumismo numa sociedade que vive em função do mercado financeiro, especialmente em tempos de crise financeira. Como bem alertou o Papa Francisco:

A crise financeira que atravessamos faz-nos esquecer que, na sua origem, há uma crise antropológica profunda: a negação da primazia do ser humano. Criamos novos ídolos. A adoração do antigo bezerro de ouro (cf. Ex 32, 1-35) encontrou

¹⁹ Cf: BAUMAN, Z., **Amor líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos, p. 8.

uma nova e cruel versão no fetichismo do dinheiro e na ditadura duma economia sem rosto e sem um objetivo verdadeiramente humano. A crise mundial, que investe as finanças e a economia, põe a descoberto os seus próprios desequilíbrios e sobretudo a grave carência duma orientação antropológica que reduz o ser humano apenas a uma das suas necessidades: o consumo.²⁰

A cultura do consumismo se mostra em muitos aspectos. Nos comportamentos sociais, relacionais e profissionais. Por ser tão abrangente, ela não poderia deixar de fora a igreja. Músicas e discursos estão disponíveis para serem consumidos, seguindo não mais o ritmo da igreja, mas o do mercado. As grandes gravadoras e editoras descobriram o filão que é o chamado “mercado gospel” e investem pesado em produtos, muitos deles vinculados a artistas, que fazem parte da cultura do consumismo, sob a pretensa desculpa de tratar-se de uma boa causa por ser cristão, mas movimentam um mercado bilionário.²¹

As igrejas tentam ser atrativas e em vez de anunciar seus valores, anunciam suas qualidades. Se utilizam da publicidade, criam logotipos atrativos e formam slogans que anunciam seu produto. O uso do rádio e da TV não é mais em função do aumento do número de ouvintes da mensagem. Há honrosas exceções, mas a grande maioria busca clientes para a organização, especialmente clientes que possam contribuir financeiramente. A chamada teologia da prosperidade faz uso dessa cultura de consumismo, embora nem sempre sejam os jovens os principais alvos de suas estratégias,

a teologia da prosperidade na verdade não passa de produto do capitalismo e da psicologia do sucesso que domina a maioria das nações industrializadas, mas atinge também as nações pobres. Ela é o produto de nosso próprio tempo e lugar – o tempo capitalista – e é, sem dúvida, uma reflexão: não à luz da Bíblia, mas de nossa autopreocupação.²²

Na cultura do consumismo o ser humano, criado à imagem e semelhança de Deus, é coisificado, transformado em mercadoria. Precisa fazer, ter e ser igual a todo mundo, do contrário estará fora do esquema vigente. A valorização de si

²⁰ FRANCISCO. **Evangelii Gaudium**, p. 55. Disponível em https://w2.vatican.va/content/dam/francesco/pdf/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium_po.pdf, acesso em 14 de novembro de 2016.

²¹ Cf. **Mercado evangélico cresce ao apostar em consumidor fiel**. Disponível em: <https://economia.terra.com.br/vida-de-empresario/mercado-evangelico-cresce-ao-apostar-em-consumidor-fiel,ccccff10d0f6156d00846f3f517978c3mgqxuxdu.html>. Acesso em 05 de janeiro de 2017.

²² ROSSI, L. A. S., **A Bíblia reinterpretada pela teologia da prosperidade**. In: Vida Pastoral, ano 56, n° 303, p. 24.

mesmo e do próximo tem sido relegada a segundo plano. Há uma inversão completa de valores. Esses valores têm influenciado os jovens e adentrado as igrejas. Estas, em vez de defenderem-se deles, tem aderido a eles cada vez e se moldando a uma cultura em que interessa atrair e agradar os “clientes”. Essa inversão de valores precisa ser corrigida.

2.2.2

A cultura do presente

Nesses tempos, não há preocupações com um futuro, uma vez que tudo se torna indefinido. O tempo atual é conhecido por alguns como um tempo líquido, quando nada é feito para durar e onde as coisas não tem tempo suficiente para se solidificar. Tudo é provisório e efêmero²³. O pensamento ou planejamento de longo prazo entrou em colapso. As informações adquiridas sobre o que deu certo no passado já não garantem a tomada de decisões corretas hoje. Assim como aquilo que era objeto de desejo há pouco e agora é descartado, também as formas de vida, de convivência, as perspectivas de futuro vão sendo abandonadas tão logo surja algo mais novo e mais atrativo.

Como dito acima, a indústria produz novidades em ritmo alucinante, quando a última novidade ainda não está plenamente assimilada, já surge outra. O tempo de vida útil dos produtos diminui, bem como seu encanto. É necessário que surjam outros produtos que ocupem o lugar de destaque para que a economia siga seu fluxo. Paralelo a isso, há um contingente de jovens ávidos por possuir e exibir suas aquisições, mesmo sabendo que aquele efeito para si e para os outros acabará em breve, tão logo surja algo que o supere.

Os jovens têm vivido a provisoriedade em todos os aspectos. Nada tem que ser definitivo. Mesmo o mercado de trabalho tem sentido essa tendência. O tempo médio em que um funcionário está vinculado a uma empresa é cada vez menor. As carreiras não têm sido mais para a vida toda. Não são poucos os casos de jovens formados que desistem de uma profissão e começam tudo de novo.²⁴ Não há a preocupação com quase nada que se queira manter pela vida toda. Poucos (ou quase ninguém) iniciam um emprego pensando em se aposentar nele. Nem mesmo

²³ Cf: BAUMAN, Z., **Tempos líquidos**. Rio de Janeiro : Jorge Zahar Ed., 2007. 119 p.

²⁴ Cf: **Como começar uma nova carreira**. Disponível em: <http://exame.abril.com.br/carreira/como-comecar-uma-nova-carreira/> Acesso em 11 de fevereiro de 2017.

no serviço público, onde a estabilidade no emprego é garantida, há esse anseio. Muitos concursados continuam estudando almejando um concurso com melhores condições de trabalho e salário.

Herdeiros de uma geração que contestou muita coisa desde os anos 1960, as juventudes atuais vivem uma liberdade conquistada pelos gritos de ‘É proibido proibir’ dos jovens europeus, que fizeram ecoar seu grito pelo mundo. Os que hoje são jovens nasceram numa esfera de anseio por liberdade, onde qualquer força que os prenda, ou os pretenda regular será objeto de desconfiança. Entretanto o anseio por liberdade põe em risco a própria segurança, já que como lembra Bauman: “A segurança e a liberdade são dois valores igualmente preciosos e desejados que podem ser bem ou mal equilibrados, mas nunca inteiramente ajustados e sem atrito.”²⁵ Ou seja, quanto mais se tem de um, menos se terá do outro.

A necessidade de ‘curtir a vida’, por vezes é muito maior que a percepção de perigos que rondam a juventude. A ânsia de aproveitar ao máximo a sua juventude tem feito de muitos vítimas de uma violência desmedida, que interrompe de maneira abrupta e estúpida a vida de milhares de jovens todos os anos. Dados oficiais mostram que:

Os homicídios são hoje a principal causa de morte de jovens de 15 a 24 anos no Brasil e atingem especialmente jovens negros do sexo masculino, moradores das periferias e áreas metropolitanas dos centros urbanos. Dados do SIM/DATASUS do Ministério da Saúde mostram que mais da metade dos 52.198 mortos por homicídios em 2011 no Brasil eram jovens (27.471, equivalente a 52,63%), dos quais 71,44% negros (pretos e pardos) e 93,03% do sexo masculino²⁶.

O interesse em prazeres intensos, mas momentâneos, tem levado alguns ao caminho sem volta dos vícios e empurrado alguns outros ao crime, seja de modo sistemático ou eventual. Como o valor está no presente, pouco se pensa no futuro e nas consequências posteriores dos atos praticados. Dessa forma é possível entender como a mais bem informada geração de todos os tempos contrai doenças sexualmente transmissíveis facilmente evitáveis, bem como vivem gravidezes indesejadas e abusam de drogas mesmo conhecendo a fundo todos os seus efeitos.

²⁵ BAUMAN, Z., **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**, p. 10.

²⁶ WASELFISZ, J. J., **Mapa da Violência 2013 – Homicídios e Juventude no Brasil**, p. 9.

Nem mesmo a igreja tem escapado desse tempo de volatilidade. Muitas pessoas são atraídas pelos grandes movimentos, seguem atrás de personalidades, buscam fazer parte do que está na moda. Mas tão logo surja outro movimento, o primeiro é deixado. O rigor com que as pessoas tratavam as instituições no passado sofreu uma ruptura. Não foi transmitido a contento a esta geração. Num mundo em que tudo se relativiza, também a relação com as instituições, e entre elas a igreja, têm sido afetadas. Quando não agradam mais, ou não ficam satisfeitos com os rumos do seu agrupamento religioso, migram para outro sem remorso.

O efeito da provisoriedade dessa cultura do presente na vida religiosa sugere um jovem comprometido com as relações cristãs em comunidade apenas enquanto tudo aquilo o agrada e atenda às suas expectativas. Uma vez que se sinta desconfortável ou desfavorecido, busca outra comunidade onde possa se aninhar, ou decide seguir sua vida religiosa de modo independente, os chamados “desigrejados”²⁷.

Num mundo em que nada é feito para durar, nem mesmo as relações humanas são mantidas por muito tempo. A rejeição ao compromisso do casamento funde duas culturas: a já citada cultura do consumismo e esta cultura do presente, em que o ideal é viver o mais intensamente possível sem preocupação com o que está por vir. Casamento e filhos são compromissos de longo prazo. Não se busca esse tipo de compromisso, especialmente na tradição cristã em que os votos matrimoniais sugerem um contrato vitalício. A busca predominante desses tempos líquidos modernos é pelo imediato.

No que diz respeito ao planejamento financeiro de curto prazo, a coisa não muda muito. A facilidade do crédito e do parcelamento leva em conta o que se quer consumir naquele momento. Nem sempre é lembrado nesse instante da euforia do consumismo imediato do presente, que as prestações e juros acompanharão o consumidor por muito tempo. E é possível que o que se comprou perca seu encanto ainda durante o pagamento das prestações.

²⁷ Cf: Para maiores informações sobre os chamados desigrejados, convém consultar: Cf: CAMPOS, I., **Desigrejados**: teoria, história e contradições do niilismo eclesial, pp. 177-189.

2.2.3 A cultura do exibicionismo

Graças à tecnologia, os jovens experimentam a possibilidade de estar em vários lugares ao mesmo tempo. Preferem viver experiências pela metade, mas vive-las em maior número possível. Na cultura da ostentação e do exibicionismo, tudo é fotografado e tornado público. Há uma necessidade de mostrar aos outros o que se está fazendo e vivendo. Bauman diz que vivemos:

uma sociedade notória por eliminar a fronteira que antes separava o privado e o público, por transformar o ato de expor publicamente o privado numa virtude e num dever públicos.²⁸

A tecnologia e as redes sociais ampliam a tendência exibicionista ao permitir que todos sem distinção tenham um mural público onde tudo é exposto: as viagens, momentos com os amigos, realizações pessoais e acadêmicas, chegando ao exagero de fotografar e publicar até o que se come.

Se no passado, os relacionamentos tinham como parte do processo a fase de conhecimento e conversas, que avançavam pelo namoro até que se chegasse à relação sexual, quando a intimidade de ambos era finalmente revelada, num mundo regulado pelo relógio, onde nada dura muito e onde não se pode perder muito tempo, já nos primeiros contatos se trocam fotos íntimas, e se determina de imediato se há ou não interesse. O ato de mandar ‘*nudes*’²⁹, mostra como a cultura deste tempo é exibicionista e consumista transformando de fato pessoas em mercadorias que precisam ser expostas, desejadas e, quando despertam interesse, ‘consumidas’ por outros. Quando o interesse se esvai, ambos se descartam mutuamente e recomeça todo o processo. Todo esse ciclo é desumanizante.³⁰

Numa cultura midiática, ganham mais influência aqueles que mais aparecem. Assim, todos querem ter seus momentos de destaque dando publicidade a seus feitos. Seja através das redes sociais, que atingem número reduzido de

²⁸ BAUMAN, Z., **Vida para Consumo: a transformação das pessoas em mercadorias**, pp. 9-10.

²⁹ Expressão que ficou bastante popular na internet, para o ato de enviar fotos sensuais nuas ou seminuas, principalmente por aplicativos de mensagens.

³⁰ Cf: LIBANIO, J. B. **Jovens em tempos de pós-modernidade: Considerações socioculturais e pastorais**, p. 69.

contatos, ou através da grande mídia. Todos buscam (e uns poucos conseguem) os tais quinze minutos de fama a que todos teriam direito.³¹

Vivemos em um mundo visual, em que a imagem quer dizer muito e não necessariamente precisa estar embasada na essência. Precisa-se parecer. Quanto a ser, a questão é outra. Aquilo que não aparece, que não é visto, simplesmente não existe ou não tem relevância.

Nessa mesma direção, pregadores e líderes eclesiais mais destacados são aqueles que mais tem visibilidade, mesmo que não sejam os mais preparados e até mesmo que não representem parte significativa da população da qual fazem parte e da qual se apresentam como porta-vozes. Nesse contexto, a invisibilidade é quase morte.

Essa tendência atinge em cheio a igreja e suas atividades internas quando muitos jovens apenas são atraídos por aquilo que gera visibilidade. Muitos querem ter destaque, aparecer. As missões de ‘bastidores’, a apresentação para número reduzido de pessoas, são descartadas e quando ocorrem, precisam ser notabilizadas e divulgadas para que o maior número possível de pessoas saiba o que está acontecendo.

No mercado eclesial evangélico, há uma tendência dominante pelas igrejas maiores, mais famosas e mais vistosas. Estas estão sempre cheias de jovens, mesmo que no meio de tal multidão muitos não sejam reconhecidos individualmente. Há uma tendência crescente que prioriza ser mais um no meio de uma multidão, desde que essa multidão tenha visibilidade do que ser importante em um ambiente menor, com menos publicidade, mas com maiores oportunidades de atuação.

Um efeito prático disso é um desequilíbrio nos Ministérios de Juventudes de uma mesma cidade, onde uns são numerosos e bem estruturados e em igrejas na mesma região, com a mesma realidade socioeconômica há uma grande dificuldade de desenvolver uma pastoral que seja relevante entre os jovens do entorno da igreja.

³¹ Cf: L. A. SILVA, L.A., **15 minutos de fama** : Andy Warhol e a hegemonia americana. Dissertação (mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, 2007.

2.3

As tendências das juventudes atuais

Um dos teólogos que melhor estudou e conviveu com as juventudes no Brasil foi o padre jesuíta João Batista Libânio. Ele assume que uma definição de comportamentos corre o risco de se perder em afirmações vagas. Para tanto, ele prefere utilizar o conceito de tendência porque “Ela permite captar melhor o movimento em que se encontram os jovens”³².

Assim, o que se tem é um parâmetro de como as coisas eram antes de o mundo ser tão liquefeito e para onde (parece que) as coisas estão indo. Em algum ponto desse trajeto estarão os jovens atualmente. É possível que em alguma tendência em específico estejam mais próximos da postura antiga ou da nova. Varia de caso a caso.

É preciso conhecer cada um à sua própria realidade afim de poder entender aqueles jovens do mundo em que estamos pastoralmente inseridos. As tendências, como delimitadas por Libânio serão descritas aqui para uma melhor compreensão dessa análise das juventudes, mostrando o movimento que as juventudes tem feito atualmente.

2.3.1

Tendências pessoais

Tempos atrás o desenvolvimento físico das juventudes era mais lento, hoje seu amadurecimento, por conta das responsabilidades nos mostram juventudes onde o desenvolvimento físico é cada vez mais acelerado, e que não necessariamente acompanha o amadurecimento psicoafetivo. Quando avança para o comportamento sexual, tal tendência se exprime em que haja muitas cabeças infantis em corpos adultos arriscando-se na aventura sexual sem ter consciência das responsabilidades que fazem parte dessa fase da vida. Isso acontece porque:

Em se tratando de jovens, a iniciação sexual, é socialmente percebida como rito de passagem, cujos contornos ainda não estão claramente definidos. Passagem para quê? Considera-se que a criança é dependente de uma cultura nucleada na família. Mas os adolescentes/jovens ao se iniciarem na sexualidade, passam a ser considerados, pelo menos nesse aspecto, como adultos. O jovem vive então a

³² LIBÂNIO, J. B., **Para onde vai a juventude?** Reflexões Pastorais, p. 9.

ambiguidade de ser então sexualmente adulto e em situações de dependência nas dimensões econômicas e familiares entre outras.³³

Como resultado de uma cultura do presente, temos um movimento de juventudes que prezavam o dinamismo projetivo, ou seja, que valorizavam o planejar o futuro e encaravam bem fazer certos sacrifícios visando um futuro mais confortável. Eram juventudes que valorizavam a felicidade sólida e permanente. A tendência aponta que caminhamos para juventudes voltadas apenas para o momento presente, o que Libânio chama de dinamismo explorativo.³⁴

Se nada mais tem que durar e, se as coisas são todas provisórias e passageiras, não há preocupação com o futuro, uma vez que este é incerto demais. No passado, um funcionário sabia o caminho a ser percorrido dentro da empresa até o fim da carreira; um membro era filiado à igreja local durante o tempo em que morasse em sua proximidade; as pessoas construía relações que tendiam a durar para sempre. Hoje relações virtuais são desfeitas com o clique do *mouse*, sem remorsos ou ressentimentos.

Por conta de uma cultura de valorização do presente, outras são as atitudes que as marcam decisivamente: aventuras sexuais e incursões no mundo da droga são vistas com naturalidade. A autoconsciência da mulher tem substituído uma cultura machista que acentuava a distinção sexual. A intimidade e os segredos têm dado lugar a uma cultura de exibicionismo em que tudo que se faz e pensa é público. Mas a culpa disso não é dos adolescentes e jovens, como lembra Bauman:

Os adolescentes equipados com confessionários eletrônicos portáteis são apenas aprendizes treinando e treinados na arte de viver numa sociedade confessional – uma sociedade notória por eliminar a fronteira que antes separava o privado e o público, por transformar o ato de expor publicamente o privado numa virtude e num dever públicos, e por afastar da comunicação pública qualquer coisa que resista a ser reduzida a confidências privadas, assim como aqueles que se recusam a confidenciá-las.³⁵

Os jovens de tempos atrás ouviam mais do que falavam, já que não lhes era dada a chance de falar. Com as mudanças culturais e sociais ocorridas a partir dos anos 1960, os jovens tomaram a palavra e não querem mais abrir mão desse

³³ ABRAMOVAY, M; CASTRO, M. G.; SILVA, L. B., **Juventudes e sexualidades**, p. 69.

³⁴ Cf: LIBANIO, J.B., **Para onde vai a juventude?** Reflexões Pastorais., p. 17.

³⁵ BAUMAN, Z., **Vida para consumo: a transformação de pessoas em mercadoria.**, pp. 9-10.

direito. Apesar de lerem pouco, e conseqüentemente terem vocabulário reduzido, escrevem de forma abreviada, e “não tem madureza para falar, mas falam.”³⁶

A internet tem dado espaço para que qualquer um possa falar sobre qualquer coisa, inclusive acerca daquilo de que nada entende. Umberto Eco ao receber o título de doutor honoris causa na Universidade de Turim disse algo nesse sentido:

As mídias sociais deram o direito à fala a legiões de imbecis que, anteriormente, falavam só no bar, depois de uma taça de vinho, sem causar dano à coletividade. Diziam imediatamente a eles para calar a boca, enquanto agora eles têm o mesmo direito à fala que um ganhador do Prêmio Nobel³⁷

A geração mais bem informada de todas tem acesso a informação em tal quantidade e velocidade que não consegue mais processar tudo o que sabe. Vê apenas flashes do que ocorre. Apesar disso, formula opinião sobre quase tudo. Uma vez que tudo precisa ser visível, essas opiniões sem embasamento ganham destaque mundo afora.

Um fator em crescimento é a intolerância que surge em alguns grupos de pensamento político ou sociológico que chega ao limite de romper relações sociais (ainda que virtuais) com pessoas que tem opinião contrária. Criam uma polarização em que os extremos são exacerbados e não se abre espaço para a opinião do outro.

2.3.2 Tendências na vida escolar

O modelo antigo de aprendizado em que o aluno apenas aprendia o que o professor ensinava, mudou para um cenário de troca de saberes³⁸, que gera uma pedagogia crítica bem mais interessada pelo saber teórico e pela leitura. Soma-se a isso a linguagem da internet, abreviada, cifrada onde as pessoas tem cada vez mais informação e menos concentração em aprofundar-se nos textos e assuntos mais longos. O valor da autonomia é sem dúvida conquistado pelas juventudes, mas perde-se em consequência disso as riquezas da tradição. A nova geração empobrece com isso.

³⁶ LIBÂNIO, J.B., **Para onde vai a juventude?**, p.74.

³⁷ **5 frases memoráveis do escritor Umberto Eco sobre redes sociais e tecnologia.** Disponível em: <http://epoca.globo.com/vida/noticia/2016/02/5-frases-memoraveis-do-escriptor-umberto-eco-sobre-redes-sociais-e-tecnologia.html>. Acesso em 11 de maio de 2016.

³⁸ Cf: FREIRE, P., **Pedagogia do Oprimido**, p. 68.

A vida escolar não é levada com a seriedade de outrora. Professores sofrem com más condições de trabalho e salários, desestimulam-se da própria profissão e vocação, fazendo seu trabalho de modo burocrático que não desperta o interesse criativo dos alunos, que chegarão ao fim de sua jornada escolar sem as condições necessárias para relacionar assuntos, ou aprofundar-se em questões a serem discutidas.

Muitos seguem até o fim sua vida escolar sem saber para que se aplicam boa parte do que foram obrigados a aprender. Há um contingente gigantesco de pessoas incapazes de ler e entender textos um pouco mais complexos.³⁹ A escola ganhou de uma hora para outra a responsabilidade que cabe à família de educar e disciplinar. Embora esta tenha sido a realidade dos anos da ditadura no Brasil onde além da Ordem Unida e do canto do Hino Nacional, constava do currículo escolar a disciplina de Educação Moral e Cívica. Hoje não mais se obriga a tudo isso, mas as famílias livremente abrem mão de suas responsabilidades transferindo-as aos professores que não podem, e nem devem, assumir outras funções que não as de proporcionar a possibilidade de um aprendizado de conteúdo aplicável à vida. Valores, moral e ética devem ser ensinados pela família. Muitos dos que não os aprendem desde cedo, uma hora constituem famílias, aumentando o problema que a escola enfrenta sob a forma da indisciplina.

2.3.3 Tendências nas relações comunitárias

Antes as famílias se encontravam e dispunham de tempo na companhia uns dos outros. Hoje a realidade é individualista e os papéis de pais e filhos não estão bem definidos. Numa sociedade em que todos querem ser jovens, os adultos se infantilizam na tentativa de serem mais amigos que pais dos próprios filhos.

Os filhos têm se tornado independentes dos pais, mais do que antes quando cedo assumiam as responsabilidades inerentes ao casamento, mas mantinham vínculos com a família de origem. Hoje, há autonomia e independência quanto às

³⁹ Cf: **Analfabetismo funcional atinge 70% da população economicamente ativa.** Disponível em: <http://novotempo.com/jornalismo/analfabetismo-funcional-atinge-70-da-populacao-economicamente-ativa/> Acesso em 10 de janeiro de 2017.

ações. Não querem de maneira nenhuma interferência em suas vidas, mas paradoxalmente continuam pragmaticamente vivendo na casa dos pais pelo maior tempo possível.

O matrimônio perdeu a sua concepção romântica para uma visão realista, baseada em boa medida na experiência de jovens nascidos em famílias das mais diferentes constituições. Na prática, o amor em tempos atuais segue a linha do célebre soneto de Vinicius de Moraes: “Que seja infinito enquanto dure”⁴⁰. Os filhos são adiados o máximo possível para que não atrapalhem o casal de viver a vida, estudar e viajar.

No que diz respeito ao trabalho, percebe-se o fim de um modelo em que havia passagem tranquila e normal da sociedade, da escola e de casa num ambiente que assegurava disciplina e inserção no mundo do trabalho para um modelo novo, anômalo, sem lugar para o jovem onde o futuro e o trabalho são cada vez mais incertos.

Na igreja as relações de convivência que eram cultivadas não são mais uma realidade presente. Se antes a igreja era uma comunidade local formada pelas pessoas que viviam em seu entorno, e que se encontravam com frequência, o panorama mudou. Muitos tem estado ausentes por causa dos compromissos profissionais e/ou acadêmicos. Outros tantos só participam das celebrações sem investir tempo em conhecer e conviver com os irmãos de fé que frequentam a mesma comunidade. Há ainda a realidade atual de muitos residirem longe das igrejas que frequentam por razões as mais variadas.

2.3.4 Tendências no mundo cultural

A consciência ética, histórica e utópica das gerações da década de 1960, vai se esvaindo devido a acentuação extremada do presente. A concentração no prazer tem cada vez mais intensidade. Em termos filosóficos, a verdade tem sido cada vez mais substituída pela beleza e pela estética. Vivemos hoje uma cultura em que o bonito é mais importante do que o verdadeiro. A verdade tem sido cada vez mais relativizada. As opiniões individuais são mais importantes do que as coisas

⁴⁰ MORAES, V., *Antologia Poética*, p. 67.

são por elas mesmas. Essa mudança de comportamento pode ser atribuída à perda do sentido da normatividade da natureza, que foi substituída pela tecnologia⁴¹.

A cultura ocidental tradicional não tem sido mais o alimento dos jovens. Essa cultura que sempre foi muito marcada pela dualidade, hoje experimenta a predominância da busca pela conciliação, pela unidade que chega às margens de um monismo oriental. Apesar dessa busca de pensamento unificante de influência oriental, paradoxalmente, há em todos os campos um pesado sentimento de fragmentação.

A vida mais centrada, estável, de outrora perde a vez e cede espaço para uma existência sedenta de perigo onde os jovens se aventuram e se arriscam nas áreas da sexualidade, da violência e da droga, chegando mesmo às raias da criminalidade. O lazer não está mais relacionado à natureza, tudo agora está ligado ao mundo da eletrônica. Os sons da natureza não são mais a trilha sonora da vida. O que agora embala a vida das juventudes são músicas barulhentas e ruidosas preferencialmente amplificadas por recursos eletrônicos.

A literatura clássica há tempos saiu da lista de livros mais lidos. A música clássica foi substituída pela música popular e essa por uma música que não gera reflexão e nem comenta os problemas da vida. Trata apenas de futilidades ligadas ao sexo sem compromisso, apologia a uma vida sem regras cujo único objetivo é aproveitar o momento. Não há muito interesse pela pintura e pela escultura. A poesia é predominantemente pessoal, não se liga mais a discussões sobre a sociedade ou sobre política. O teatro e o cinema quando trazem reflexão e crítica não geram a discussão que poderiam.

2.3.5 Tendências no mundo religioso

Nesse campo, as juventudes oscilam entre dois extremos: de um lado a secularização que faz os jovens cada vez mais alheios à esfera religiosa. E por outro lado, há uma crescente procura por parte dos jovens de expressões religiosas surgidas no próprio Brasil, assim como um aumento significativo dos movimentos neopentecostais evangélicos e carismáticos católicos. As práticas religiosas

⁴¹ Cf: LIBANIO, J.B., **Para onde vai a juventude?** In: Vida Pastoral, ano 54, nº 288, p. 20.

tradicionais perdem espaço para um modelo em que cada um escolhe suas práticas conforme a necessidade e o gosto do momento.

Seja na forma secular, ou em sua configuração neorreligiosa, o conceito de Transcendência como o totalmente outro, perdeu um pouco de seu encanto e cada vez mais se imanentiza, trilhando um caminho pela interioridade das pessoas ou do cosmos. Nesse processo é evidente a influência de uma mística ecológica panteísta.

Uma espiritualidade sólida e comprometida dá lugar a algo explosivo e de curto prazo. Sacia a afetividade, mas não alimenta para o crescimento na fé. A consciência de culpa e de pecado se torna cada vez mais efêmera e marca cada vez menos as juventudes. Vive-se uma época de um quase “vale-tudo” religioso.

Há aqueles que em vez de buscarem uma filiação religiosa qualquer que seja, abraçam o relativismo de maneira integral e seguem seus próprios preceitos colhendo elementos de uma e de outra fé religiosa sem fechar questão com nenhuma delas. Temos vivido uma época com forte inclinação para o secularismo. E os mais afetados por essa inclinação são os jovens. Como bem assinalou o Papa Francisco na Encíclica *Evangelii Gaudium*:

O processo de secularização tende a reduzir a fé e a Igreja ao âmbito privado e íntimo. Além disso, com a negação de toda a transcendência, produziu-se uma crescente deformação ética, um enfraquecimento do sentido do pecado pessoal e social e um aumento progressivo do relativismo; e tudo isso provoca uma desorientação generalizada, especialmente na fase tão vulnerável às mudanças da adolescência e juventude.⁴²

Nem tudo é negativo nesse mundo moderno. O ecumenismo tem sido trabalhado, pensado e valorizado. Se no passado, havia uma tendência (sobretudo na Igreja Batista) de isolamento em relação aos demais grupos, bem como de rejeição de suas doutrinas que levavam “bons” batistas a recusar a comunhão da Ceia do Senhor com protestantes de outros arraiais⁴³, hoje a tendência é de maior aceitação dos outros para a o diálogo e cooperação.

⁴² FRANCISCO. **Evangelii Gaudium**, p. 64. Disponível em: https://w2.vatican.va/content/dam/francesco/pdf/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium_po.pdf acesso em 03 de dezembro de 2016.

⁴³ O pastor João Falcão Sobrinho contava que o Congresso Internacional para a Evangelização Mundial, realizado em Lausanne, Suíça em 1974 (da qual ele havia participado) foi encerrado com uma grande celebração da Ceia do Senhor. Os batistas brasileiros presentes recusaram participar da ceia com crentes de outras filiações cristãs.

Há uma mudança de perspectiva também quanto a atuação. Se antes a ideia era mobilizar as juventudes para a tarefa evangelística, hoje a ideia predominante é fazer as juventudes cristãs relevantes na sociedade e no mundo que gerem discussão, mas também que atuem nas áreas sociais e políticas.

2.3.6 Tendências na sociedade e na política

Uma sociedade rural com horizontes até certo ponto estáveis dá lugar a uma sociedade de conhecimento móvel em alto grau e flexível ao extremo. Os jovens têm sido convocados a assumir compromissos, mas os canais de participação têm se mantido fechados a eles. Os jovens, que outrora foram controlados em seu ímpeto transformador pela repressão policial, hoje o são pela via do aburguesamento e do consumismo, que tem formado uma geração aprisionada na busca do prazer, da festa e das aventuras sem cunho político. Mesmo a criatividade tem sido abafada. São necessários espaços e movimentos que a incentivem.

A desconfiança, a desilusão com a política,⁴⁴ a sensação de comodismo tem dado espaço para um envolvimento mínimo quando alguma causa em especial extrapola alguns parâmetros e exige envolvimento, mas sempre algo pontual que não tem a ver com uma prática de vida engajada com a política e com os acontecimentos. Têm pautado as juventudes desse tempo o apego à estética que antes era renegado em nome de um desapego a questões triviais e envolvimento com questões cruciais.

Nesta tendência se unem muitos fatores antes citados: uma geração que pouco se aprofunda nas informações que estão disponíveis e que opina sobre quase tudo, prefere mobilizar-se num engajamento virtual. Suas opiniões e ações são em geral via internet na comodidade e segurança da própria casa. A coragem e as convicções expressas sob um falso anonimato virtual nem sempre se mostram com a mesma intensidade na vida real.

As coisas mudam de figura quando a situação atinge diretamente o jovem, ou quando o movimento de insatisfação não pode mais ficar contido no quarto ou

⁴⁴ Cf: LIBANIO, J.B., **Jovens em tempos de pós-modernidade: Considerações socioculturais e pastorais**, p. 34.

ser expresso apenas por comentários e *posts* na internet, aí sim parte-se para a ação. Foi assim nas manifestações populares de 2013:

Tal atitude dos jovens em sair às ruas, vista como surpreendente, talvez se configure na quebra de um clichê sobre a juventude brasileira, uma vez que tal comportamento desestabilizou, confundiu e mexeu com uma imagem naturalizada, nos últimos tempos recorrente, de juventude amorfa, abúlica e “alienada”. Sendo assim, me parece que as identidades jovens expressaram, neste evento, um novo/outro posicionamento que foi mostrado, divulgado, repercutido pelas lentes da mídia.⁴⁵

A desconfiança com relação à política faz com que jovens sem histórico familiar de participação política eleitoral permaneçam desinteressados em envolver-se com partidos, mesmo que sejam simpáticos a suas ideologias. A discussão política não é mais o tema das conversas dos jovens. Parece que essa é uma geração inédita de jovens: aqueles que sabem que não vão conseguir mudar o mundo.⁴⁶ As gerações anteriores com suas lutas e desgastes, ao menos isso, conseguiram ensinar.

A conjuntura política brasileira ajuda a explicar o desinteresse da atual geração pelo tema. A classe política é desacreditada e desmoralizada como nunca. Muitos são os escândalos, denúncias de má gestão e corrupção. Muito dinheiro público gasto e pouca melhora na qualidade de vida da população em geral. A quantidade exagerada de partidos políticos sem que seja possível explicar quais suas diferenças ideológicas tornam a discussão ainda mais complicada.

2.3.7 Tendências no mercado de trabalho

A geração atual de jovens tem acesso à informação, à conectividade com o resto do mundo, a conhecimentos e possibilidades ao alcance de um clique. Graças também a mudanças sociais ocorridas na sociedade brasileira, uma grande maioria pode fazer planos de acessar uma formação superior ou de nível técnico. A formação profissional e a constante atualização tem sido uma exigência do

⁴⁵ BARBOSA, L.F., **De manifestantes a vândalos, de black blocs a ninjas** – as narrativas midiáticas reinventando a juventude nas manifestações de junho de 2013 no Brasil. Disponível em: http://www.anpedsul2016.ufpr.br/wp-content/uploads/2015/11/eixo11_LI%C3%89GE-FREITAS-BARBOSA.pdf acesso em 06 de dezembro de 2016.

⁴⁶ Apropriadamente perguntaria o poeta de Brasília: “Até bem pouco tempo atrás, poderíamos mudar o mundo. Quem roubou nossa coragem?”

mercado em tempos de globalização. Esbarra-se entretanto com uma questão crucial: a absorção da mão de obra qualificada porém inexperiente das juventudes pelo mercado de trabalho.

É comum encontrar no mercado de trabalho jovens que exercem funções que não estão relacionadas ao que estudam ou no que se formaram. Em pesquisa divulgada pela UNESCO no Brasil em 2006, 61,3% dos jovens não trabalhavam com o que estudam ou estudaram⁴⁷. Decorre disso que a tal falta de experiência, apesar da formação, continuará existindo. Na mesma pesquisa, há a percepção clara dos jovens de que, quando comparada sua geração com a dos seus pais, 79% dizem que hoje existem mais e melhores condições de estudar, ao passo que 55% avaliam ser pior para conseguir trabalhar⁴⁸.

Um mercado instável, que vive à mercê de tantos fatores, que nem os especialistas conseguem dar conta, vende a ideia de que todos poderão alcançar seu lugar nessa estrutura. Ocorre que nem sempre o preparo formal garante inserção e permanência. Nem todos conseguem seu espaço. Muitos, sobretudo os mais pobres caem no mercado informal, sem garantias nem direitos. Uma saída almejada por muitos é o funcionalismo público, uns poucos dão vez ao espírito empreendedor e buscam abrir e (tentar) manter seus próprios negócios.

Embora a grande maioria dos novos empreendedores que ficaram bilionários com o mercado de internet são jovens, estes são muito poucos e a grande maioria deles nascidos em famílias que permitiram que estudassem em boas escolas sem se preocupar com ter que trabalhar e estudar paralelamente. Estes alcançaram o ideal buscados por uma verdadeira multidão pelo mundo. Enquanto alguns o atingirão, outros nunca tentarão, ficarão apenas no sonho.⁴⁹ Esse é apenas um dos muitos desafios para os ministérios de juventudes hoje.

⁴⁷ Cf: ABRAMOVAY, M.; CASTRO, M.G., **Juventude, Juventudes**: o que une e o que separa, p. 205.

⁴⁸ Cf: ABRAMOVAY, M.; CASTRO, M.G., **Juventude, Juventudes**: o que une e o que separa, p. 384.

⁴⁹ Cf: BAUMAN, Z., **Globalização**: as consequências humanas, p. 93.

3

O que já foi feito acerca da Juventude Batista Brasileira?

Desde que existem batistas no Brasil, existem jovens batistas. Eles constituem parte importante e atuante das igrejas locais. A ênfase de todo protestantismo de missão, e particularmente das igrejas batistas, é a ação evangelizadora. Ganhar almas é o alvo. A Declaração Doutrinária da CBB diz que: “A missão primordial do povo de Deus é a evangelização do Mundo”.⁵⁰

O problema às vezes se instala quando as almas dos jovens alcançados precisam ser pastoreadas e acompanhadas em suas caminhadas de fé. Mais do que a ação apologética e de formação doutrinária, existe a necessidade de acompanhar o processo de crescimento cristão. A missão de Jesus não era apenas pregar indistintamente, mas fazer discípulos integrados à igreja (Mateus 28,19). O que Ele pede de Pedro depois da ressurreição é que as ovelhas de seu rebanho não deixem de ser apascentadas (João 21,15).

A atuação dos batistas do Brasil junto aos jovens foi, desde sempre, marcada pela ênfase evangelizadora. A ação pastoral não ficou necessariamente relegada a segundo plano, mas não havia uma pastoral específica voltada para entender e atender as demandas e preocupações das juventudes ao longo da história. Conhecer o processo de construção de uma ação pastoral para juventudes no contexto batista nos ajuda a perceber o longo caminho que já foi percorrido, bem como entender melhor a situação em que as juventudes batistas chegaram ao século XXI.

Todas as organizações, departamentos e Juntas criadas para atuar com as juventudes tiveram a seu tempo suas dificuldades internas e externas que não permitiram uma continuidade sólida e crescente de um trabalho. A atuação só não acabou porque cada igreja local, de modo independente, e muitas vezes autodidata, desenvolveu suas próprias ferramentas para agir de forma pastoral junto a suas juventudes. Entretanto, muitas das boas soluções locais não foram compartilhadas para além de seus próprios arraiais, fazendo de alguns ministérios de juventudes ilhas de bons resultados em um entorno de dificuldades. Além do que, em muitos casos, nem mesmo nas igrejas locais, houve continuidade da linha

⁵⁰ SOUZA, S. O., (org.), **Pacto e Comunhão**, p. 28.

trabalho por conta da mudança de liderança, que por não deixarem nada escrito ou sistematizado, e viram seu trabalho ser encerrado.

3.1 Os jovens na história dos batistas no Brasil

Antes mesmo da fundação da Convenção Batista Brasileira (CBB), já havia entre os batistas uma preocupação com os jovens. Num primeiro momento, essa preocupação mantinha o padrão daquilo que sempre norteou as ações dos batistas do Brasil: Evangelismo e treinamento de novos líderes para as igrejas. A atenção dedicada aos jovens era para conseguir alcança-los com a mensagem do Evangelho, e uma vez integrados à Igreja, que pudessem desenvolver sua liderança de modo a dar continuidade à missão da Igreja, onde quer que houvesse necessidade.

A iniciativa pioneira veio de dois dos primeiros missionários em território nacional, Zachary Clay Taylor e Salomão Luiz Ginsburg. A proposta era uma adaptação do trabalho que já existia nos Estados Unidos. Não havia necessariamente uma preocupação pastoral. A intenção era pregar o evangelho e converter almas. Essa era a tônica do início do trabalho batista no Brasil e por conseguinte, do trabalho desenvolvido com as juventudes. Em grande medida, essa tendência somente evangelizadora se manteve por muito tempo, e em alguns casos, ainda há traços dela que permanecem por aí.

Os dois missionários pioneiros foram também fundadores da Convenção Batista Brasileira. Junto com a fundação da Convenção, em 1907, foram criadas várias Juntas e Comissões, a maior parte delas visando o evangelismo. Um desses órgãos criados foi a Junta da União de Mocidade Batista⁵¹, da qual Taylor e Ginsburg faziam parte, este como secretário correspondente e tesoureiro. Junto com Ginsburg compunham a coordenadoria da União de Mocidade Batista outros seis membros: três missionários americanos e três brasileiros⁵².

Apesar do prestígio de Ginsburg, devido a sua atuação missionária, ele demorou a convencer as igrejas que a iniciativa de criar uma União de Mocidade

⁵¹ Cf. O JORNAL BATISTA, de 4 de Julho de 1907, p. 2.

⁵² De acordo com O JORNAL BATISTA, de 16 de Janeiro de 1958, p. 3, compunham a comissão: os missionários Zachary Taylor, Robert Pettigrew, Ernesto Jackson e Salomão Luiz Ginsburg. Os três brasileiros eram Henrique Gonçalves, Manuel Inácio Sampaio e João de Matos.

local não era a criação de um mero clube de jovens. Pela falta de apoio, e de investimento no potencial das juventudes, Ginsburg ficaria no cargo mais uns poucos anos. Na convenção de 1914, realizada no Rio de Janeiro, Salomão Ginsburg apresenta o seguinte parecer sobre a questão do trabalho da Mocidade:

Parecer sobre a Mocidade Baptista - Infelizmente não há organização geral para desenvolver este importante ramo de trabalho da nossa Convenção. Temos trabalhos isolados aqui ou acolá, com um ou outro nome, espalhados pelo *Brazil*; porém um trabalho unido, nacional, como o que planejou o *incançavel* e abnegado Dr. Z. C. Taylor, não temos. Entretanto o tempo para isto já chegou e felizmente já temos alguns obreiros que já se interessam a esse respeito e estão dispostos para fazer alguma coisa para solver o grande problema de educar e aproveitar a nossa mocidade. Um dos que mais tem feito nesta obra e com *excellentes* resultados é o irmão Loren M. Reno, e para podermos dar início a este importante ramo de *acção recommendamos* que a Convenção encarregue o irmão Reno para iniciar esta obra, escolhendo companheiros e organizando uma *comissão* que possa agir de acordo com a Junta da Casa Publicadora e na Convenção p. f., nos apresente um plano de *acção d'accordo* com as necessidades que *elle* julgar convenientes. Rio, 26-6-14. SALOMÃO L. GINSBURG⁵³

O parecer de Ginsburg é aprovado e Loren M. Reno, se torna o novo executivo da Junta de Mocidade. Reno enfrenta as mesmas dificuldades de seu antecessor. Um de seus primeiros projetos é a criação de uma organização geral para a mocidade batista. Esse projeto só se torna realidade dezoito anos depois de lançada a ideia, quando a Assembleia Geral da Convenção se reuniu em Vitória, cidade onde Reno residia, e aprovou a criação de uma Assembleia Anual da Mocidade Batista Brasileira, a ser realizada sempre um dia antes e no mesmo lugar onde seria realizada a Assembleia Geral da CBB⁵⁴.

É na gestão de Loren Reno, que a partir de novembro de 1919, os jovens batistas passam a contar com a Revista Mocidade Batista⁵⁵. Ele mesmo a preparava e a Casa Publicadora a imprimia. Além da revista, surgiu também um livro chamado 'Estudos sobre Evangelismo' que era usado nas Uniões de mocidades das igrejas locais. A preocupação denominacional com os jovens continuava a mesma: foco intensificado, embora não exclusivo no Evangelismo. Loren Reno era educador e diretor do Colégio Batista Americano de Vitória. Ele

⁵³ CONVENÇÃO BATISTA BRASILEIRA: Actas da 8ª reunião annual. Rio de Janeiro: casa Publicadora Baptista do Brasil, 1914. p. 12.

⁵⁴ Cf: CONVENÇÃO BATISTA BRASILEIRA: Actas e relatórios da 20ª reunião. Rio de Janeiro: casa Publicadora Batista do Brasil, 1933. p. 25.

⁵⁵ Cf: PEREIRA, J. R., **História dos Batistas no Brasil**, p. 154.

tinha uma preocupação muito grande em criar meios de treinar os líderes de jovens em suas atividades.

3.2 A Junta de Escolas Dominicais e de Mocidade

Apesar do empenho desses primeiros líderes, não era fácil convencer os demais da necessidade de um trabalho pastoral com os jovens. Os investimentos financeiros e humanos não eram adequados ao tamanho da tarefa. Em 1922, Loren Reno relata à Convenção as dificuldades no desenvolvimento do trabalho específico com jovens e afirma que sem os recursos necessários, a opção seria entregar a atuação junto a mocidade para a Casa Publicadora. Por se tratar de assunto importante, foi criada uma comissão para estudar o assunto. O parecer da comissão dizia que era necessária a continuidade da Junta de Mocidade e que a Convenção deveria fornecer o apoio necessário. A Assembleia da Convenção não aceita o parecer e promove a junção da Junta de Mocidade com a Junta de Publicação e a de Escolas Dominicais, criando a Junta de Escolas Dominicais e de Mocidade (JEDM)⁵⁶.

A fusão teve seus aspectos favoráveis para as juventudes batistas de então. A Casa Publicadora garantia a impressão periódica das revistas. Era também possível investir nos estudos que eram oferecidos nas lições. Para auxiliar os líderes de jovens das igrejas com suas uniões, foi traduzido do inglês um ‘Manual da U.M.B.⁵⁷’.

Independentes da organização central, surgiram nos anos 1920 algumas organizações que queriam manter vivo o trabalho junto a mocidade atendendo aos anseios dos jovens. Movimentos desse tipo surgiram no Rio de Janeiro, em São Paulo e em Pernambuco. Em 1926 surge, também de modo independente, a Liga das Uniões. Todos esses movimentos demonstram que os jovens queriam pensar e agir por eles mesmos as atividades que envolviam as juventudes.⁵⁸

A primeira assembleia geral da Mocidade Batista Brasileira mostrava que as juventudes queriam ter sua autonomia naquilo que lhes dizia respeito e nos

⁵⁶ Cf: CONVENÇÃO BATISTA BRASILEIRA: **Actas e relatórios da Convenção Batista Brasileira**, p. 27.

⁵⁷ União de Mocidade Batista.

⁵⁸ Cf: MANUAL DA UNIJOVEM: **Uma nova filosofia de ministério**, pp. 23-24.

assuntos institucionais da Convenção ligados a eles. Como previsto, a Assembleia durava apenas um dia, mas já mobilizava jovens de todo o Brasil. A Convenção ainda não estava convencida da necessidade de uma Junta com maior autonomia para tratar dos assuntos das juventudes. Já na segunda assembleia geral da Mocidade realizada em 1939, surge um órgão oficial de comunicação, ‘O Jovem Batista’.⁵⁹

Os jovens começam a ganhar espaço a partir de 1940. As atividades especiais para os jovens dentro da Junta de Escolas Dominicais e de Mocidade eram então desenvolvidas pelo Pr. Walter Kaschel. Em 1942 Jurandir Cunha e José dos Reis Pereira passam a integrar a JEDM na condição de representantes das juventudes nos assuntos ligados ao trabalho jovem. A influência dos jovens nas atividades que lhes cabiam crescia de modo que, em 1945, Ernesto Soren, que era àquela altura presidente da Assembleia da Mocidade, acompanhado de outros jovens, propõe à Convenção a volta da antiga Junta de Mocidade. A Convenção nega o pedido⁶⁰.

Com os jovens pressionando por espaço nas decisões denominacionais, em 1946 a CBB cria o Conselho Nacional de Mocidade Batista dentro da JEDM, que, entre outras atribuições, cuidaria das estratégias das Uniões de Treinamentos de jovens e adolescentes. Posteriormente, no âmbito da JEDM foram criadas outras Uniões de treinamento, para pré-adolescentes, chamados de juniores; e para adultos, sempre com o objetivo de formar pessoas capacitadas para trabalhar nas atividades cotidianas da Igreja, sobretudo os cultos públicos no templo e a evangelização.

Jovens do Rio de Janeiro e de São Paulo se uniram em torno do projeto da realização de um congresso de jovens das duas regiões. A ideia é bem acolhida pelo Conselho de Mocidade e pela JEDM. Assim, em 1949 é realizado no Colégio Batista do Rio de Janeiro o primeiro Congresso da Mocidade Batista Brasileira. Inspirados nos acontecimentos pós Segunda Guerra Mundial, o tema do Congresso foi ‘Com a Bíblia, um mundo novo’. Apesar das dificuldades de

⁵⁹ Cf: MANUAL DA UNIJOVEM: **Uma nova filosofia de ministério**, pp. 23-24.

⁶⁰ Cf: PEREIRA, J. R., **História dos Batistas no Brasil.**, p. 280.

mobilizar jovens para o congresso e de financiamento⁶¹, a noite de abertura do congresso contou 324 inscritos⁶².

Nos anos 1950 foi novamente lançada a ideia de uma Junta de Mocidade independente da JEDM. Mas a comissão nomeada pela CBB na assembleia geral realizada em 1956 para discutir o assunto, na Assembleia de 1957, deu parecer contrário. A proposta alternativa, aprovada depois de muita discussão, foi, na prática, uma intervenção na Junta de Escolas Dominicais e de Mocidade que tinha sido contrária a ideia. A Convenção votou que a junta passasse a ter 21 membros, e cinco deles seriam representantes da Mocidade⁶³. A tarefa deles era preparar um projeto de estruturação da Junta de Mocidade a ser apresentado na Assembleia Geral da CBB que se reuniria em 1958 na Igreja Batista dos Mares em Salvador na Bahia.

Durante o ano de 1957, os jornais preparados pela Mocidade e também o Jornal Batista deram bastante ênfase ao assunto, especialmente depois de realizado o IV Congresso Nacional da Mocidade Batista em Vitória em julho de 1957. No congresso, o assunto da criação de uma Junta de Mocidade foi discutido. Além disso, foi votado um pedido a ser encaminhado à CBB. Um texto escrito pelo Pastor José dos Reis Pereira, entusiasta da ideia da criação da Junta, foi divulgado entre os participantes do congresso. Aquele era o terceiro evento com maior número de representantes na história batista do Brasil e o maior fora do Rio de Janeiro⁶⁴. A ideia de encaminhar proposta a Assembleia da CBB pedindo a criação da Junta de Mocidade foi aprovada por mais de 800 votos a favor e apenas 10 contrários⁶⁵.

Em diversas ocasiões o assunto foi trazido à discussão pública através de artigos e entrevistas no Jornal Batista. Em lados opostos da questão se

⁶¹ Segundo os ANAIS DO 1º CONGRESSO DA MOCIDADE BATISTA, a solução encontrada para financiar a divulgação do congresso foi a venda de cédulas alusivas ao evento que teve ampla aceitação entre os jovens do Brasil. Cf.: ANAIS DO 1º CONGRESSO DA MOCIDADE BATISTA, **Com a Bíblia um Mundo Novo**, p. 18.

⁶² Cf: ANAIS DO 1º CONGRESSO DA MOCIDADE BATISTA. **Com a Bíblia um Mundo Novo**, p. 18.

⁶³ Da comissão faziam parte: Wilson Regis, Salovi Bernardo, Lauro Bretones, Mário Barreto França e Antonio Marcelino eleitos para mandato de três anos, Cf: O JORNAL BATISTA de 21 de março de 1957, p. 5.

⁶⁴ Cf: O JORNAL BATISTA, de 22 de Agosto de 1957, p. 1.

⁶⁵ Cf: O JORNAL BATISTA, de 22 de Agosto de 1957, p. 4.

posicionavam Pr. Reis Pereira, sempre a favor e Dr. Edgar Hallock, então executivo da Junta de Escolas Dominicais e de Mocidade, que era contra⁶⁶.

Outros pensadores batistas se posicionam. O professor Carlos Vieira se mostra contrário em um artigo⁶⁷ que gera muita repercussão, merecendo uma resposta do Pr. Reis Pereira⁶⁸ e uma réplica da Diretoria do Conselho Nacional da Mocidade Batista Brasileira⁶⁹. Além destes, Celso Diniz⁷⁰, Antonio Neves de Mesquita⁷¹, Pery Henriques⁷² e Mário Barreto França⁷³ se posicionam a favor da criação da Junta de Mocidade. A discussão toma este e outros jornais além de algumas revistas voltadas às juventudes.

Entre os argumentos a favor da criação de uma Junta independente estavam a grande quantidade de tarefas atreladas a JEDM que por conta disso, não conseguia dar a atenção necessária às demandas das Juventudes. A própria JEDM entendia que havia necessidade de ampliar a atenção, mas atribuía sua deficiência não a um erro estratégico, mas a dificuldades estruturais.

O principal dos argumentos contrários era a forma de subsistência financeira da Junta a ser criada. Manter um trabalho de alto nível do modo como as juventudes pretendiam fazer custava caro, e não estava claro quem poderia financiar isso. A JEDM, por controlar a Casa Publicadora Batista, tinha em mãos o poder de se autofinanciar pela edição e venda de livros e revistas. A literatura específica para juventudes era uma das saídas propostas para financiar a Junta de Mocidade.

Ao mesmo tempo em que essa discussão acontecia, uma medida intermediária tentava ganhar algum espaço. Era a proposta de criar uma Junta de Treinamento em vez de uma Junta de Mocidade. A ideia seria não dar autonomia tão grande aos jovens, criando uma junta com outras atribuições, como a gestão de todas as uniões de treinamento e não apenas a de jovens. A nova Junta seria

⁶⁶ Foi publicada uma entrevista de cada um deles; a de Reis Pereira em O JORNAL BATISTA, de 25 de Junho de 1957, p. 4 e a de Edgar Hallock em O JORNAL BATISTA, de 29 de Agosto de 1957, p. 3.

⁶⁷ Cf: O JORNAL BATISTA, de 29 de Agosto de 1957, p. 3.

⁶⁸ Cf: O JORNAL BATISTA, de 03 de Outubro de 1957, p. 4.

⁶⁹ Cf: O JORNAL BATISTA, de 31 de Outubro de 1957, p. 4.

⁷⁰ Cf: O JORNAL BATISTA, de 31 de Outubro de 1957, p. 4.

⁷¹ Cf: O JORNAL BATISTA, de 07 de Novembro de 1957, p. 2.

⁷² Cf: O JORNAL BATISTA, de 26 de Novembro de 1957, p. 4.

⁷³ Cf: O JORNAL BATISTA, de 26 de Novembro de 1957, p. 4

coordenada e sua composição seria escolhida pela Convenção. A diferença, embora sutil, diminuía a influência dos jovens sobre seus próprios assuntos e mantinha a gestão mais ou menos como já funcionava.

Cinco décadas depois de fundada a Convenção Batista Brasileira, as Juntas de Missões Nacionais e Mundiais, tinham experimentado expansão e crescimento impressionantes. Estavam bem estabelecidas, organizadas e contavam com todo apoio, inclusive financeiro, de todo o povo batista pra sua obra. O mesmo não aconteceu com a Junta de Mocidade.

3.3

O Acordo de Mares

Antes da Convenção se reunir em Salvador parecia que, de todos os assuntos em pauta, o único que realmente renderia discussão acalorada era a proposta de criação da Junta de Mocidade. A comissão eleita em 1957 apresenta o seu relatório, favorável à criação da Junta. Após a leitura, segue-se uma discussão. No meio do debate, o presidente da CBB Pr. Rubens Lopes se ausenta da mesa e vai ao plenário fazer proposta substitutiva. Sua proposta era que, em lugar da aprovação do parecer, fosse aceita a proposta de reestruturação da Junta de Escolas Bíblicas. É criada então uma comissão de 10 pessoas, sendo cinco favoráveis a criação da Junta de Mocidade e cinco contrários⁷⁴, para: avaliar o parecer apresentado, a proposta de reestruturação ou chegar a uma solução conciliatória. A solução aprovada, ficou conhecida como Acordo de Mares. E foi assim redigida:

A comissão nomeada para estudar o projeto de reestruturação da Junta de escolas Dominicais e Mocidade, o Parecer da Junta de Mocidade, a proposta substitutiva Rubens Lopes e a emenda David Malta a essa proposta, com o propósito de encontrar uma fórmula conciliatória para a questão em debate, reuniu-se na manhã de hoje e no melhor espírito de compreensão, com o sincero propósito de encontrar uma solução que mais atenda, no momento, aos interesses da Causa, chegou às seguintes conclusões, votadas por unanimidade: 1. Na reestruturação da Junta de Escolas Dominicais e Mocidade haverá um Departamento de Treinamento que será autônomo e equiparado aos demais Departamentos da Junta⁷⁵.

A solução encontrada começa com um elemento interessantíssimo: não é a Junta de Mocidade desejada, mas também não é a Junta de Treinamento aventada,

⁷⁴ Cf: O JORNAL BATISTA, de 20 de fevereiro de 1958, p. 1.

⁷⁵ O JORNAL BATISTA, de 27 de fevereiro de 1958, p. 4.

tampouco continuaria a ser o que era. Um departamento maior, com mais autonomia era um bom caminho possível. Não agradava plenamente aos extremos, mas era uma boa demonstração de conciliação em que todos os lados tiveram que ceder. E que todos aprovaram unanimemente. Segue o parecer:

2. Os membros da Junta de Escolas Dominicais e Mocidade serão divididos em setores para se ocuparem dos diferentes Departamentos, devendo o setor treinamento constituir-se de seis membros. 3. Os membros da Junta de E. D. e Mocidade que deverão constituir o setor-treinamento serão escolhidos pela Convenção, mediante parecer da Comissão de Renovação de Juntas que os escolherá dentre uma lista de dez nomes indicados pelo Congresso de Mocidade.⁷⁶

A escolha não ficando a cargo apenas das juventudes, mas sendo proposta uma lista de dez nomes para dela serem escolhidos seis, dá aos jovens a chance de escolher seus representantes, sem tirar da Convenção reunida o direito que lhe cabia de nomear os membros das Juntas e Departamentos. Entretanto, como o setor de treinamento estava sendo criado ali, era necessário uma indicação de nomes imediata, antes mesmo do Congresso de Mocidade:

4. Nesta Convenção as indicações de nomes serão feitas pelo Conselho de Mocidade visto dever ser escolhido um membro neste ano. 5. A eleição do Diretor do Departamento de Treinamento será feita pela Junta, por escrutínio secreto, dentre uma lista de nomes indicados pelo setor-treinamento. 6. Os diretores dos diferentes Departamentos da Junta formarão um Conselho Diretor, cujo presidente será eleito pelos diretores, anualmente, devendo esse Conselho ter conferências periódicas para discutir os planos de trabalho de cada Departamento.

A burocracia pormenorizada no parecer diminui, em parte, os poderes do Executivo da Junta de escolas Dominicais, criando a figura do presidente do Conselho Diretor, mas, ao mesmo tempo, não permite que cada departamento siga seu rumo independente das outras partes. Todas as decisões de todos os departamentos deveriam ser decididas conjuntamente:

7. Cada Departamento preparará o seu projeto de orçamento, cabendo ao Conselho vota-lo, bem como as despesas extra orçamentárias de cada Departamento, <<Ad referendum>> da Junta, reunida em sessão plenária. 8. O atual Conselho da Mocidade estudará com o setor-treinamento e com a Junta a sua situação em face das presentes bases.

⁷⁶ O JORNAL BATISTA, de 27 de fevereiro de 1958, p. 4.

A solução conciliatória satisfaz a todos, e até por isso foi aprovada por unanimidade. Entretanto, não era uma solução definitiva. O próprio parecer dava um caráter de provisoriedade ao Acordo de Mares:

9. Estas bases deverão vigorar pelo prazo de dois anos, devendo a Convenção de 1960 pronunciar-se em definitivo sobre a matéria. Bahia, 18 de janeiro de 1958. Subscrito por Rubens Lopes, relator, J. Reis Pereira, secretário, Wilson Regis, Werner Kaschel, David Malta Nascimento, Henrique Wedemann Filho, Edgar Hallock, Ney Angelo Pereira, Antônio Dorta, Walter Kaschel⁷⁷.

A partir de então, a criação da Junta de Mocidade deveria ser decidida dois anos após a Assembleia de Mares. Entretanto, um dos maiores entusiastas da proposta de criação da Junta, o pastor Reis Pereira concordou integralmente com o acordo de Mares e não mais defendeu a proposta inicial com tanto entusiasmo nos meios a que tinha acesso.

3.4 A Junta de Mocidade - JUMOC

Apenas em 1968, na 50ª Assembleia da CBB, realizada em Fortaleza – CE, que, depois de muita discussão e resistência, foi criada a Junta de Mocidade (JUMOC) numa votação que teve 170 votos a favor e 34 contra⁷⁸.

A Junta recém formada teve o Pastor Irland Pereira de Azevedo como seu primeiro presidente e executivo. Em dezembro de 1968, é eleito como executivo José Agostinho Almada de Abreu, que era apenas bacharel em Teologia e teve sua ordenação ao ministério pastoral solicitada pela própria Junta. Nesse tempo a circulação da Revista *Mocidade Batista* caiu em decorrência do aumento do preço. Essa era a principal fonte de recursos da recém criada Junta. Durante essa gestão foram criados a OPES (Operação Evangelização de Estudantes) e a OPUS (Operação Universidade), esta tinha um objetivo triplo: incentivar o testemunho cristão dos universitários batistas, equipa-los com material de caráter apologético e ajudar no entendimento de como associar suas vocações com a fé cristã⁷⁹.

Em 1975, pastor José Agostinho se desliga do cargo de executivo e é eleito em seu lugar o Pastor Isanias Batista dos Santos. Prosseguindo o plano de

⁷⁷ O JORNAL BATISTA, de 27 de fevereiro de 1958, p. 4.

⁷⁸ Cf: O JORNAL BATISTA, de 11 de fevereiro de 1968, pp. 4-5.

⁷⁹ Cf: PEREIRA, J. R., **História dos Batistas no Brasil**, p. 283.

Evangelização nas universidades, é lançada a revista *Campus*. Entretanto, mesmo essa iniciativa teve seus momentos contrários. De forma velada, alguns líderes batistas achavam que aquele periódico seria perigoso para a denominação, pois faria com que os jovens, ao pensarem, deixassem a igreja.

Em 1979 a Junta elege seu terceiro executivo, o Professor Sillas Santos Vieira. Era a terceira gestão executiva em dez anos, tantas trocas não permitiam à Junta ter uma continuidade de trabalho. Nessa gestão, a revista Mocidade Batista, tem seu nome mudado para 'Juventude'. A revista naquele momento tinha como editor Israel Belo de Azevedo ganhando nova feição e visual.

A Junta ainda não tinha conseguido a penetração desejada das revistas que publicava nas Uniões de Treinamento das Igreja (em grande medida por não ter conseguido perceber aquilo que realmente interessava às juventudes batistas da época), igualmente não tinha conquistado o apoio da maioria dos pastores, o que ocasionava sérias dificuldades financeiras. Uma sugestão do Pastor Reis Pereira era a realização de pesquisa entre as juventudes para entender o que pensam e quais suas aspirações; e a promoção de encontros entre os jovens e os pastores⁸⁰.

Após a saída do Pastor Sillas Vieira, assumiu a Diretoria executiva Josué Campanhã, que liderou a JUMOC de janeiro de 1987 a Março de 1996. Após a saída do Pastor Josué, houve um intervalo de três anos até que fosse escolhido um novo executivo. As atividades não pararam, mas era complicado contar apenas com o esforço dos voluntários que muitas vezes tinham que se dividir entre as atividades da igreja local, das associações municipais, convenções locais e JUMOC. A este tempo, a JUMOC enfrentava muitas dificuldades financeiras, o que levou a um momento de tensão na Assembleia da CBB de 1997 realizada em Salvador. O Pastor Pedro Manuel de Oliveira do estado do Espírito Santo propôs a extinção da Junta de Mocidade. Em uma primeira votação, a proposta teria sido aprovada por dois votos de diferença. Após pedido de recontagem, a mesma proposta foi então derrotada com vinte votos a favor da JUMOC, que mesmo com todas as dificuldades que enfrentava, merecia um voto de confiança do plenário da Assembleia⁸¹.

⁸⁰ Cf: PEREIRA, J. R., **História dos Batistas no Brasil**, p. 284.

⁸¹ Cf: PEREIRA, J. R., **História dos Batistas no Brasil**, p. 453.

Em 1999, assume a direção executiva da JUMOC o pastor Sergio Dusilek, que começa um trabalho de reorganização da Junta, mantendo as atividades funcionando sem interromper os eventos realizados, sobretudo o Congresso Despertar, cada vez mais concorrido. Dusilek fica no cargo até fevereiro de 2004, quando assume Fabiano Pereira que atua de Julho de 2004 a Agosto de 2008. Ambos deixaram a Diretoria executiva da JUMOC para assumirem ministérios de juventudes em Igrejas locais. Sergio Pimentel que era presidente, acumula a função de executivo até que, a então Secretária Executiva da Juventude Batista do estado do Rio de Janeiro⁸², Gilciane Abreu é escolhida para assumir as funções executivas da JUMOC em 2009. Era o início da nona gestão em 41 anos de existência da Junta de Mocidade.

Há várias causas para tantas trocas mas, em geral, os executivos deixaram o cargo na JUMOC atendendo a convites para atuarem nos ministérios, titulares ou de juventudes de igrejas locais. A falta de continuidade e as muitas dificuldades no percurso não foram suficientes para impedir o avanço de um trabalho efetivo com os jovens batistas no Brasil. Sempre houve a preocupação em orientar os adolescentes, jovens solteiros e mesmo casados até 35 anos. Sempre houve um trabalho de treinamento e aperfeiçoamento de liderança, bem como a sempre presente preocupação com evangelismo e testemunho pessoal cristão, especialmente nas Universidades.

Ainda não era um trabalho à altura do desafio. Entender e integrar jovens de todo o Brasil, orientando ações e mantendo a identidade cristã e denominacional batista sem interferir no princípio (caro aos batistas) da autonomia das igrejas locais⁸³. Sempre foi necessário mais do que um esforço de juntar os jovens das igrejas e evangelizar os de fora. Muitas razões políticas, econômicas e organizacionais fizeram com que o foco ficasse restrito apenas a esses dois aspectos. A preocupação pastoral não era ainda a principal. E talvez por causa disso, a Juventude Batista Brasileira chegou ao século XXI sendo encarada quase

⁸² No estado do Rio de Janeiro, há duas Convenções Batistas ligadas à CBB: a Convenção Batista Carioca, que abrange apenas a capital e a Convenção Batista Fluminense, que reúne as demais cidades do estado. Essa divisão ainda é resquício do tempo em que a cidade do Rio de Janeiro era o Distrito Federal e posteriormente Estado da Guanabara.

⁸³ Cf: SOUZA, S. O., (org.), **Pacto e Comunhão**, p.12.

como um movimento de resistência na denominação batista, quando a intenção é exatamente participar e ter a chance de dar sua própria contribuição.

Por sua vez, alguns dos que militavam quando jovens pelos ideais da Juventude Batista Brasileira ao assumirem pastorados efetivos em igrejas e cargos de relevância na denominação não fizeram progredir mais a tarefa de cuidar e de discipular jovens. As propostas para juventudes foram por muito tempo criadas por quem não é jovem e que não lida diariamente com as juventudes, não conhece seus anseios e dificuldades, não leva em conta as tendências e desafios pastorais do tempo que se vive, dessa forma, não conseguem atender à demanda. Criam-se programas e métodos sem viabilidade prática porque não levam em conta na ação pastoral o aspecto mais importante: as necessidades espirituais pelas quais os jovens tem passado.

Mais de cem anos depois de criada a Convenção e suas Juntas de trabalho, é possível ver o avanço e a organização das Juntas missionárias. Estas são ativas, produtivas e cada vez mais avançam em sua missão. Não é bem esse o caso das juventudes. Muito tempo e esforço foi gasto em burocracia, estatutos e normas. Todo esse tempo e esforço, aliado a estratégia e investimentos trariam frutos importantes à denominação e certamente também à obra missionária.

3.5 A Juventude Batista Brasileira - JBB

Em 2009, muitas mudanças aconteceram na Juventude Batista. Uma delas foi a atualização da nomenclatura da própria Junta de Mocidade que remontava à época da criação da JUMOC. Mocidade já era um nome em desuso para referir-se aos jovens. A maior parte das igrejas já usava Juventude Batista. Assim, a JUMOC passou a ser conhecida como Juventude Batista Brasileira (JBB)⁸⁴.

O trabalho da JBB consistiu a partir de então em dar continuidade a alguns projetos que funcionavam bem em outros tempos, adaptar e aperfeiçoar alguns outros, extinguir aquilo que não mais funcionava, ou não atendia mais às expectativas, e criar outras estratégias para que seus objetivos de mobilizar juventudes e lideranças fossem cumpridos.

⁸⁴ A nova nomenclatura também é entendida também como uma ação pastoral para com os jovens, e não apenas uma organização de evangelismo, como as Juntas de Missões.

Em respeito ao já citado princípio da autonomia da Igreja local, a JBB não normatiza, nem impõe seus métodos e programas às juventudes locais. Em vez disso, trabalha com propostas que podem ou não ser acolhidas. Uma vez acolhidas, trabalha-se em ritmo de parceria onde a JBB orienta e as juventudes locais aplicam e, em tese, deveriam fornecer o feedback necessário para a continuidade dos programas.

As parcerias e os canais de diálogo abertos tem possibilitado atuar junto às juventudes de modo mais efetivo e funcional, uma vez que quem opina, conhece e vive o universo do cuidado pastoral das juventudes no dia-a-dia. As múltiplas áreas de atuação mostram a preocupação da JBB em atender a complexidade da ação pastoral com juventude no Brasil.

3.5.1 As áreas de atuação da JBB

A Juventude Batista Brasileira atua em várias áreas que visam integrar jovens e adolescentes de todo o Brasil.⁸⁵ Atuando de forma autônoma ou em parcerias com as Juventude estaduais, os programas previstos pela Juventude Batista Brasileira, em geral, abrangem diversas áreas.

Como batistas, a preocupação com Evangelismo e Missões é sempre presente, e na juventude isso não é diferente. Mas ainda existem eventos de Comunhão e Celebração que não podem ser negligenciadas, uma vez que são parte fundamental de nossa identidade como cristãos; há um esforço no sentido da Construção de novas ideias, visando uma melhoria constante daquilo que se faz e de como entender e conviver com a realidade em mutação desses tempos que vivemos. Ainda no âmbito eclesiástico, é necessário, embora nem sempre exista o envolvimento desejado, que os líderes das igrejas locais sejam treinados e capacitados para desenvolverem seus programas de modo a de fato pastorearem jovens e adolescentes em vez de apenas querer uni-los e informa-los.

Ampliando a atuação para além da igreja, há a preocupação com fatos da vida cotidiana e com um envolvimento político. Quando se fala em envolvimento político, há de se levar em conta o princípio batista de separação entre igreja e

⁸⁵ O site oficial da Juventude Batista Brasileira traz algumas informações a respeito da atuação da JBB. Cf.: <http://www.juventudebatista.com.br/> acesso em 10 de dezembro de 2017.

estado⁸⁶. Este princípio rege que a Igreja Batista não aceita ingerência estatal em seus assuntos internos, ao mesmo tempo que institucionalmente não se alia a partidos ou movimentos políticos. Entretanto enquanto cidadãos, temos o dever de dar nossa contribuição para que as políticas públicas sejam elaboradas de modo a contemplar as diversas formas de pensar da sociedade.

Cada uma dessas áreas de atuação serão melhor explicadas, bem como os programas da JBB que fazem parte de cada área. Nenhum programa tem sido pensado isoladamente, mas todos eles são complementares no sentido de orientar e motivar os encontros e discussões jovens, respeitados os limites de cada contexto e sempre com parcerias, o que cria laços interessantes de ramificação do trabalho.

3.5.1.1 Evangelismo e Missões

Batistas são missionários por natureza. Herdamos isso dos pioneiros americanos, e até hoje tudo o que se faz no meio batista tem a ver com Evangelismo. A declaração doutrinária da CBB diz isso: “A missão primordial do povo de Deus é a evangelização do mundo⁸⁷”. Apesar de relacionarem-se à mesma tarefa, a pregação do evangelho, costuma-se chamar de evangelismo a ação de pregação no âmbito local e de missões aquela que ocorre longe de sua igreja de origem. As duas formas são incentivadas no meio da juventude batista.

Entretanto, se o evangelismo é a razão de ser e a principal tarefa de cada igreja local, a tarefa deve incluir a todos os seus membros, de todas as idades. As missões externas tem um atrativo de ser envolvida pela aura da vocação especial. Duas vezes por ano as Juntas de Missões fazem campanhas para informar sobre a atividade missionária e convocar o povo para orar, contribuir e se voluntariar para a obra missionária no Brasil e no exterior.

Como nem todos tem possibilidade de abdicar de tudo para se entregar a vida missionária de tempo integral, existem os projetos de curta duração onde se pode viver a experiência missionária por um pouco de tempo. As próprias juntas

⁸⁶ Cf: SOUZA, S. O., (org.), **Pacto e Comunhão**, p.12.

⁸⁷ Cf: SOUZA, S. O., (org.), **Pacto e Comunhão**, p.28.

de missões tem seus projetos voltados ao recrutamento de missionários jovens, o Projeto Radical, que tem ramificações no Brasil, América Latina, África e Ásia.

A Juventude Batista Brasileira também tem seu projeto missionário, que ocorre sempre na época das férias de começo de ano, e se chama Pés no Arado.⁸⁸ Feito em parceria com as Juntas de Missões e com o apoio de uma igreja local que recebe o projeto e acolhe a equipe formada por jovens de todo o Brasil que se unem para uma ação sócio evangelística de alguns dias. Nesses encontros, muitos jovens apaixonados por missões conseguem dedicar alguns dias do ano para servir a Deus evangelizando as pessoas, é também a oportunidade para que muitos sejam despertados para dedicar suas vidas de forma integral para a obra missionária.

3.5.1.2 Comunhão e Celebração

O objetivo de todo cristão é adorar a Deus, assim, a Comunhão entre os irmãos e a celebração comunitária em todos os âmbitos ocupa um lugar importante. Tanto é assim, que há anos uma das noites da Assembleia Anual da Convenção Batista Brasileira é dirigida pela JBB. Antes era a Assembleia da Mocidade, hoje uma noite especial em que a juventude tem, junto com todos os outros mensageiros participantes a oportunidade de promover um culto em que se pode ao mesmo tempo falar a linguagem dos jovens como mostrar a cara da Juventude Batista para os representantes de todo o Brasil.

Para a Juventude, é mais do que ter um espaço. É uma inserção no evento anual mais importante da denominação batista no Brasil, que mostra a relevância dos jovens no cenário batista brasileiro. Embora ainda sejam poucos os jovens que tenham participação mais ativa nos eventos denominacionais. Se por um lado, as diretorias, conselhos e comissões costumam repetir nomes de pastores e líderes experientes, por outro nem sempre os jovens se sentem motivados a participarem dos momentos em que as propostas são elaboradas.

Entre os adolescentes, existe a necessidade de interação consciente em atividades que os congregue, embora envolvida em uma atmosfera de diversão e entretenimento. O evento criado para esse fim é o *Teen Brasil*, que é um

⁸⁸ Cf.: Site oficial do Pés no Arado. <http://www.pesnoarado.com.br/> acesso em 07 de janeiro de 2017.

congresso que reúne adolescentes de 12 a 18 anos. Em suas edições o congresso reúne, criatividade, amizade, atividades esportivas, brincadeiras, esporte, mensagens contextualizadas, celebrações, arte e uma oportunidade de estreitar o relacionamento com Deus. Segundo a descrição oficial do evento, “o maior objetivo do *Teen Brasil* é favorecer o adolescente a viver uma experiência com Deus” e além disso, “contribuir em seu processo de crescimento e amadurecimento para vida.”⁸⁹

Muitas Juventudes estaduais estão engajadas em atividades de reunião para a promoção de comunhão entre adolescentes. Os encontros são sempre bastante concorridos uma vez que adolescentes tem maior facilidade em ajustar suas agendas. Um fator que por vezes dificulta a realização desses encontros é a questão financeira. Nem todos podem arcar e a quantidade de igrejas que investe para que seus adolescentes possam participar desses encontros, infelizmente ainda é pequena.

Não apenas os adolescentes são alvo da atuação da JBB no sentido de congrega-los e ajuda-los em sua caminhada cristã na igreja e no mundo. Aqueles que já amadureceram um pouco mais, mesmo aqueles que já são casados mas ainda se sentem jovens, tem a oportunidade de participar dos eventos da Juventude Batista Brasileira. Surgiu então o encontro chamado de 29+ cujo público-alvo são os jovens acima de 29 anos. Este ainda é um evento em início de implantação, com apenas uma edição realizada, mas a ideia da JBB é a integração da juventude desde o início da adolescência até a consolidação da maturidade.

Por reunir um público em idades de muitos compromissos e devido ao fato de a ideia ser bastante recente, não se consegue ver os resultados desse encontro ainda. Mais alguns anos, avaliando e pesando aspectos positivos e negativos darão um retrato mais adequado sobre a realidade dessa parcela de jovens batistas. E como os ministérios locais podem agir pastoralmente para inclui-los nas atividades realizadas pelas juventudes.⁹⁰

⁸⁹ Disponível em: <http://www.juventudebatista.com.br/teen-brasil> acessado em 10 de agosto de 2016.

⁹⁰ Site Oficial do programa 29+ da JBB: <http://www.juventudebatista.com.br/29-2/> acessado em 10 de agosto de 2016.

Anos atrás quando as Uniões de Treinamento eram uma realidade viva na maior parte das igrejas, havia uma preocupação com esse público mais amadurecido. Os casados eram reunidos para estudar a revista *Casal Feliz* editada pela JUMOC. Atualmente, há poucas estratégias que realmente sejam relevantes para estes. De modo que muitos ou se juntam aos jovens solteiros, se aproximam dos adultos ou ficam sem um grupo social de quem se aproximar nas igrejas.

Hoje nota-se essa lacuna, perigosa mas que se bem trabalhada pode render muitos bons resultados na integração e no evangelismo. O público acima dos 29 anos, ainda tem energia e jovialidade, mas são mais absorvidos pelos compromissos profissionais. A maior parte já alcançou sua independência financeira. Estão numa fase produtiva e criativa da vida que precisa ser levada em conta na ação pastoral, na vida da igreja e no esforço de evangelização. Sem estratégia, os anos passam, chega a maturidade e as estratégias oferecidas não encontrarão mais respostas satisfatórias.

3.5.1.3 Construção de Ideias

A construção de ideias é um evento simples que é quase auto explicado pelo próprio nome: Juventude, Fé e Teologia⁹¹. A ideia é ter um espaço de discussão relevante e aprofundada sobre temas atuais que se relacionam com a realidade vivida pelos jovens. Assim, nos encontros já realizados foram tratados temas como Cristologia, Missiologia, Teologia Pastoral e até algo muito atual e específico: a atuação pastoral junto aos refugiados.

Momentos como esse em que a Teologia esteja disponível aos jovens e àqueles que não são especialistas na área são importantes para incluir no campo da discussão teológica e pastoral as opiniões colhidas das diversas experiências cotidianas.

Os temas são desafiadores. A teologia, a espiritualidade, a sociedade e a religião ocupam espaço de muita relevância na agenda da juventude e são assuntos que estão na pauta das conversas de jovens que se preocupam com o transcendente e com o invisível. O objetivo é aguçar a mente da juventude para

⁹¹ <http://www.juventudebatista.com.br/juventude-fe-e-teologia/> Acesso em 10 de agosto de 2016.

assuntos relevantes, trazendo à tona o que está na Bíblia, na capa do jornal e na conversa das redes sociais.

A cada dois anos a Juventude Brasileira se reúne para a promoção do Despertar, que é um congresso que proporciona a oportunidade de haver envolvimento entre jovens de todo o Brasil em prol de algo maior que é o estabelecimento do Reino de Deus.⁹²

Ao longo dos anos de realização do congresso, vocações missionárias e pastorais foram descobertas nos encontros. As habilidades e talentos são despertadas para a atuação na igreja e na vida. A tônica do evento é entender a vocação como algo fundamental para a relação com o mundo.

Ideias, vocações, talentos precisam ser usados para a Glória de Deus. A intenção é tocar no coração de jovens e adolescentes e inspirá-los a viver uma experiência espiritual de descoberta e encontro com os mandados de Deus para a comunidade e para a igreja local e satisfazer uma das maiores desse tempo que é a busca de sentido da vida e a sensação de ser útil em alguma coisa, que possa contribuir para a coletividade, na igreja e na sociedade.

3.5.1.4 Treinamento de Liderança

Muitos ministérios locais nas igrejas batistas contam com leigos em cargos de liderança e pastoreio do trabalho com jovens. São pessoas esforçadas e dedicadas que amam o que fazem, mas nem sempre são munidos das informações e capacitação necessária para a tarefa que é organizar eventos, promover a interação (nem sempre pacífica) entre a juventude e as demais faixas etárias da igreja, bem como a arte do aconselhamento e desenvolvimento de talentos e de novos líderes.

Alguns ministérios locais contam com pastores ordenados, em alguns casos remunerados, mas esses são a minoria. Mesmo com essa particularidade, os pastores ordenados nem sempre são especialistas em trabalhar com juventudes. São poucos os autores batistas que se dedicam a escrever especificamente sobre a arte de liderar jovens e adolescente.

⁹² <http://www.conferenciadespertar.com.br/> acesso em 07 de janeiro de 2017.

Uma das soluções encontradas consiste em importar métodos que funcionam em outras igrejas, mesmo de outros países. Outros querem seguir algum tipo de manual de funcionamento de ministério de juventude, que apesar da facilidade tendem a desconsiderar as especificidades e particularidades de cada comunidade local. Não levar esses detalhes em conta, pode inviabilizar a reprodução de métodos e programas.

Com essas dificuldades em mente, a JBB realiza a cada dois anos, em duas edições, um encontro nacional de líderes e pastores de jovens chamado Paixão pela Juventude. Em formato dinâmico, reúne palestras, mesas redondas e momentos de trocas de experiências onde é possível entender outras realidades e compartilhar as estratégias que tem funcionado e de onde os princípios norteadores podem ser replicados.

Algo ainda mais específico é a parceria firmada entre a JBB e o Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil, onde a Faculdade Batista do Rio de Janeiro oferece uma pós-graduação lato sensu em Ministério com Juventude utilizando o conceito de Missão Transgeracional que:

Visa equipar a todos os interessados em juventudes com conhecimentos sobre as dimensões espirituais, sociais, culturais e políticas para fazer do jovem o protagonista em sua comunidade local e um potencial transformador social.⁹³

No curso, são abordados temas que desenvolvem a relação entre Arte, Criatividade e Tecnologia; que tratam da questão da dependência química e da Criminalidade; aborda os desafios da sexualidade na juventude; não ficam de fora o Desenvolvimento Comunitário, o Empreendedorismo Social e a vocação Missionária, a relação entre a Fenomenologia da Religião e a Sociedade. Temas atuais como Meio Ambiente e Sustentabilidade. Temas eclesiais como: Liderança e Pastorado de Juventude; Métodos de Ensino no Ministério de Juventude, Ministério com Juventude e as Relações Ministeriais entre Igreja, Pastor e Líder de Juventude (o que nem sempre é uma relação harmoniosa).

A iniciativa resolve uma lacuna importante para aqueles que querem aperfeiçoamento técnico. Entretanto, ainda é uma iniciativa apenas disponível no Rio de Janeiro, além do que, os custos e horários só estão ao alcance de quem

⁹³ Disponível em <http://www.seminariodosul.com.br/index.php/home/159-pos-jbb>. Acessado em 10 de agosto de 2016.

pode arcar com estes, ou para aqueles líderes cuja igreja tem a visão de investir e que tenha orçamento destinado para este investimento.

3.5.1.5 Vida Cotidiana

A família é parte importante no processo de formação do caráter e da personalidade de jovens e adolescentes. Não se consegue um trabalho eficiente deixando de fora a participação dos pais. A escola de Pais é um programa cuja ideia é levar os pais a entenderem os adolescentes a partir de um diálogo eficiente, abordando temas de grande relevância e que fazem parte do cotidiano e do universo dos Adolescentes.⁹⁴

Embora com poucas edições promovidas pela JBB, é uma iniciativa a ser replicada no nível da igreja local. Os líderes de cada igreja devem entender a necessidade de contar com a cooperação com os pais no sentido de trocar experiências, informações e trabalharem em conjunto para que a ação pastoral seja mais efetiva. A parceria família e igreja tende a ajudar tantos os pais quanto os líderes a entenderem as particularidades e conflitos pelos quais cada jovem passa. O desafio é desenvolver uma ação pastoral que atue cuidando individualmente dos adolescentes e jovens em vez de tentar atuar no coletivo, como se fossem todos iguais.

O universo das meninas e meninos em suas particularidades são tratados em encontros que mesclam uma reflexão bíblica sobre temas atuais, aliados a atividades físicas e/ou dicas de maquiagem, comportamento e outros assuntos que interessam aos adolescentes e jovens. Os assuntos variam, mas as iniciativas do Meu Time (programa voltado para os meninos) e do Brigadeiro de Morango (programa voltado para as meninas) visam dar atenção a uma área nem sempre bem trabalhada na vida da juventude: a vida comum que cada um deve levar no dia a dia. Os eventos dão espaço para a troca de ideias sobre assuntos que geralmente não são assuntos tratados nas igrejas como, por exemplo, esportes (no caso dos meninos) e maquiagem (no caso das meninas).

⁹⁴ <http://www.juventudebatista.com.br/2015/09/escola-de-pais/> acesso em 07 de fevereiro de 2017.

As organizações missionárias existentes há décadas (Embaixadores do Rei, Mensageiras do Rei, Grupo de Ação Missionária e Jovens Cristãs em Ação) nem sempre estão ativas nas igrejas e em muitos casos alcançam apenas uma pequena parcela de adolescentes e jovens.

3.5.1.6 Participação política

O princípio de separação da Igreja e do Estado sempre foi um valor histórico dos batistas⁹⁵. A origem dos batistas está intrinsicamente ligada a um sentimento de não aceitar intromissão estatal em seu funcionamento interno, ao mesmo tempo que tenta não interferir de modo institucional em governos. Isso não significa que não se deva expressar opinião e desejar contribuir com as discussões que possibilitem melhorias na vida em sociedade. Norteados por esses parâmetros, os batistas sempre tiveram uma participação ativa na sociedade, mais e melhor do que na política partidária.

A Juventude Batista Brasileira sempre acompanhou de perto as políticas públicas para juventude. Desde 2005, com a criação do Conselho Nacional de Juventude, a Juventude Batista Brasileira marcou seu nome na história da construção de políticas públicas no Brasil, quando na Coordenação da Comissão de Parlamento trabalhou para a aprovação do Estatuto da Juventude⁹⁶, que foi um marco importante para garantir direitos fundamentais aos jovens entre 15 e 29 anos e possibilitar uma maneira de os jovens poderem ser ouvidos e assim contribuir de maneira efetiva na forma como os jovens são pensados e considerados politicamente.

Para além da atuação nacional, a Juventude Batista Brasileira foi representada no Juvensur – Seminário de Integração Regional do Mercosul, que é um Seminário Permanente de Integração Regional, promovido pela Reunião Especializada da Juventude do Mercosul (REJ). No encontro, realizado em Foz do Iguaçu – PR, o representante da JBB foi Igor Bonan, então primeiro secretário da JBB⁹⁷.

⁹⁵ Cf: SOUZA, S. O., (org.), **Pacto e Comunhão**, p. 12.

⁹⁶ O Estatuto da Juventude foi promulgado pela lei nº 11.129 de 30 de Junho de 2005.

⁹⁷ Cf: O JORNAL BATISTA, 06 de janeiro de 2013, p. 10.

A atuação e participação política de forma ordenada, sem envolvimento político partidário é uma arte que a juventude batista brasileira tem costurado com criatividade e dinamismo. Muitas questões importantes são tratadas e é preciso que sempre se mantenha o princípio democrático batista de permitir que as opiniões divergentes sejam expostas, discutidas e trabalhadas debaixo da orientação dos preceitos bíblicos.

3.6 As Juventudes Batistas Estaduais

Todos os estados Brasileiros têm igrejas batistas, e em todos eles há uma convenção estadual de Igrejas Batistas. Alguns estados contam até com mais de uma convenção seja por razões históricas, como no caso do Rio de Janeiro⁹⁸, ou por razões de divisões causadas por divergências doutrinárias, ideológicas ou políticas. Normalmente, cada convenção tem seu trabalho específico com jovens e essa equipe que lida com os jovens se encarrega também da atuação ministerial junto aos adolescentes.

Algumas convenções não tem oficialmente seus departamentos de Jovens. O que não significa que não haja uma preocupação com a juventude. Mas não existe uma estratégia que tenha como meta uma integração para um trabalho amplo em nível estadual.

Nos estados onde o trabalho com jovens está melhor estruturado, a atuação estadual mantém relação com a JBB e com cada juventude batista das associações de igrejas espalhadas pelos estados. Essas relações nem sempre são funcionais como deveriam. Por vezes, o princípio de autonomia degenera em isolacionismo, e cada uma faz seu caminho de forma independente, sem apoio de lado algum em eventos e programas que podem até ser redundantes e com datas que entram em conflito. Não raro é possível ver muito esforço empreendido para um fim onde a união de forças traria um resultado maior e mais consistente.

A falta de estratégias e de pessoal especializado para a coordenação dos trabalhos orientados para as juventudes em cada estado⁹⁹, aliada a fatores como a

⁹⁸ Cf. nota de rodapé 29.

⁹⁹ Uma das metas da JUMOC para os anos 1990 era apoiar projetos estaduais que tivessem secretários executivos de tempo integral. Cf.: MANUAL DA UNIJOVEM: **Uma nova filosofia de ministério**, p. 32.

distância entre as cidades, o isolamento das associações municipais e de igrejas locais enfraquecem uma atuação conjunta. E já é muito antiga a sentença que uma casa dividida não costuma funcionar bem. (Mateus 12:25)

Outro fator que contribui para uma atuação menos efetiva por parte das juventudes estaduais é o uso político das funções. Muitos são os casos de bons serviços prestados a juventudes municipais e estaduais que se tornam vitrines e terminam em convites para atuação ministerial de tempo integral, como titulares das igrejas ou como pastores de jovens. Alguns usam sua visibilidade para seus projetos político-eleitorais. Alguns outros visam conquistar mais espaço na denominação batista. Felizmente não se trata da maioria. Mas os que assim agem, desmotivam aqueles que querem de fato estabelecer uma agenda propositiva e relevante para as juventudes batistas estaduais.

Em menor grau, as mesmas dificuldades ocorrem nas associações municipais. Algumas podem reunir mais de uma cidade, entretanto o que poderia ser uma concentração maior de forças, unindo juventudes locais de várias cidades corre o risco de se tornar um elemento de dispersão que existe apenas para cumprir as exigências estatutárias de algumas associações.

O que há de negativo nos trabalhos das juventudes das associações e convenções estaduais felizmente é a menor parte. Muita coisa boa tem sido feita. Muitos encontros de compartilhamento de ideias e de ações coletivas que tem como objetivo o evangelismo e o treinamento de lideranças. Num tempo em que as literaturas impressas perderam seu alcance com a chegada das mídias digitais, muita coisa se escreve e pouco se aproveita. A tecnologia tem encurtado distâncias, ao mesmo tempo que desestimula as pessoas a saírem de casa para encontros reais, onde a troca de ideias seja feita pessoalmente.

As estratégias de congressos e de encontros tenta manter viva a perspectiva cristã de priorizar a comunhão e a troca de experiências e opiniões fundamental para que se consiga trabalhar uma estratégia conjunta eficiente para as juventudes de cada região. A política e a briga de egos pode dificultar esse entendimento. É preciso que haja sempre a vontade de cooperar com as juventudes locais de modo que os jovens de toda parte sejam evangelizados, discipulados e pastoreados por líderes comprometidos com Deus e com suas juventudes.

A maior parte dos eventos promovidos pela JBB depende necessariamente da parceria firmada com as juventudes batistas estaduais¹⁰⁰. São os líderes locais que sabem onde e quando são as melhores maneiras e momentos de se realizar alguma programação. Não basta apenas o interesse em diversificar as atividades distribuindo-as pelo país. Há uma evidente preocupação da JBB em realizar seus eventos nos lugares onde as parcerias possibilitem a melhor experiência para todos que vierem a participar.

¹⁰⁰ Cf: <http://www.juventudebatista.com.br/jubas-estaduais/>

4 Discipulado frente aos desafios atuais

Conforme vimos no primeiro capítulo dessa pesquisa, as culturas e tendências modernas afetam e formam o perfil das juventudes. Experimentamos um mundo de transições onde os antigos valores e a antiga forma de organizar a vida vai dando espaço a uma maneira nova. Esta nova forma ainda está em adaptação. Não se tem uma exata noção de como as coisas serão quando estabilizarem-se¹⁰¹, e mesmo se haverá estabilidade.

Num cenário de incertezas, existem duas posturas possíveis: a de comentaristas do caos e a de profetas da esperança. Os primeiros estão por toda a parte, são facilmente encontrados, jovens e adultos pessimistas, desesperançados, que não veem perspectivas nem possibilidades de nada melhorar. Anunciam a tragédia iminente, se entendem vítimas da situação, mas não assumem um protagonismo que seja capaz de começar a mudar as realidades: as suas próprias, as da comunidade de fé e da sociedade. Os outros são o ideal de um jovem cristão, consciente da realidade, mas engajado na tarefa de tornar possível o Reino de Deus. Profetas da esperança veem as possibilidades de melhora e de um futuro de justiça, paz e alegria, a partir da prática dos valores cristãos.

Muitas igrejas, e seus ministérios de juventudes, não sabem quem são seus jovens, quais suas aspirações e quais suas funções na Igreja enquanto instituição e na sociedade enquanto participantes do organismo vivo da Igreja e do Reino de Deus sendo sal e luz por onde forem.

Não é clara qual a estratégia pastoral da igreja junto aos jovens que os conecte à realidade em mutação do mundo universitário, do mercado de trabalho e da sociedade com os valores do Reino de Deus. É preciso fazer com que os jovens se sintam responsáveis por seu testemunho a partir do encontro pessoal com Jesus, num exercício de sua mordomia: “Ao praticarem e ensinarem a mordomia cristã, os batistas brasileiros reconhecem: (...) a responsabilidade do crente batista de encarnar profeticamente, neste século, os valores eternos;”¹⁰².

Vimos ainda como estão os jovens na sociedade brasileira atual, e elencamos três culturas predominantes nesse tempo: as culturas do consumismo, do presente e do exibicionismo. Ainda discorreremos sobre as tendências que caracterizam as juventudes

¹⁰¹ Cf: BAUMAN, Z., **44 cartas do mundo líquido moderno**, pp. 146-149.

¹⁰² SOUZA, S. O., (org.), **Pacto e Comunhão**, p. 101.

atuais bem como as culturas impregnadas na sociedade pautam o modo de ser, pensar e agir dos jovens hoje. Todas as mudanças pelas quais passam o mundo e a sociedade brasileira nessa fase de transição do cenário global trazem consigo um desafio de pastorear as juventudes, e no caso particular dessa pesquisa, das juventudes batistas.

Se não é a intenção dessa pesquisa oferecer um modelo pronto de como chegar, uma vez que as maneiras serão muitas, os caminhos a serem traçados deverão levar em conta as particularidades e a história de cada ministério de juventudes. O mundo muda, as pessoas acompanham de alguma forma essas mudanças, e os ministérios de juventudes devem estar atentos para exercer seu papel pastoral ajudando os jovens a entenderem e encararem o mundo em que vivem, sem deixar de lado os princípios da fé que professam. Como afirma Richard Shaull:

Se Jesus Cristo é Senhor acima de todos os principados e poderes, se Deus está atuando no mundo e na sociedade para realizar a Sua vontade e estabelecer o Seu Senhorio, então eu, na minha qualidade de cristão, tenho uma responsabilidade tremenda dentro da sociedade: sou chamado a testemunhar, dentro de todos os campos da vida, quanto a este Senhorio de Jesus.¹⁰³

Analisar o presente é fundamental. Ação pastoral existe quando se conhecem as pessoas e suas histórias de vida. Não se pode ignorar o contexto e aplicar um método pronto em que as pessoas sejam forçadas a se adequar. No passado, essa experiência não foi bem sucedida, mesmo em tempos de instituições sólidas, em que os compromissos com essas instituições tinham um sentido bem mais profundo que tem hoje nesses tempos de modernidade líquida.¹⁰⁴

4.1

A formação de uma cultura de juventudes batista

Atuação pastoral para as juventudes já foi muitas vezes tratada da mesma maneira que a atuação evangelística¹⁰⁵. Acontece que muita coisa que deu certo no passado, não funciona mais. Mesmo na área mais bem desenvolvida da denominação batista brasileira, que é o esforço missionário, algumas concepções de missão (felizmente) já foram

¹⁰³ SHAULL, R., **O Cristianismo e a Revolução Social**, p. 82.

¹⁰⁴ Cf. BAUMAN, Z., **Modernidade Líquida**, p. 211.

¹⁰⁵ Para esta pesquisa, estamos diferenciando ação pastoral de evangelismo. Entendemos aqui atuação pastoral no sentido do cuidado pastoral de acompanhamento e discipulado. A opção por esta ênfase se dá porque o esforço de levar alguém à conversão é mais intenso que o esforço de discipular essas pessoas, contrariando a ordem de Jesus em Mateus 28,19 que traz evangelização e discipulado andando conjuntamente.

superadas. O esforço missionário em levar a mensagem do Evangelho não é mais voltado somente a abrir novas igrejas¹⁰⁶. Passou também o tempo em que evangelização e colonialismo se confundiam. As palavras da conhecida missionária Analzira do Nascimento apontam para uma realidade missiológica. Guardadas as devidas proporções, é o que também acontecia no trabalho pastoral com os jovens:

Decidir o que é bom para os “outros” tem a ver com as nossas reais motivações. Na expansão Colonial, a motivação para as conquistas era lucros, status ou aventura, e o outro era só um combustível, um meio para o alcance dos seus objetivos. Hoje também, encontramos missionários que em seus contatos evangélicos podem negar identidade do “outro” quando primeiramente olham para as pessoas como um indicador das suas estatísticas. Não conseguem ouvi-lo, e pensam mais em cumprir as metas estabelecidas. Nesses relacionamentos, decidem o que é melhor para as pessoas e impõem sua vontade.¹⁰⁷

Foi-se também o tempo em que aquilo que se estabelecia como modelo por uma equipe de especialistas deveria ser seguido em toda parte não importando o contexto em que estavam inseridos.

Em meio a um mundo conturbado e em constante mutação, a igreja de Cristo tenta conviver com a realidade dos jovens. Muitas novidades, volta e meia, entram na igreja de maneira abrupta através das juventudes. A falta de uma análise bem definida e de um conhecimento específico das questões que orbitam a vida dos jovens faz com que a igreja não consiga se organizar tampouco se prevenir de certas culturas que vão chegando devagar e acabam (na maior parte dos casos) tomando dois caminhos: a condenação primária por se tratar de comportamentos e culturas diferentes ao que já está estabelecido ou então a assimilação desses novos ares no interior da igreja.

Condenar o que não se conhece é um caminho tomado por quem quer manter a estrutura tradicional da organização, mas que nem sempre responde aos jovens com as razões da recusa, bem como não os municia com os argumentos coerentes para que eles por si mesmos recusem comportamentos que estejam em alta entre os jovens de mesma idade, mesmo que não tenham relação, ou até que contrariem a fé que professam.

Para descrever o que entendemos como seria uma cultura jovem batista, voltaremos nosso olhar para as culturas contemporâneas descritas no primeiro capítulo

¹⁰⁶ Uma visão que desvalorizava a cultura local foi superada pela Missão Transcultural. Muitos missionários não visam abrir novas igrejas, mas apoiar projetos que evangelizam pela educação, pelo atendimento na área da saúde e pela prática de esportes. Cf.: <http://missoesmundiais.com.br/mapa-de-atuacao/> acesso em 12 de fevereiro de 2017.

¹⁰⁷ NASCIMENTO, A., **Missão e Alteridade**: descolonizar o paradigma missiológico. Tese (Doutorado) UMESP, Departamento de Ciências da Religião, 2013, p. 122.

(Consumismo, presente e exibicionismo) que influenciam os jovens a fim de propormos uma atuação pastoral, que uma vez vivida e ensinada pela Igreja local, auxiliará as juventudes batistas a encararem as tendências por onde caminham as juventudes modernas.

É a proposta de uma atuação que equilibra os ambientes onde os jovens vivem: universidade¹⁰⁸, e todos os questionamento ou possíveis distanciamentos que possam surgir entre as questões de fé cristã e conhecimento técnico científico; sociedade¹⁰⁹, através da sua atuação social e política (mesmo que sem envolvimento partidário); e sobretudo igreja¹¹⁰, onde se vive a relação plena da comunhão cristã.

4.1.1

A superação da cultura do consumismo pela valorização da simplicidade

Num mundo voltado para o consumo, que incentiva o jovem a consumir, onde o exibicionismo e a ostentação se tornam valores, o discurso cristão de desapego dos bens materiais não tem muito espaço. Em vez disso, dá-se espaço a uma religião utilitária, onde o papel de Deus é atender às necessidades humanas, e as igrejas são escolhidas pelos jovens não por razões de comunhão e por proximidade de casa, mas por constituírem um ambiente onde ‘se sentem bem’. O discurso vigente em muitos grupos cristãos (sobretudo os que tem algum destaque na mídia) priorizam uma pregação que seria pretensamente cristã, por utilizar a Bíblia, para pregar um estilo de vida e de relacionamento com Deus e com sua igreja nos moldes do capitalismo e do consumismo, em que quem pode investir mais, recebe mais¹¹¹.

A pregação e a vida de Jesus Cristo e de seus discípulos como descritas no Novo Testamento deixam evidente que qualquer atitude de acúmulo de bens materiais ou de valorização exacerbada destes é uma postura oposta à que o próprio Cristo vivia (Mateus 6,24-34) e da atitude que vigorava entre os primeiros cristãos (Atos 2, 42-47). Ao passo que a atitude desprendida e generosa de Barnabé era elogiada, a atitude egoísta de Ananias

¹⁰⁶ Cf: ROCHA, A., **Introdução a Teologia**, p. 166.

¹⁰⁹ Cf: ROCHA, A., **Introdução a Teologia**, p. 168.

¹¹⁰ Cf: ROCHA, A., **Introdução a Teologia**, p. 164.

¹¹¹ A esse respeito convém ler o que diz Allan da Silva Coelho em sua tese de Doutorado em Ciências da Religião pela UMESP em 2014. Cf.: COELHO, A. da S., **Capitalismo como Religião: Uma crítica a seus fundamentos mítico-teológicos**. Tese (Doutorado) UMESP, Departamento de Ciências da Religião, 2014.

e Safira foi condenada¹¹². A generosidade e alegria eram o sentimento esperado daqueles que se propunham a contribuir com o sustento da igreja e da expansão missionária. Não vigorava mais o discurso de obrigatoriedade, mas de partilha amorosa. (II Coríntios 9,7).

A crise ecológica que o planeta vem vivendo há décadas deveria fazer com que juventudes engajadas com os valores do século XXI entendessem a preservação do meio ambiente como um valor cristão. A missão dada à humanidade é cultivar e cuidar desse planeta. E esse cuidado inclui obviamente um melhor aproveitamento dos recursos naturais e matérias-primas¹¹³.

Um consumo adequado às reais necessidades e não motivado pelas demandas da publicidade e do comércio fazem com que haja uma tentativa de equilibrar a velocidade da capacidade produtiva da natureza com a velocidade com que os homens tem explorado a mesma natureza. Ao persistirem os atuais valores dessa relação, o planeta em breve estará mergulhado num caos ainda maior. A igreja deve viver e inspirar as juventudes a estarem engajadas em viver os valores do Reino de Deus num mundo em que:

...já não vigora mais o princípio cristão de se buscar em primeiro lugar o reino de Deus e a sua justiça, pois deste modo as demais coisas serão acrescentadas à vida dos que assim procedem (conforme o evangelho segundo Mateus, capítulo 6), agora o que importa, de acordo com as mercadorias religiosas espetaculares, é buscar primeiro as demais coisas, sendo o reino acrescentado depois como uma espécie de “brinde”.¹¹⁴

O consumismo traz consigo a constante insatisfação com o que foi avançado e uma preocupação permanente com estar à frente das tendências, antecipando-se aos fatos.

Como lembra Bauman:

A vida do consumidor, a vida de consumo, não se refere à aquisição e posse. Tampouco tem a ver com se livrar do que foi adquirido anteontem exibido com orgulho no dia seguinte. Refere-se, em vez disso, principalmente e acima de tudo, a estar em movimento.¹¹⁵

A ansiedade gerada por esse movimento não pode ser contida nem saciada a contento. Quanto mais se tem, mais será necessário. E não vai ter espaço suficiente para

¹¹² Cf: VIEGAS, A. S., **A construção narrativa de Barnabé como um modelo literário de generosidade à luz de Atos dos Apóstolos 4,32–5,11**. Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Teologia, 2011, pp. 128-149.

¹¹³ Cf: FRANCISCO, **Laudato Si**, p. 163.

Disponível em https://w2.vatican.va/content/dam/francesco/pdf/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si_po.pdf. Acesso em 10 de janeiro de 2017.

¹¹⁴ PATRIOTA, K. R. M. P., **O show da fé: Religião, Mídia e Espetáculo**, p. 529 in: *As muitas faces de Deus: desafios do pluralismo religioso - II Simpósio Internacional de Ciências da Religião Anais Eletrônicos*, 2007.

¹¹⁵ BAUMAN, Z., **Vida para consumo: a transformação de pessoas em mercadoria**, p. 126.

a satisfação. Consequentemente, mais e mais pessoas acumularão coisas, pessoas, dinheiro, sem encontrar felicidade nem sentido em nenhuma delas.

Caberá a um ministério de Juventudes comprometido tirar os jovens da roda-viva do consumo e apresentar a beleza que há numa vida não-cumulativa, onde o consumismo e o individualismo não alteram as relações entre as pessoas. Por isso:

...a Igreja precisa apresentar-se como uma alternativa a um modo de vida padronizado em que o consumismo é quase que uma obrigação para muitas pessoas. Nesse contexto consumista encontramos a supervalorização do eu, o individualismo exacerbado que acirra a competição entre os homens e faz com que passem de semelhantes a adversários com grande facilidade.¹¹⁶

A igreja precisa cada vez mais apresentar Jesus de Nazaré como Salvador, Senhor e sobretudo como Mestre e exemplo a ser seguido. Ele mesmo que partia o que tinha (João 6,11) e incentivava a partilha (Lucas 3,11), não tinha nada seu (Lucas 9,58) e morreu sem sequer ter um lugar própria para ser sepultado (Mateus 27,59-60) mesmo sendo o dono de tudo.

Na direção de uma vida menos apegada ao consumismo, e que pensa na preservação ambiental, aparece a proposta do *Lowsumerism*¹¹⁷. Ela está fundada em três pilares básicos: 1 - pensar antes de comprar, avaliar os impactos financeiros e ambientais, analisando procedência e a validade dos meios de produção; 2 - buscar a diminuição dos impactos ambientais diminuindo a compra e aumentando a capacidade de produção, de troca e incentivando o conserto como opção ao descarte; e 3 - aprender a viver com aquilo que é necessário, sem excessos.

A tendência proposta pelo *Lowsumerism* se conecta de maneira precisa com a economia colaborativa e com um novo estilo de vida, menos escravo do tempo e do

¹¹⁶ CUNHA, J. H. A., **A ação pastoral dos leigos: missão, ministério e serviço**. Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Teologia, 2011, p. 31.

¹¹⁷ *Lowsumerism* vem da contração das palavras inglesas: “low”, baixo, e “consumerism”, consumismo. O termo surgiu em 2012, criado pela empresa Box1824, uma empresa de pesquisa de tendências em consumo, comportamento e inovação, que em 2011 lançou um estudo sobre o Brasil e seu futuro a partir da perspectiva dos jovens de 18 a 24 anos. Com as informações colhidas nas mais de 3 mil entrevistas, realizadas com jovens de 146 cidades do país e o objetivo de detectar seus desejos de mudança e antecipar os movimentos de um novo Brasil, a Box1824 traçou o que seria tendência em consumo, o consumo consciente, algo que só cresce desde então. Cf.: <http://www.ceschini.com.br/2016/06/lowsumerism-sua-empresa-esta-preparada/> acesso em 10 de fevereiro de 2017. Há ainda um vídeo, resultado da pesquisa, e também produzido pela Box1824 que explica o surgimento do *Lowsumerism* disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jk5gLB1hJtA>; acesso em 10 de fevereiro de 2017. O *Lowsumerism* e a postura cristã ante o consumismo moderno foi tema de debate na Edição de Vitória da Conferência Paixão Pela Juventudes da JBB, realizada em Agosto de 2016.

consumo e mais consciente em relação ao aproveitamento de recursos. Associar a cultura de baixo consumo com valores cristãos a partir do exemplo de Jesus é trazer à tona as questões que de fato tem pertinência para este momento do planeta e das relações humanas. Os três pilares da cultura do *Lowsumerism* entram em conexão direta com uma atitude austera, consciente e responsável por si mesmo, pelos outros, pela humanidade como um todo e pavimenta um caminho sustentável para as gerações futuras.

4.1.2

A superação da cultura do presente pela valorização da eternidade

Cabe ao trabalho pastoral das juventudes mostrar que a cultura do presente não tem relação direta com o Evangelho de Jesus, que anuncia a vida eterna. A esperança escatológica cristã, desde sempre foi por uma vida que transcenda a esta existência. “A esperança cristã desperta, então, o “além” no coração humano”¹¹⁸

É bastante significativo o que o apóstolo Paulo escrevendo aos crentes de Corinto diz: “Se temos esperança em Cristo tão-somente para esta vida, somos os mais dignos de compaixão de todos os homens” (I Coríntios 15,19).

Não se pode deixar cair no esquecimento a eternidade garantida por Jesus em sua ressurreição. É preciso reafirmá-la para que, no confronto entre essa fé professada em Jesus e a cultura do presente, prevaleça aquilo que é o cerne da mensagem cristã. Arlene Denise Bacarji em tese doutoral apresentada na PUC-Rio afirma:

Se Cristo não tivesse ressuscitado, nossa fé seria vã, de nada valeria (I Coríntios 15,14). Se não há ressurreição, a vida não tem sentido algum, sem a vida eterna não podemos sequer amar. Tudo perde o sentido, o matrimônio, os filhos, o trabalho, a existência toda. Por isso a escatologia faz parte do núcleo central de nossa fé, se ela enfraquece ou fica obscurecida e confusa, a nossa fé começa a se esfarelar em fragmentações doutrinárias que nada mais respondem ou explicam ao ser humano.¹¹⁹

A mensagem de Jesus sobre o Reino de Deus tinha em si um caráter transcendente (João 14,1-6). A expectativa dos primeiros cristãos pela *Parusia* seguia na mesma direção de desapego à temporalidade e à provisoriedade dos bens dessa vida (Atos 4,32). Nesse sentido, ainda vigora o apelo cristão por uma vida menos regulada pela provisoriedade.

¹¹⁸ TAVARES, M. L., “**Tende em vós o mesmo sentimento de Cristo Jesus**”: a autodoação do discípulo na hermenêutica da esperança cristã. Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Teologia, 2015, p. 88.

¹¹⁹ BACARJI, A. D., **A re-institucionalização da Igreja**: estudo teológico-pastoral sobre o resgate da plausibilidade Eclésia na cultura atual. Tese (doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Teologia, 2013, p. 134.

Cabe aqui lembrar uma palavra do Papa Francisco aos jovens que foram voluntários na Jornada Mundial da Juventudes ocorrida em 2013 no Rio de Janeiro:

Na cultura do provisório, do relativo, muitos pregam que o importante é “curtir” o momento, que não vale a pena comprometer-se por toda a vida, fazer escolhas definitivas, “para sempre”, uma vez que não se sabe o que reserva o amanhã. Em vista disso eu peço que vocês sejam revolucionários, eu peço que vocês vão contra a corrente; sim, nisto peço que se rebelem: que se rebelem contra esta cultura do provisório que, no fundo, crê que vocês não são capazes de assumir responsabilidades, crê que vocês não são capazes de amar de verdade. Eu tenho confiança em vocês, jovens, e rezo por vocês. Tenham a coragem de “ir contra a corrente”. E tenham também a coragem de ser felizes!¹²⁰

Curiosamente a revolução pretendida é uma volta aos princípios do cristianismo neotestamentário que vivia cada dia na expectativa da iminente *Parusia*¹²¹. O hoje era vivido com intensidade, mas a expectativa estava no porvir. As juventudes precisam ser instadas a entenderem que essa vida não comporta tudo o que existe, e que a eternidade existe conceitualmente no imaginário humano por uma razão divina que plantou em cada ser humano o desejo da eternidade. Deixar de anunciar a vida eterna, é negar parte importante da pregação de Jesus de Nazaré.

A cultura do presente limita demais o foco estratégico do que fazer com a própria vida. É preciso que haja um entendimento de que a juventudes é uma fase importante em que se planta aquilo que será colhido no fim da vida. É na juventudes que somos exortados a tomarmos consciência de que nem todos os dias serão bons. (Eclesiastes 12,1). É preciso desfrutar o presente, sem perder de perspectiva o futuro, como afirma o pastor batista Rainerson Israel em sua dissertação de Mestrado:

No caminho rumo ao novo amanhã o ser humano recebe a dádiva do presente, o tempo de deleite, o tempo que não existe como meio para qualquer outro. E por isso repousa no presente a fim de não perder o futuro. Porém, há de se lembrar, que o deleite no presente é apenas um aperitivo rumo ao novo amanhã. A comunidade de fé não se embriaga nos prazeres do presente a fim de perder o futuro. Antes, aprecia o "já" na busca dialético-político-corporal-imaginativa do "ainda não".¹²²

A efemeridade existente nos prazeres intensos, mas de curta duração não passam de uma tentativa de substituir o desejo da alma de realização, de completude. A busca de sentido e de realização de forma permanente não pode ser substituída por uma vida regada

¹²⁰ FRANCISCO. **Encontro com os voluntários da XXVIII JMJ**. Disponível em: <http://w2.vatican.va>. Acesso em 18 de Abril de 2016.

¹²¹ Cf: LIBÂNIO, J. B.; BINGEMER, M. C. L., **Escatologia cristã: O novo céu e a nova Terra**, p. 214.

¹²² LUIZ, R. I. E., **Por uma ordo amoris: reflexões alvesianas sobre a libertação humana**. Dissertação (Mestrado). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2012, pp. 69-70.

a prazeres momentâneos. “O ser humano não pode satisfazer o seu anseio pela plenitude absolutizando o provisório”¹²³. A cultura do presente produz uma geração sem futuro. Sem perspectiva de elaborar um planejamento de vida que seja relevante para si mesmo e para a coletividade à sua volta.

A Igreja não tem mais a influência de outrora sobre o indivíduo, quando era capaz de mobilizar as pessoas para uma prática religiosa vinculada à comunidade. Atualmente, as instituições que se mantêm fiéis aos métodos do passado perdem adesões enquanto aquelas que estão conectadas aos novos movimentos da cultura são as que mais tem crescido numericamente.¹²⁴

O discurso religioso cristão acerca do pecado e da vida eterna, importantes nos discursos de João, o Batista e de Jesus Cristo, não tem o mesmo apelo que a Teologia da Prosperidade e sua mercantilização da fé cristã, que transforma crentes em clientes, e que perverte a generosidade cristã em investimento capitalista; nem o mesmo apelo do movimento das igrejas engajadas em que a atuação sócio-política faz com que a Igreja mais se pareça com uma organização social não-governamental que com uma instituição religiosa. A igreja deve atuar em várias frentes, mas não pode perder a essência do que é desde o princípio. Em muitos casos, é possível perceber que há um descompasso entre a teoria e a prática. Esse descompasso não é saudável, é improdutivo e precisa urgentemente ser revisto¹²⁵.

Atuação social e política é um traço do cristianismo, mas ONGs, partidos políticos e outras instituições tem a mesma esfera de atuação nesses casos, e por dedicarem-se unicamente a esses aspectos os fazem de maneira mais eficiente. O que difere no caso da igreja é a motivação. Ser cristão significa necessariamente ser parte do Reino de Deus que é constituído de justiça, paz e alegria. A luta por justiça e paz não é exclusiva das igrejas, embora onde essa luta existe, aí há, certamente a atuação divina. Entretanto, tem

¹²³ OLIVEIRA, D. R., **Humano, cosmos e Deus**: Alteridade ontológico relacional. O princípio fundamental do conceito “Reino de Deus”, sua permanência na teologia de Leonardo Boff. Tese (doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Teologia, 2009, p. 361.

¹²⁴ Cf: SOUSA, R. B., **Crescimento das Igrejas**: três armadilhas. Disponível em: <http://cristianismohoje.com.br/artigos/lideranca/a-preocupacao-com-o-crescimento-e-legitima-e-necessaria-mas-os-riscos-dessa-expansao-sao-muito-grandes>. Acesso em 07 de fevereiro de 2017.

¹²⁵ Conflitos gerados pela discussão entre atuação social ou espiritual como ênfase das igrejas batistas são frequentes. Maria Jandira Cortes de Novais Lima esmiúça essas questões em sua dissertação de Mestrado. Cf.: LIMA, M. J. C. de N., **Uma mística militante**: reflexão sobre as possíveis contribuições de Dietrich Bonhoeffer para uma teologia e pastoral de integração na Igreja Batista Brasileira. Dissertação (Mestrado). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2008.

ficado de lado um aspecto do Reino que ONGs e partidos não conseguem dar conta: a alegria no Espírito Santo (Romanos 14,17).

Num ministério de juventudes cristão, a motivação e o exemplo é Jesus Cristo. Sua atuação e seus ensinamentos constituem a base do que devem ser os objetivos comuns de jovens crentes. Especialmente num contexto batista, em que a autoridade do Cristo, e o reconhecimento da Bíblia como regra de fé constituem valores importantes, é preciso que haja a consciência de algo por vir.

Pensar na eternidade não deve ser um desvio de foco da realidade da vida. A garantia de uma vida eterna com Deus no céu já cumpriu seu papel durante muito tempo de homologar os sofrimentos dessa vida. Uma vez que eram passageiros, não haveria razão para lutar contra o que seria a vontade de Deus: o conforto de uns poucos às custas da aflição de muitos outros. Uma das vias modernas de evitar esse discurso de conformação, que prioriza os mais abastados em detrimento dos mais pobres, foi o esquecimento de uma vida eterna. A pregação cristã ganhou contornos quase exclusivamente voltados a essa vida, seja na transformação da realidade social ou na satisfação de desejos humanos e temporais. Seja por uma teologia socialmente engajada ou por uma de prosperidade, a eternidade ficou em segundo plano.

Antes da eternidade, no entanto, existe uma fase madura da vida, cada vez mais adiada. E ainda uma fase de idade mais avançada, onde a força de trabalho diminui, as expectativas se tornam outras, a realidade exigirá que se tenha pensado nela com antecedência. Preparar-se para o fim da carreira profissional e consequente aposentadoria é tarefa que exige atenção e boa orientação. Para chegar a essas fases com um mínimo de organização pessoal, é necessário que a pastoral de juventudes se ocupe de contrapor a cultura do presente e do imediatismo. É necessário aumentar o alcance da visão.

A denominação batista, especialmente no Brasil, evita os extremos. Não se caracteriza por uma perspectiva apenas escatológica, embora creia na eternidade; nem por uma perspectiva apenas terrena, embora entenda que o Reino de Deus, sua justiça e seus protestos pedindo paz se aplicam a essa realidade corrente. Vive o hoje pensando na eternidade. Mas existe um descompasso entre o que se crê e a prática da vida. A teoria da fé nem sempre se observa nas decisões cotidianas. Propõe-se então, uma pastoral de

modelo querigmático que multiplique os contatos entre o dom de Deus, oferecido gratuitamente, e a vida dos jovens¹²⁶.

O ideal é um ministério de juventudes que se entenda parte integrante desse mundo e que deseje ser elemento de transformação das realidades terrenas como antecipação do Reino dos Céus já neste mundo, mas ainda não realizado plenamente. A plena realização que ocorrerá apenas na eternidade.

4.1.3

A superação da cultura do exibicionismo pela valorização da intimidade

Na era das mídias e redes sociais tudo é tornado público. Nada mais é de foro íntimo. As coisas de caráter privado perderam o sentido¹²⁷. O cristianismo tem o seu aspecto público, sobretudo no que tange à proclamação da mensagem do Evangelho. Tornar a pregação disponível a muitos é um desafio que enche os olhos de muitos que querem ver o avanço da mensagem cristã no mundo. Quanto mais visibilidade, publicidade e audiência melhor. Essa verdade se aplica bem ao evangelismo. Mas não faz tanto sentido no que tange à pastoral.

Em termos comerciais: o trabalho pastoral não é feito por atacado; é ação de varejo. É sempre focado na individualidade. Tratando do meio batista, as realidades regionais são muito distintas, e no âmbito local cada uma das pessoas tem suas particularidades. Não ter uma percepção apurada de quem são individualmente as pessoas e agir coletivamente na ação pastoral sempre é um caminho duvidoso.

Há a necessidade de lembrar em tempos de tanta autopublicidade que a relação com Deus é feita na intimidade, no isolamento, no silêncio (Mateus 6,6). O exemplo de vida dos jovens deve ser o mestre de Nazaré que se isolava para ter seus momentos de introspecção e diálogo com o Pai. Foi assim ao fim do milagre da multiplicação dos pães (Mateus 14,23). E foi assim na agonia do Getsemâni (Mateus 26,36-39).

Uma vida devocional introspectiva é o combustível de uma relação pessoal com Deus. É a expressão mais viva da espiritualidade professada. O amor a Jesus é fruto de um processo pessoal de desenvolvimento da fé. Douglas Alves Fontes afirma em sua dissertação que

¹²⁶ Cf. MORAES, A. O., **Alguns “modelos” atuais de pastoral juvenil: tendências, desafios e perspectivas teológico-pastorais**. In: Trilhas vol. 15, nº 29, 2013. p. 49.

¹²⁷ Cf: **Quem aguenta tanto exibicionismo nas redes sociais?** Disponível em: <http://epoca.globo.com/vida/noticia/2014/02/quem-aguenta-tanto-bexibicionismo-nas-redes-sociaisb.html>. Acesso em 02 de dezembro de 2016.

...esse amor imediato a Jesus não existe automaticamente, mas tem que ir crescendo e amadurecendo. Ele se desenvolve na intimidade, na oração, no abandonar-se cada vez mais na Escritura: ele é dom do Espírito. Por isto, não pode ser imposto. Não obstante, o desejo de possuir esse amor já é um começo e um começo que tem prometida a plenitude.¹²⁸

Em tempos de exibicionismo e de publicidade de todos os atos, há o risco de tornar a espiritualidade de cada dia em elemento de autopromoção. Dar publicidade a relação íntima com Deus faz lembrar a atitude censurada do fariseu na oração pública do templo (Lucas 18,14).¹²⁹

Em tempos de exibicionismo, as boas ações deixam de ser atos apenas do coração para tornarem elementos de demonstração pública de (uma pseudo-) generosidade. É imprescindível que os ministérios com juventudes nas igrejas se ocupem de ações que visem combater o estado de mazela e abandono presentes nas proximidades, entretanto, é preciso ter o tom correto, mantendo o foco em Jesus e tendo uma noção bastante sóbria da relação entre fé e prática que deve acompanhar a leitura da Bíblia, para que as atitudes generosas e a compaixão sejam feitas e tenham a motivação adequada. O Cristo mesmo já havia advertido que a generosidade deve ser assunto que diga respeito apenas a Deus e aos diretamente envolvidos (Mateus 6,3).

A ação pastoral está diretamente relacionada ao aconselhamento. E aqui há uma grande mudança em relação a pouco tempo atrás. Pessoas em dificuldades, costumavam guardar suas demandas para si e confidenciar apenas com pessoas de sua estrita confiança. O pastor de jovens deveria ser alguém que é acionado quando as coisas não vão bem. É comum entretanto que aquilo que é confidenciado já seja de domínio público graças ao exibicionismo virtual e à velocidade com a qual as notícias se espalham nesse tempo. A primeira geração conectada 24 horas da História ainda está aprendendo a lidar com tanta exposição, e a pastoral precisa relembrar os conceitos relacionados à introspecção, ao silêncio e à intimidade.

Em tempos de liberdade sexual exagerada, a vida íntima de cada um se tornou assunto comum onde todos e cada um se acha no direito de intervir e opinar. A geração atual tem cada vez menos problemas com seus pudores, ou em compartilhar detalhes em formato de narrativas, fotos e vídeos de atos que deveriam dizer respeito apenas aos

¹²⁸ FONTES, D. A., **A relação pessoal do cristão com Jesus Cristo**. Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Teologia, 2015, p. 82.

¹²⁹ Cf: SOUZA, L. L., **O outro que me justifica**: análise exegética de Lc 18,9-14. Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Teologia, 2016, pp. 72-75.

envolvidos e que em outros tempos seria inimaginável haver qualquer forma de registro. Hoje porém as redes sociais alastram a intimidade, seja ela a própria ou alheia, sem que haja um cálculo adequado (mesmo porque tal cálculo é impossível) das consequências que tal exposição possa vir a causar às pessoas envolvidas, suas famílias e suas relações sociais e profissionais.

Esses desafios que dizem respeito a perda da intimidade e do senso de preservação da própria imagem constitui uma novidade deste tempo com a qual a pastoral se depara, e por se tratar de algo novo, a resposta deve ter embasamento nos conceitos da fé cristã com as devidas adaptações para um mundo conectado em que o público e o privado se confundem.¹³⁰

Intimidade e interioridade precisam ser destacadas a partir do exemplo de Jesus. É preciso exercitar a introspecção e fomentar debates que visem a um uso saudável, consciente e coerente das mídias sociais que, se bem utilizadas, podem ser úteis para aproximar pessoas e facilitar o compartilhamento de informações. Moderação e coerência são marcas da maneira batista de cultivar e ser. É preciso ampliar esse estilo de ser e viver para as relações virtuais e sociais.

4.2 O Discipulado das juventudes no século XXI

Entender e conhecer as tendências de como eram as juventudes no passado e como elas estão evoluindo (o que nem sempre significa melhoria) não é suficiente para traçar uma atuação de ministério de juventudes que busque discipular jovens neste tempo de constantes mudanças. É necessária uma atuação pastoral que ajude as juventudes a se adaptar às tendências modernas, e na caminhada com os jovens os levar a entender os princípios que identificam jovens que assumiram um compromisso com Cristo.

No primeiro capítulo dessa pesquisa, com a ajuda da metodologia de Libânio, mapeamos as tendências de comportamento que influenciam as juventudes atuais. Uma vez identificado o trajeto de como era, e como está vindo a ser a postura das juventudes, apontamos perspectivas pastorais para os ministérios de juventudes em cada uma das tendências.

¹³⁰ Cf. ANDRADE, R. A.; MACHADO, V., **A Privacidade e as Redes Sociais**. In: CONGRESSO NACIONAL CONPEDI/UNINOVE, XXII, Direito e Novas Tecnologias, 2013, São Paulo. Anais... São Paulo: Funjab, 2013, p. 207-232. Disponível em: <http://www.publicadireito.com.br/artigos/?cod=5677498ba2a6142d>. Acesso em 04 de janeiro de 2017.

Levaremos em conta: a busca de relevância dos ministérios de juventudes conectada ao espírito desse tempo; o modo batista de entender os valores cristãos; e as particularidades de cada grupo de jovens espalhado pelo Brasil batista. Assim, não teremos um caminho pronto, mas apontamentos que servirão de guia para que cada juventude batista possa trilhar seu caminho e prover recursos para que os jovens batistas façam diferença nos meios em que circulam.

4.2.1 Discipulado frente às tendências pessoais

Cabe à pastoral, dosar para que hajam cobranças que despertem responsabilidades aos jovens sem que estas sejam feitas de maneira impositiva e autoritária. O caminho da imposição e do autoritarismo não se mostra mais válido:

A igreja do século XXI, não deve impor ou provar a superioridade de sua dogmática, mas abrir-se, e sua abertura não dilui sua identidade, mas aprende princípios que legitimam sua plena identidade com Cristo.¹³¹

A geração acostumada à liberdade de expressão, opinião e de ação não pode, não quer e não deve ser tratada de maneira a desrespeitar suas individualidades. A maneira de influenciar deverá ser sempre pela via do exemplo, da inspiração e da conscientização.

As juventudes desacostumadas a responsabilidades precisam se sentir responsáveis como cristãos pelo que fazem consigo mesmos e como esta relação interior tem a ver com as relações humanas à sua volta. Se os próprios direitos e liberdades são bem entendidos e valorizados, esse mesmo conceito precisa ser ampliado para outras pessoas. Num mundo de conceitos novos e de novas perspectivas, a alteridade precisa ser ensinada e praticada de modo que cada jovem cristão se sinta responsável pelo que acontece com seu próximo.

As juventudes precisam ser despertadas para um planejamento de vida menos imediatista, que vise o futuro. Para que aprendam a viver o presente pensando no futuro. Uma vez que a expectativa de vida aumenta cada vez mais devido ao avanço da medicina, aos bons hábitos de saúde, à alimentação e aos exercícios físicos, deve aumentar também a preocupação com os anos em que a saúde e a disposição para o trabalho não forem mais

¹³¹ SANTOS, M. A., **Povo de Deus, uma sociedade contrastante**: do movimento de Jesus à sociedade pós-moderna. Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Teologia, 2013, p. 114.

os mesmos. O imediatismo da vida não leva em conta uma provisão para os dias da velhice, mas ela precisa ser pensada nos âmbitos da saúde e das finanças pessoais.

A violência urbana, que faz diminuir a expectativa de jovens sobretudo os mais pobres, precisa ser vista como um desafio a ser superado.¹³² As juventudes têm de desenvolver em suas consciências que o amadurecimento e o envelhecimento tem mais aspectos positivos do que a publicidade faz questão de mostrar, e é preciso acolher essa fase da vida de maneira a estar adaptado e preparado para elas.

É necessária ainda uma orientação por parte da atuação pastoral a uma ação psicopedagógica no sentido de despertar uma consciência responsável quanto à sexualidade estando imersos em uma cultura hedonista voltada para o prazer. Conscientizar é a tarefa, e não meramente proibir. Numa época desprovida de culpa, em que tudo se torna relativo, o antigo discurso proibitivo de que não pode apenas porque é pecado já não tem tanta receptividade. É preciso portanto, um trabalho que conscientize para uma sexualidade segura, sadia e responsável que valorize a própria pessoa e os parceiros envolvidos. As discussões sobre sexualidade precisam acontecer e é fundamental que exista pessoal preparado para lidar com as mais diversas questões e dúvidas nessa área dentro dos ministérios que lidam com as juventudes.

Mesmo em relação ao uso de drogas, recomenda-se uma ação pastoral que desenvolva um comportamento sadio e crítico frente a essa situação com o incentivo de resistir à tendência geral através de disciplina, sacrifício e renúncia. A demanda é enorme assim como a atração que exercem as drogas sejam elas lícitas ou ilícitas.

As drogas, especialmente o álcool, chegam a muitos jovens e adolescentes por influência familiar, mas há aqueles que são atraídos pela curiosidade. Motivados a esquecer seus problemas e frustrações, muitos embarcam em viagens sem volta. Outros sentem a necessidade de experimentar novas emoções ou apenas querem escapar da timidez e da insegurança, sem dosar os perigos que possam estar atrelados a essa tentativa. Há ainda os que recorrem às drogas na tentativa de fugir da realidade por que não conseguem encarar a própria realidade e suas faltas de perspectivas pessoais.

O mais nocivo dos efeitos das drogas é o vício, que escraviza jovens vocacionados para uma vida livre (Gálatas 5,13). Como afirma em entrevista ao Jornal A Gazeta, o psiquiatra Fernando Furieri:

¹³² Cf.: WAISELFISZ, J. J., **Mapa da violência 2013** – homicídios e juventudes no Brasil. Brasília: Secretaria Nacional de Juventudes, 2013.

A nossa sociedade é hedonista e extremamente voltada para o prazer, por isso é natural que os adolescentes busquem esses valores de satisfação imediata. O jovem acaba ficando vulnerável, já que o exemplo geral valoriza muito o prazer e ele acaba se interessando menos por questões da lei, da ordem e da disciplina. Além disso, ele ainda não tem seu lugar adequado no mundo nessa época de vida, que é de transição. Quando ele fica desmotivado, a vulnerabilidade ao uso de drogas é ainda maior. E a chance de querer usar isso para o resto da vida quando se inicia na adolescência é muito grande. A droga e o álcool geram uma escravidão dentro da estrutura das células. Mesmo quando quer parar, o jovem continua tendo lembranças do vício e não consegue se voltar aos estudos e outras atividades. Ele acaba ficando escravo. Ainda que use na primeira vez por experimentação ou curiosidade, há grande possibilidade de ficar dependente.¹³³

Urge a questão de tratar de maneira responsável a época da juventudes como algo a ser preservado e valorizado, sobretudo em um contexto onde se percebe um abuso constatado pela Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE), divulgada pelo IBGE¹³⁴, que traz dados alarmantes sobre os hábitos dos adolescentes brasileiros. O trabalho, referente ao ano de 2015, foi realizado com estudantes concluintes do 9º ano em escolas públicas e privadas de todo o país, a maioria entre 13 e 15 anos. Os resultados mostram que o percentual de jovens que já experimentaram bebidas alcoólicas subiu de 50,3%, em 2012, para 55,5% em 2015; já a taxa dos que usaram drogas ilícitas aumentou de 7,3% para 9% no mesmo período. Também subiu o número dos que relataram a prática de sexo sem preservativos, de 24,7% para 33,8%¹³⁵. Essa triste realidade precisa e pode ser mudada. Os ministérios de juventudes tem de estar atentos para agir a partir desse contexto.

4.2.2 Disciplinado frente às tendências na vida escolar

O início do trabalho batista no Brasil no século XIX teve uma forte atuação pedagógica. Naqueles primeiros anos de atuação, os batistas mantinham três motivações para se preocuparem com a educação secular:

¹³³ Cf: **Oito motivos que levam o jovem a usar drogas e álcool**. Disponível em: http://www.gazetaonline.com.br/_conteudo/2015/03/entretenimento/vida/3892310-oito-motivos-que-levam-o-jovem-a-usar-drogas-e-alcool.html. Acessado em 10 de janeiro de 2017.

¹³⁴ A Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE) é uma pesquisa realizada com escolares adolescentes, trienalmente, desde 2009, em parceria com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e com o apoio do Ministério da Educação (MEC). Cf.: <http://portalsaude.saude.gov.br/index.php/o-ministerio/principal/leia-mais-o-ministerio/673-secretaria-svs/vigilancia-de-a-a-z/doencas-cronicas-nao-transmissiveis/12-doencas-cronicas-nao-transmissiveis/14126-pesquisa-nacional-de-saude-do-escolar-pense> Acesso em 10 de fevereiro de 2017.

¹³⁵ Cf: **Uso de drogas aumenta entre os adolescentes no país**. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/sociedade/uso-de-drogas-aumenta-entre-os-adolescentes-no-pais-19996988#ixzz4Wj3fsJEx>. Acessado em 10 de janeiro de 2017.

Queriam fazer algo em favor da população analfabeta do país. Evangelho e instrução sempre andaram juntos. (...) Dada a importância da leitura da Bíblia, na divulgação do evangelho, era natural que os pioneiros se tornassem campeões na luta contra o analfabetismo. (...) Em segundo lugar, os missionários queriam proporcionar, aos filhos de famílias crentes, maiores oportunidades de se instruírem. (...) E em terceiro lugar, os missionários queriam usar das escolas e colégios para a propagação do evangelho. Ministrando a melhor instrução possível, esperavam atrair muitos alunos e, por meio de cultos e leituras bíblicas, desejavam evangelizar esses alunos.¹³⁶

Com o passar dos anos, escolas batistas foram sendo abertas, mas outras escolas particulares e o aumento da oferta da educação pública, fizeram com que houvesse uma diminuição dessa intenção pedagógica. Hoje existem escolas batistas atuantes, mas a urgência que tinham os primeiros missionários em alfabetizar e evangelizar através das escolas já não é a mesma. Mesmo a escola bíblica dominical que iniciou como reforço escolar que utilizava a Bíblia para seus propósitos se tornou ao longo dos anos um meio de estudo sistemático da Bíblia através de estudos orientados.

Se por um lado, foi aumentada a oferta de escolas e acesso à educação nos níveis fundamental, médio e superior, por outro houve a percepção da enorme quantidade de pessoas enquadradas no chamado analfabetismo funcional, que é quando a pessoa consegue ler, mas entende pouco do que foi lido.

Um ministério de Juventudes preocupado com o jovem como um todo e não apenas com seu aspecto religioso deve se ocupar de identificar essas deficiências e criar mecanismo que possibilitem descobrir a importância da leitura para a vida social, acadêmica, profissional e mesmo na atuação na igreja.

Incentivar a leitura e promover meios de despertar a escrita são tarefas que a pastoral pode e deve assumir de forma a tornar a aventura com as letras algo agradável sem imposição ou obrigatoriedade, fazendo despertar o prazer de ler. As maneiras são várias: clubes de leitura, grupos de conversas sobre livros e textos, concursos de redação. Atividades que unem os jovens e os conectam à literatura.

A criação e manutenção de uma biblioteca acessível aos jovens integrantes de um ministério, que permita o acesso de outros jovens pode ser um meio de integrar os que já estão participando e atrair os de fora. Essa opinião é compartilhada por especialistas da área de educação como a coordenadora de programas da ONG Ação Educativa, Vera Masagão Ribeiro:

Finalmente, é preciso reconhecer que a promoção do alfabetismo não é tarefa só da escola. Os países que já conseguiram garantir o acesso universal à educação básica estão

¹³⁶ PEREIRA, J. R., **História dos Batistas no Brasil**, p. 110.

conscientes de que é necessário também que os jovens e adultos encontrem, depois da escolarização, oportunidades e estímulos para continuar aprendendo e desenvolvendo as suas habilidades. Os programas de dinamização de bibliotecas e inclusão digital são fundamentais e devem ser levados a sério pelas políticas públicas¹³⁷.

Sem incentivo, e sem oportunidade de imergir no universo da leitura, a realidade não mudará. É bem certo que, se a paixão pelas letras nasce ainda na infância ela acompanhará a pessoa por toda a vida. Entretanto, o público atendido pelos ministérios de juventudes já passou dessa fase. A primeira e melhor oportunidade de encantar-se com os livros foi perdida, mas ainda é possível criar mecanismos de incentivo, que façam com que hábitos de leitura e estudos sistemáticos abram caminhos para que seja possível a todos o acesso à cultura, a um melhor vocabulário, à possibilidade de crescimento acadêmico e profissional.

Mesmo a leitura e interpretação da Bíblia, que no caso batista é regra de fé e prática deve ser aumentada em frequência e qualidade de modo a ser de fato o livro que traz as afirmações de fé nas quais se crê e, que uma vez entendidas, se possa viver uma vida alinhada a esses princípios.

4.2.3

Discipulado frente às tendências nas relações comunitárias

Uma atuação pastoral familiar é muito mais significativa que um discurso e uma prática voltada apenas para os jovens. É preciso que as famílias se conscientizem de seu papel na formação moral e espiritual de suas juventudes. Os jovens tenderão a seguir o exemplo do modelo familiar que tiverem. Não basta querer que as juventudes tenham prática diversa da tendência dominante de seu tempo se o modelo antigo é visto por eles como claramente fracassado.

O cotidiano da vida apressada e sem tempo do século XXI diminui os momentos de contato mais próximo entre as famílias.¹³⁸ É preciso que esses momentos sejam incentivados e até mesmo promovidos por uma pastoral de juventudes que se preocupe com a qualidade das relações que os jovens tem criado nessa sociedade.

As relações familiares evoluíram de uma estrutura de hierarquia para uma maior proximidade. Em muitos casos no entanto, existe o iminente perigo da ausência total de referência de quem exerce qual papel na relação entre pais e filhos. Um ministério com

¹³⁷ RIBEIRO, V. M., **Analfabetismo e alfabetismo funcional no Brasil**. Disponível em: <http://www.faccamp.br/letramento/GERAIS/analfabetismo.pdf>, acessado em 27 de janeiro de 2017.

¹³⁸ Cf. LIBANIO, J. B., **Jovens em tempos de pós-modernidade: Considerações socioculturais e pastorais**, pp. 100-103.

juventudes deve estabelecer uma pedagogia do vínculo que consiga manter em equilíbrio a liberdade e os limites. Sem limites definidos, as relações podem se degradar para a anomia. Essa ausência de referências poderá influenciar nas relações com pessoas de fora do círculo familiar e comprometer o rendimento acadêmico e profissional.

Cabe ao Ministério com Juventudes auxiliar os jovens, e incluir nisso as famílias, a desenvolverem responsabilidade e maturidade. A responsabilidade é fator preponderante para o amadurecimento. Ela cresce na medida em que se avança o relacionamento humano na intensidade e na profundidade afetiva. A maturidade por sua vez carece da soma dos esforços pessoais e de ajuda externa, num processo que leva tempo e acontece de acordo com a forma com que a realidade é percebida por cada um. Atuação pastoral aliada à psicologia pode ser um bom caminho para enfrentar esta fase.

Para as relações em âmbito acadêmico, Libânio¹³⁹ empresta de Pedro Demo¹⁴⁰ a ideia de uma pedagogia da criatividade onde a pastoral se vê engajada a fornecer subsídios para atuar pastoralmente na sociedade do conhecimento. Na pedagogia da criatividade, três tipos de pensar precisam ser incentivados: *o pensar matemático* que aguça a capacidade de ver no singular o universal, ampliando as experiências particulares, fazendo descobrir novas ligações e relações; *a linguagem* que favorece a criatividade sobretudo pelo uso da metáfora ligando o sensível ao transcendente e *a reflexão filosófica* que conduz ao profundo da realidade, vasculhando os fundamentos. A conjugação dessas três habilidades permite pensar, criar e inventar em vez de apenas absorver um saber cristalizado sendo transmitido.

Quanto às relações entre colegas, hoje existe uma ampla convivialidade para grupos, muitas vezes descartam o contato real para uma convivência virtual, onde as idades são suprimidas e todos conversam de igual para igual. A era digital é uma realidade que não retrocederá. Aqui a pastoral precisa agir para mostrar sua força agregadora de modo a conjugar as duas formas, pessoal e virtual, de relacionamento. O potencial revolucionário da tecnologia deve ser utilizado aliado ao desenvolvimento de uma pedagogia e de uma ética da informática.

Grupos de comunhão e eventos que valorizem a interação real, o olho no olho, que fazem o percurso entre o excesso de informação para a práxis. Informação por ela mesma pode gerar apatia. É preciso atribuir valor a cada informação. Para que até mesmo o

¹³⁹ Cf: LIBÂNIO, J.B., **Para onde vai a juventudes?** Reflexões Pastorais. São Paulo: Paulus, 2011, pp. 124-125.

¹⁴⁰ Cf: DEMO, **Pobreza e política na educação.** Revista de Educação AEC, n. 24, pp.9-40, 1995.

Cristianismo não seja reduzido à informação, mas que seja a transformação necessária nas vidas de cada um e no todo da sociedade.

Comunhão faz parte da essência da vida numa comunidade cristã. O pacto das Igrejas batistas já traz esse compromisso:

Comprometemo-nos a ter cuidado uns dos outros; a lembrarmos-nos uns dos outros nas orações; ajudar mutuamente nas enfermidades e necessidades; cultivar relações francas e a delicadeza no trato; estar prontos a perdoar as ofensas, buscando, quando possível, a paz com todos os homens.¹⁴¹

A relação interpessoal, a unidade e a comunhão precisam ser valorizadas. O ministério de juventudes crescerá em todos os aspectos se mantiver esses valores, e assim poderá ser relevante na igreja, na comunidade e como servos de Deus no mundo.

4.2.4

Discipulado frente às tendências no mundo cultural

Tomando mais uma vez a contribuição de Libânio que frente às mudanças culturais, algumas bastante abruptas, que o mundo enfrentou nas últimas décadas, propõe uma dupla pedagogia que dê conta do presente; uma pedagogia do prazer que “corrige os extremos frutivos do próprio momento”.¹⁴² Essa pedagogia vem revestida de neoestoicismo (porque ensina a refrear os instintos humanos a partir de uma consciência do compromisso com Deus) e de filosofia oriental. Esses dois aspectos dessa pedagogia dão medida a fruição e não deixam que a frustração do prazer terminado arruíne a própria alegria do instante.

A outra pedagogia está ligada ao tempo. A partir do relato da criação, define-se o tempo destinado ao trabalho e ao ócio, este visto como algo positivo como momento de descanso e louvor a Deus. A pastoral pode e deve incentivar esse ócio que produz criatividade, descanso e comunhão. Nesse sentido, a influência da cultura oriental pode ser bastante significativa.

A estética tem seu lado positivo quando se aprende a valorizar a beleza e se desperta a sensibilidade diante da arte. A consciência ecológica tão em evidência ajuda a diminuir o impacto da tecnologia sobre o cotidiano. Assim, o tempo será melhor aproveitado como momento de descontração e interação social real. Esta pesquisa já tratou das culturas que

¹⁴¹ SOUZA, S. O., (org.), **Pacto e Comunhão**, p. 9.

¹⁴² LIBÂNIO, J.B., **Para onde vai a juventudes?** Reflexões Pastorais. São Paulo: Paulus, 2011, p. 146.

mais tem influenciado os jovens atualmente. A partir dessa realidade cultural é preciso que sejam feitos esforços no sentido de apresentar a arte existente e a possibilidade de criação a partir da própria percepção da realidade à volta.

A vida humana tem sido desvalorizada em decorrência da banalização da violência. O ministério com juventudes pode contribuir para a valorização da própria vida e a dos outros ao redor, buscando criar meios de integrar os de dentro do próprio ministério e os de fora com programas que ocupem o tempo dos jovens e os faça enxergar um caminho alternativo à realidade de violência e vazio em que muita gente se encontra.

A valorização da diversidade de ideias, e de culturas pode e deve ser um elemento enriquecedor num contexto de uniformização e padronização. Num mundo de incertezas, de transições rápidas e de instituições que não são mais os pilares da vida em sociedade, os jovens carecem de referenciais. Se não podemos falar de uma juventudes uniforme, não podemos aceitar uma uniformização forjada pela publicidade e pelo consumo.

Engajar-se em causas que sejam de fato relevantes como a preservação dos ecossistemas é algo que se adequa ao espírito deste tempo, tendo as devidas e necessárias conexões com uma teologia ecológica. A encíclica ‘Laudato Si’ escrita pelo Papa Francisco trata longamente dessa questão alertando inclusive que o consumo excessivo pode fazer com que traços culturais sejam deixados de lado em função do consumo exagerado vindo de outras culturas, tornando cada vez mais homogêneo aquilo que é belo exatamente por ser diverso. Diz Francisco:

Muitas formas de intensa exploração e degradação do meio ambiente podem esgotar não só os meios locais de subsistência, mas também os recursos sociais que consentiram um modo de viver que sustentou, durante longo tempo, uma identidade cultural e um sentido da existência e da convivência social. O desaparecimento duma cultura pode ser tanto ou mais grave do que o desaparecimento duma espécie animal ou vegetal. A imposição dum estilo hegemônico de vida ligado a um modo de produção pode ser tão nocivo como a alteração dos ecossistemas¹⁴³.

Um ministério de juventudes que se preocupe com as culturas de modo global, estará conectado com a agenda deste tempo. Simultaneamente, fará com que o agrupamento de jovens cristãos se sinta responsável pela preservação das culturas e do ambiente à volta. Valorizar o que não é necessariamente parte do próprio grupo, é a demonstração do sentido cristão do amor ao próximo, bem como tem a ver com o espírito

¹⁴³ FRANCISCO, **Laudato Si**, p. 113. Disponível em: https://w2.vatican.va/content/dam/francesco/pdf/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si_po.pdf. Acesso em 10 de janeiro de 2017.

democrático e de valorização da liberdade de cada indivíduo, um princípio importante para a denominação batista há séculos.

4.2.5 Discipulado frente às tendências no mundo religioso

Nesse campo, as juventudes oscilam entre dois extremos: a secularização e as expressões religiosas brasileiras. De um lado a secularização faz os jovens cada vez mais alheios à esfera religiosa. Muitos são os que não querem mais viver uma vida de fé e devoção pessoal, tampouco experimentar a vivência de fé em uma comunidade religiosa. Muitos receberam orientação cristã na primeira fase da vida, mas acabaram se afastando, quando em algum momento, aquele discurso e modo de vida não lhes dizia mais respeito.

Por outro lado, há uma crescente procura por parte dos jovens de expressões religiosas surgidas no próprio Brasil, assim como um aumento significativo dos movimentos neopentecostais evangélicos e carismáticos católicos. As práticas religiosas tradicionais perdem espaço para um modelo em que cada um escolhe suas práticas conforme a necessidade e o gosto do momento.

Uma religiosidade feita sob medida em que não se sinta forçado ou obrigado a nada, mas livre para fazer ou deixar de fazer o que bem entender, perverte o sentido da liberdade cristã para uma expressão religiosa que seja pretensamente cristã, mas que nada tem a ver com o compromisso que se espera daqueles que se dispuseram a serem discípulos de Jesus. O teólogo inglês John Stott, em sua obra de despedida apontou uma razão para isso:

Geralmente evitamos o discipulado radical sendo seletivos: escolhemos as áreas nas quais o compromisso nos convém e ficamos distantes daquelas nas quais nosso envolvimento nos custará muito. Porém, por Jesus ser Senhor, não temos o direito de escolher as áreas nas quais nos submetemos à sua autoridade¹⁴⁴.

É preciso oferecer possibilidades de vida cristã em comunhão a partir da igreja. Hoje o jovem não tem muito clara a sua participação da Igreja. Parece que em muitos momentos não há lugar para o jovem na igreja. A música pode e deve ser usada como importante meio de agregação e pode contribuir muito na liturgia, embora não se deva restringir aí a atuação dos jovens.

¹⁴⁴ STTOTT, J., **O Discípulo Radical**, p. 11.

Num contexto cada vez mais voltado para a valorização da vida acadêmica e profissional convém que a igreja oriente os jovens na sua busca pela vocação e satisfação de modo a entender que sua escolha profissional faz parte de sua vida cristã em responder um chamado de Deus para a atuação no mundo.

Nesse sentido, a pastoral pode aproveitar um dos três caminhos por onde começa a religiosidade dos jovens: o compromisso com uma religião, a simples vivência religiosa ou uma adesão cristã decorrente de conversão. Seja qual for a maneira como tudo isso se inicia, a pastoral pode oferecer um estímulo que os leve a aprofundar sua fé. E deve usar de criatividade para tanto, como orienta Libânio:

Toca à pastoral perceber, acolher, e incorporar esse jeito novo que os jovens mostram e abrir-lhes espaços na igreja: liturgia, música, teatro, leitura orante da Escritura etc. Além disso, o trabalho com eles pode relacionar o lúdico, o estético e o religioso, ao apresentar uma religião da beleza, da alegria, do compromisso prazeroso em vez de triste, feia e doutrinal. Está em questão mostrar nova face de Deus Trindade, eterna comunhão. Em vez dos imperativos da necessidade e da obrigação, cabe descobrir o compromisso que nasce do amor.¹⁴⁵

Em vez de um ministério preocupado em apenas manter os jovens na igreja, oferecendo entretenimento tão somente, que é um extremo perigoso, ou de agir no outro extremo ao proporcionar uma experiência de fé que seja mais dogmática, doutrinária, rígida, distante da beleza e da liberdade do Evangelho; a posição de um ministério de juventudes batistas há de ser sempre a de optar pelo equilíbrio. Mantendo sempre o foco naquilo que é fundamental e permitindo-se acrescentar novas maneiras para que as verdades de fé sejam comunicadas e entendidas.

Não será necessário criticar, ou desmerecer outras opções religiosas, ou outras vertentes da fé cristã. Se orientados a pensar e entender os pressupostos da fé, cada um poderá avaliar o panorama mais amplo a partir de sua percepção e experiência, ficando ligado ao grupo que mais lhe diz respeito de maneira livre e consciente, numa expressão de fé que mantenha resguardados seus princípios, que são aceitos e compartilhados de maneira natural pelo grupo que a compõe sem imposições e violações da liberdade de pensamento de cada um. Afinal os batistas creem que:

O homem tem capacidade de perceber, conhecer e compreender, ainda que em parte, intelectual e experimentalmente, a verdade revelada, e tomar suas decisões em matéria religiosa, sem mediação, interferência ou imposição de qualquer poder humano, seja civil ou religioso.¹⁴⁶

¹⁴⁵ LIBÂNIO, J.B., **Para onde vai a juventudes?** Reflexões pastorais, p. 189.

¹⁴⁶ SOUZA, S. O., (org.), **Pacto e Comunhão**, p. 18.

4.2.6

Discipulado frente às tendências na sociedade e na política

É preciso que o ministério de juventudes entenda o seu papel na formação de um pensamento crítico. A missão, quando engajada socialmente mostra aos jovens a dimensão dinâmica do evangelho em consonância com o espírito deste tempo onde o voluntariado tem exercido um papel importante nas questões realmente relevantes não só para a Igreja, mas para todo o conjunto da sociedade.

Os valores do tempo secularizado atual não são todos desprovidos de sentido. Há neles algo que pode e deve ser aproveitado pela igreja em seu trabalho pastoral de mobilizar e conscientizar os jovens para uma prática de vida que reflita sua fé em Cristo muito mais do que os discursos e eventos internos voltados para uma vida em que igreja e mundo sejam ambientes distintos. É preciso ver a relação entre a fé e o dia a dia.

Os valores estéticos e de valorização do corpo precisam ser repensados de modo a não invalidar o cuidado com a aparência e com a saúde, mas com uma postura que seja reflexo de uma conduta baseada na consciência de que o corpo é templo do Espírito Santo e que a atuação do corpo físico precisa ser para a Glória de Deus.

Conectar os valores e preocupações da sociedade com as devidas referências cristãs, corrigindo os excessos e alinhando um discurso que faça as juventudes verem e entenderem a atuação de Deus na vida e na resposta necessária de cada um a esses estímulos da sociedade. No livro de Atos, Paulo usa uma situação que já era familiar ao povo de Atenas para pregar um Deus que eles desconheciam (At 17.22,23). O uso de linguagem e símbolos conhecidos mesmo que resignificados tendem a fazer sentido aos ouvintes modernos.

A igreja batista se caracteriza como uma organização totalmente separada do estado. Essa separação, no entanto, não significa que não exista uma relação entre eles. Diz o documento Princípios Batistas:

Os cristãos devem aceitar suas responsabilidades de sustentar o Estado e obedecer ao poder civil, de acordo com os princípios cristãos. O Estado deve à igreja a proteção da lei e a liberdade plena, no exercício do seu ministério espiritual. A igreja deve ao Estado o reforço moral e espiritual para a lei e a ordem, bem como a proclamação clara das verdades que fundamentam a justiça e a paz. A igreja tem a responsabilidade tanto de orar pelo Estado quanto de declarar o juízo divino em relação ao governo, às responsabilidades de uma soberania autêntica e consciente, e aos direitos de todas as pessoas. A igreja deve praticar coerentemente os princípios que sustenta e que devem governar a relação entre ela e o Estado¹⁴⁷.

¹⁴⁷ SOUZA, S. O., (org.), **Pacto e Comunhão**, pp. 44-45

Tendo em vista essa relação existente e necessária, cabe a um ministério de juventudes ter uma atuação política que seja relevante em entender, questionar, participar da vida pública e estar conectada à atuação do Estado, sem com isso perder a perspectiva que a Igreja não é um partido político. Há importância nos partidos e coligações políticas e a participação neles deve ser vista como exercício saudável de democracia e civismo. Entretanto, nenhum partido ou organização tem compromisso básico fundamental com a mensagem do Evangelho e com os valores do Reino de Deus mais do que uma Igreja que se entenda uma agência de anúncio da salvação em Jesus e de uma vida que siga seu exemplo.

5 Onde queremos chegar

Na segunda parte dessa pesquisa olhamos para o passado do trabalho pastoral junto aos jovens na denominação batista e todos os percalços que envolveram essa atuação. Esse olhar para trás, teve a função de esclarecer o caminho percorrido a fim de entender como a Juventude Batista Brasileira, chegou ao século XXI. Longe de culpar o passado, a proposta é, que a partir de um conhecimento do que já foi feito, seja possível projetar um futuro viável e eficiente para a tarefa de liderar as juventudes batistas brasileiras.

Como foi visto, não foram poucas as tentativas de manter uma ação pastoral e evangelística integrada entre as juventudes batistas das igrejas locais. Um grande desafio, uma vez que as propostas de ação integrada devem sempre respeitar o princípio da autonomia da igreja local, e ao mesmo tempo, atender a recomendação de uma cooperação entre as igrejas batistas. A própria Declaração Doutrinária da Convenção Batista Brasileira recomenda que: “As igrejas devem relacionar-se com as demais igrejas da mesma fé e ordem e cooperar, voluntariamente, nas atividades do reino de Deus.”¹⁴⁸ Assim, um trabalho integrado para as juventudes não deveria (nem poderia) ser uma imposição, mas algo que fosse de acordo comum, preparado para alcançar certos objetivos, estabelecendo parâmetros que pudessem formar uma identidade, e que tivessem a possibilidade de adaptar-se à realidade de cada igreja local.

Muitas campanhas, planos, projetos foram estabelecidos ao longo dos anos nas igrejas batistas do Brasil. A maioria deles com ênfase na evangelização. Uma atuação pastoral pensada para envolver os jovens ainda carece de um desenvolvimento maior. Muito se evoluiu na questão de treinamento de líderes, uma vez que são eles quem movimentam as juventudes locais, mas há um longo caminho a ser percorrido para que as atuações pastorais das juventudes batistas sejam mais uniformes, com algo que possa caracterizar os jovens batistas por aquilo que pensam, são e fazem.

A discussão sobre o passado nos importa (e muito) já que é preciso saber o que já foi feito em cada momento histórico para aprender com os erros e acertos, retirando das experiências passadas os seus princípios. Entendemos que a falta de continuidade de trabalho aliada à falta de recursos atrasou a construção de uma atuação pastoral mais

¹⁴⁸ SOUZA, S. O., (org.), **Pacto e Comunhão**, p. 23.

efetiva no âmbito das igrejas batistas do Brasil. Esse atraso nos serve de alerta. É algo que precisa ser evitado em momentos futuros.

Não é suficiente entretanto olhar para o passado e saber de onde vimos e como chegamos aqui, olhar ao redor e ver como estamos, sem olhar para o futuro e tentar vislumbrar onde queremos chegar no que se refere às juventudes da denominação batista no Brasil.

5.1

Diálogos necessários para os ministérios de juventudes

A Juventude Batista Brasileira, mesmo que não seja toda ela consciente disso, é herdeira de uma história de tentativa, lutas, erros, acertos e intensa caminhada num esforço sincero de gente que trabalhou de maneira incansável para fazer com que os jovens vivam suas vidas a partir dos ensinamentos cristãos, e que fossem um fio de esperança no meio da crise e do desalento. Herdar essa história é uma dádiva. E uma responsabilidade. Militar na contramão da tendência pessimista e anunciar boas novas é um cenário desafiador para as juventudes.

Os jovens batistas brasileiros estão inseridos neste contexto global, e são participantes que sentem na pele muitos de seus desdobramentos. A Juventude Batista Brasileira é composta de jovens como todos os outros, que vivem as mesmas tendências e inquietações, que sofrem com os mesmos problemas sociais, políticos e econômicos e que tem que sobreviver no mundo violento e competitivo que se apresenta pra nós hoje. O fazem a partir de suas convicções cristãs, mas sofrem as mesmas influências de culturas e tendências já descritas.

Em um contexto maior, os ministérios de juventudes não podem mais ficar restritos a sua atuação local. São necessários esforços no sentido de ampliar seu raio de ação. As ações conjuntas entre igrejas através dos órgãos já existentes pode ser um caminho. É preciso atuar onde as coisas tem caminhado bem, repensar onde não tem funcionado e até mesmo extinguir aquilo que um dia já foi interessante, mas que não tem mais a mesma relevância que já teve. A mudança da comunicação da mídia impressa para as mídias digitais já é uma realidade na JBB. Outras mudanças em âmbito nacional, estadual e municipais serão necessárias. Entretanto nenhuma mudança ocorrerá por força de determinações. Tudo deverá transcorrer por meio do diálogo.

5.1.1 Diálogo com o mundo universitário

O aumento da exigência do mercado de trabalho aliado à oportunidade ampliada para que mais jovens pudessem ter acesso a um curso superior, fez com que um número cada vez maior de jovens cristãos tivessem confrontos pessoais entre a fé que há muito tempo professam, com os conhecimentos acadêmicos recebidos. As crises de fé e a busca de sentido tem de ser vistas como parte do processo natural de amadurecimento e não podem ser temidas. Muitos jovens, por encontrarem mais argumentos lógicos e encadeados na vida acadêmica que na comunidade de fé, esfriam em suas convicções passando a aceitar como verdade aquilo que faz mais sentido para eles¹⁴⁹. O ingresso de um jovem na universidade, para muitos líderes é motivo de preocupação, porque jovens capazes optam por suas carreiras e tendem a deixar de lado a vocação ao ministério cristão¹⁵⁰.

Entretanto, é fácil perceber que a vivência dos jovens batistas dentro das universidades é vista com preocupação apenas por aqueles líderes que não sabem dialogar sua fé com as outras ciências acadêmicas¹⁵¹. Essa falta de preparo da igreja em orientar os jovens para discernir o conteúdo bem fundamentado adquirido na escola e mais ainda na universidade, com a fé que professa gera crise em muitos jovens, que por falta de orientação, esfriam sua fé. Alguns deixam de se envolver e de frequentar a igreja. A igreja precisa aprender a se comunicar com os jovens universitários no cenário atual, entretanto o que se constata é que:

Diante do fenômeno crescente da urbanização, no contexto influenciado pela pós-modernidade, a Igreja ainda faz uso de uma linguagem pouco significativa, principalmente para os jovens e não se vê uma presença relevante da igreja no meio universitário.¹⁵²

¹⁴⁹ Cf: LIBÂNIO, J.B., **Jovens em tempos de pós-modernidade: Considerações socioculturais e pastorais**, p. 98.

¹⁵⁰ Cf: SOUZA, S. O., (org.), **Pacto e Comunhão**, p.47.

¹⁵¹ Em sua tese de doutorado, o pastor Elildes Junio Macharete Fonseca elenca algumas dificuldades encontradas: pastores que apenas graduam-se em Teologia e não seguem estudando nem mesmo teologia por razões diversas como a falta de tempo e recursos; e ainda os pastores que se formam em outras áreas do conhecimento dando mais ênfase a elas em sua atuação pastoral do que a teologia, não fazendo o necessário diálogo entre a Teologia e as demais ciências. Cf. FONSECA, E. J. M. **O Resgate da Centralidade Cristológica no Culto**. Uma análise teológico-prática das igrejas batistas litorâneas fluminenses. Tese (doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Teologia, 2015, pp. 64-66.

¹⁵² JORDÃO, S. M., **Pode o “novo crente” viver uma autêntica conversão cristã?**: reflexões sobre mobilidade religiosa e desafios para evangelização. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008, p. 181.

Há é claro, casos positivos em que a vida acadêmica e a profissão aprendida toma o aspecto de vocação dada por Deus. Profissionais da saúde que lutam pelo fim do sofrimento dos outros, operadores do Direito que se empenham em fazer justiça, professores que atuam de modo a reduzir a desigualdade social pela via da educação e da formação do pensamento crítico são alguns exemplos. Não devem atuar apenas como bons profissionais, mas como bons cristãos, cientes da vocação que receberam.

5.1.2 Diálogos sobre a vocação profissional e missionária

As primeiras igrejas, seminários e escolas batistas do Brasil foram fundados por missionários. O objetivo dos pioneiros era a evangelização. Todo o esforço que os primeiros batistas empreendiam tinham como objetivo a expansão do Evangelho alinhada à maneira batista de entendê-lo¹⁵³. Tudo o que foi feito tinha essa tônica, e as agências mais desenvolvidas e mais bem organizadas da denominação no Brasil até hoje são as agências missionárias.

As juventudes sempre foram importantes no processo de evangelização, por fatores como o tempo disponível e a disposição física necessária para a tarefa de evangelizar em áreas mais remotas. Jovens foram e são um elemento decisivo para a evangelização. E é no meio das juventudes, na idade das tomadas de decisões que são feitas as escolhas para a vida toda. Inclusive a importante decisão de atender a vocação missionária.

Muita coisa importante tem sido feita para apresentar aos jovens os desafios da vida missionária. Apesar de pontuais, esses eventos mostram a realidade espiritual em que muita gente se encontra e desperta nos vocacionados a necessidade de envolver-se nessa tarefa. Alguns serão despertados como evangelistas locais, enquanto alguns serão desafiados a viver a missão evangelizadora em tempo integral em outros lugares.

Seja no período das férias, como o Projeto Pés no Arado da JBB; seja para um público em específico como a iniciativa dos Universitários Missionários da Junta de Missões Nacionais; seja envolvida com uma realidade social e cultural em particular, como as diversas vertentes do Programa Radical, organizados por ambas as juntas de

¹⁵³ Cf: CALVANI, C. E. B., **A educação no projeto missionário do protestantismo no Brasil**. Revista Pistis Praxis, Teologia Pastoral, Curitiba, v. 1, n. 1, jan./jun. 2009, pp. 53-69.

Missões Nacionais e Mundiais, os jovens são sempre o público adequado para levar a mensagem da salvação.

As vocações missionárias devem ser incentivadas e todos os jovens batistas deveriam estar conscientes de sua importância na expansão do Evangelho como elemento de transformação das realidades espiritual e social de seu entorno. Entretanto, mais importante que entender vocação missionária como um chamado para sair de seu local de origem e seguir para um campo missionário em algum cenário inóspito, é entendê-la como algo que tenha a ver com sua própria vida cristã. Todos os cristãos chamados à salvação, tem a responsabilidade de pregar a todos os que encontrarem. Missionários diferenciam-se dos demais ao assumir essa tarefa como única, e ocupam-se dela para onde quer que sejam designados.

Analizira Nascimento afirma que:

Pensar a missão como “trabalho de Deus” no mundo, também nos leva a refletir sobre outros conceitos. Assim, ser vocacionado não é ter “um chamado” para ser Pastor, Padre ou missionário, mas reconhecer a sua parte na missão de Deus, e se empenhar para dar sua contribuição com seus dons, talentos e habilidades, pois todo cristão é vocacionado por Deus. Se a igreja é o corpo de Cristo na terra, todo Cristão tem uma função e um papel a desempenhar¹⁵⁴.

Desenvolver a consciência de missão como uma tarefa de todos os cristãos deveria ser natural. Mas há um certo clericalismo que parece dar maior importância e dignidade ao ministério pastoral e à missão evangelizadora fora do raio de atuação regular da igreja local. E isso provoca uma dissociação de missão e evangelismo daquilo que é o testemunho e o compartilhar do Evangelho com todas as pessoas, de perto e de longe. Para isso os cristãos foram chamados. E é essa vocação que deve ser despertada primeiro.

Por vezes, parece que há dignidade menor em atender a outras vocações que não sejam o serviço cristão de modo integral. Há um sentimento de perda quando um jovem vocacionado para o ministério opta por outras áreas profissionais:

Há, entretanto, uma falta generalizada no sentido de negar o valor devido à natureza singular da chamada como vocação ao serviço de Cristo. Maior atenção neste ponto é especialmente necessária em face da pressão que recebem os jovens competentes para a escolha de algum ramo das ciências e ainda mais devido ao número decrescente daqueles que estão atendendo à chamada divina para o serviço de Cristo.¹⁵⁵

¹⁵⁴ NASCIMENTO, A., **Missão e Alteridade**: descolonizar o paradigma missiológico. Tese (Doutorado) UMESP, Departamento de Ciências da Religião, 2013, p. 147

¹⁵⁵ SOUZA, S. O., (org.), **Pacto e Comunhão**, p. 47

Muitos profissionais cristãos não são orientados, no período de formação, e ainda durante o desenvolvimento na carreira, para aquilo que deveria ser uma ética cristã no trabalho e nos negócios, entender sua vida, missão e vocação como um dom recebido de Deus e que para Ele e para o Reino há de ser exercido.

Estudantes das diversas áreas do conhecimento e profissionais atuantes devem ser desafiados e encorajados a perceber as relações existentes entre suas profissões e a fé cristã. Muitos não percebem as relações possíveis. Não entendem como ser um cristão atuante mesmo em uma área que à primeira vista, nada tenha a ver com fé e espiritualidade.¹⁵⁶

Nesses novos tempos, cada vez mais os jovens batistas tem se preocupado em estar ligados às coisas que acontecem no mundo, fazendo com que sua presença e participação na sociedade seja marcada pelo testemunho, muito mais que do que apenas o proselitismo. Este não foi abandonado. A denominação batista é parte do protestantismo de missão. Isso faz parte de seu DNA. As formas de fazer acontecer a pregação evangelística é que tem mudado. Conjugando a fé cristã, e seu anúncio, com a atuação social e política de modo engajado tem sido uma preocupação crescente.¹⁵⁷

Os missionários jovens tem sido treinados e enviados com um desafio radical às áreas carentes da América Latina, Ásia, África¹⁵⁸. Pelo Brasil, têm atuado no sertão, na Amazônia e ativamente nas chamadas “cracolândias”, lugares onde há uma grande concentração de viciados em crack, espaços esses cada vez mais comuns nas grandes cidades. Lá, atuam através de um projeto muito bem sucedido que conjuga evangelismo e ação social chamado de “Cristolândia”¹⁵⁹.

¹⁵⁶ Fato interessante nesse sentido é desenvolvido anualmente pelo Ministério de Jovens e Adolescentes da Igreja Batista Fonte Carioca em São João de Meriti – RJ. Todos os meses de agosto há uma semana dedicada a cultos de oração, em que alguns jovens da própria igreja relacionam suas carreiras profissionais com a fé. Assim, já foram explicitadas as relações entre a fé e a Física, a Biologia, o Direito, a Pedagogia, os idiomas estrangeiros, a Farmácia, a Engenharia e uma surpreendente e interessante leitura da parábola do Bom Samaritano feita por um Bombeiro Militar a partir de sua experiência no atendimento do Serviço de Atendimento Móvel de Urgência (SAMU) nas ruas do Rio de Janeiro.

¹⁵⁷ As edições de 2016 da Conferência Paixão Pela Juventude, ocorridas em Fortaleza – CE e em Vitória – ES tiveram como tema: “Utilidade Pública”. As discussões giraram em torno do tema da relevância da Juventude Batista Brasileira nos contextos em que estão inseridos.

¹⁵⁸ O Projeto radical é uma iniciativa da Junta de Missões Mundiais da Convenção Batista Brasileira. Para mais informações sobre o Projeto Radical <http://missoesmundiais.com.br/radical/> Acesso em 10 de agosto de 2016.

¹⁵⁹ O Projeto radical Brasil é uma iniciativa voltada para os jovens da Junta de Missões Nacionais da Convenção Batista Brasileira. Para mais informações sobre o Radical Brasil, convém acessar: <http://www.radicalbrasil.org/> Acesso em 10 de agosto de 2016.

Essas iniciativas oficiais, aliadas à atuação da Juventude Batista Brasileira que treina e busca integrar líderes de jovens para as igrejas batistas tem por objetivo levar os jovens a fazerem diferença onde estão. Mas ainda há a sensação de que falta algo. A falta de recursos e o pouco tempo disponível devido aos compromissos familiares, acadêmicos e profissionais impedem maior participação dos jovens batistas brasileiros na vida da igreja local e das Juventudes Batistas locais e estaduais. Mesmo assim, sua contribuição tem sido relevante e cumpre a função cristã de dar testemunho da fé onde atuam.

O descrédito que grupos pretensamente cristãos fizeram cair sobre a Igreja de Cristo, fez com que a decisão de comprometer-se com o ministério fosse algo ainda mais complicado que antes. Se desde sempre havia a preocupação de não permitir que interesseiros assumissem um ministério ordenado; hoje muitos vocacionados relutam por conta das conotações negativas e jocosas que são atreladas ao título de ‘pastor’.

A perda da credibilidade dos ministros e das igrejas tem feito com que muitos abduquem das vocações ao passo que não vocacionados se atrevam a pleitear o ministério. Nem mesmo o longo processo a que se submetem os candidatos ao ministério batista tem sido capaz de filtrar corretamente essas interferências. Caberá a estas juventudes deixarem a coisa como está ou colocarem tudo em seu devido lugar.

Muitos líderes jovens abrem mão do título de pastor. Não por uma questão de priorizar um relacionamento mais próximo com o público que lidera, mas por conta das conotações negativas que o título tem representado em face de tantos desvios de condutas, demonstrações de caráter inadequado e da relação imprópria com o aspecto financeiro da igreja amplamente noticiadas pela mídia secular e que servem de argumento para aqueles que não querem envolver-se com a Igreja.

Se, quando falamos da relação entre pais e filhos, assinalamos que a proximidade é saudável, mas os papéis devem ser mantidos, guardadas as devidas proporções, o mesmo deverá valer para os que são na prática líderes e pastores de juventudes. A relação deve ser próxima, respeitosa e guardando seus limites, sem confundi-los.

5.1.3 Diálogo com a arte e a cultura

A juventude é a fase criativa da vida. É onde todas as formas de expressão artística afloram e são desenvolvidas. A maior parte das atividades que expressam a arte moderna nas igrejas são conduzidas pelos jovens, eles são maioria nos grupos de dança e música,

auxiliam na liturgia e manuseiam bem as ferramentas de criação gráfica bem como a divulgação em ambiente virtual.

Tudo isso, no entanto, tem sido sub aproveitado nas igrejas. Os talentos e a criatividade dos jovens são vistos como passatempos e poucas são as igrejas que utilizam esse potencial para algo maior do que o entretenimento e a publicidade dos eventos da própria igreja local. Os talentos dos jovens poderiam ser usados para fins evangelísticos e profissionalizantes¹⁶⁰. Ao mesmo tempo que são úteis na missão evangelizadora, podem ser um meio de subsistência. É preciso ampliar a visão para que rádio, televisão, internet e tantas outras mídias de comunicação possam e devam ser utilizadas de maneira profissional pela igreja.

O incentivo às diversas formas de arte pode dar voz a grupos menores que não devem apenas reproduzir o que lhes foi ensinado, mas criar e desenvolver sensibilidade artística, pondo pra fora suas dúvidas, frustrações e alegrias de maneira bem desenvolvida e orientada. Jovens criando e desenvolvendo o máximo de seus potenciais artísticos serão tudo aquilo que foram criados para ser.

As novas tecnologias ainda estão sendo apreendidas e conhecidas. A maneira de lidar com elas, e de usá-las a favor de uma integração e de desenvolvimento do discipulado e comunicação do Evangelho, para e pelas juventudes, pode e deve ser nova a cada dia. À medida que surgem novas ferramentas, novos recursos e aplicativos, deve-se entender como aquilo que está ali disponível pode ser usado para que o Reino de Deus seja expandido. Pensar a partir dos valores do Reino a criatividade e a tecnologia, é tarefa que deve ser designada prioritariamente a quem está na vanguarda dessas formas de expressão.

Caberá à liderança incutir os valores do Reino e orientar o uso das artes e da tecnologia para que haja expressão, comunicação e crescimento, visando não apenas fortalecimento do ministério ou da igreja local, mas de um espectro maior que compreende todo o Reino de Deus.

O teatro, o cinema, a literatura, a dança, o grafite e tantas outras expressões artísticas devem ter espaço em um ministério que quer ser relevante e manter canais de diálogo abertos com essa geração. Alessandro Rocha fala de um deslocamento das instituições às

¹⁶⁰ Cf: ALMEIDA, M. I.; PAIS, J. M., (orgs.). **Criatividade, juventude e novos horizontes profissionais**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

peçoas que privilegie a recepção da Palavra como ponto de partida para a teologia da revelação. Nesse contexto:

Emergem novos lugares teológicos a partir dos quais a revelação pode ser dita. Dentre esses novos lugares aqueles que privilegiam a estética são os mais promissores. Literaturas, artes plásticas, dramaturgia, cinema, etc. passam a ser assumidos como lugares teológicos.¹⁶¹

É preciso que a cultura do reino se aproprie da linguagem artística para ser disseminada e não ficar restrita apenas aos guetos dos ambientes eclesiásticos. Uma leitura contextualizada de uma Teologia da Cultura pode ajudar bastante a definir a relação entre a fé cristã, a cultura e a arte.

5.1.4 Diálogo com sociedade e a política

O pensamento crítico, os questionamentos e a participação política ativa são parte do processo democrático de países como o Brasil. Orientar os jovens para que a participação seja propositiva, ética e justa, baseada em valores cristãos fará de um ministério de juventudes uma semente de mudança, num mundo de apatia e egoísmo.

É importante lembrar que a tarefa dos cristãos não é apenas a relação verticalizada com Deus o que importa, mas que a outra relação, tão importante quanto, é a relação no sentido horizontal em que o próximo, a ser amado e apoiado, nem sempre professará da mesma fé e opinião política. Seguindo o exemplo, e sob a ordem, do Cristo, estes devem ser respeitados e amados. Jovens cristãos precisam ser instados a reconhecer a luta contra as discriminações e preconceitos como elas são de fato: aquilo que Jesus chamou de ter fome e sede de justiça (Mateus 5,6).

Esse é um dos objetivos da Convenção Batista Brasileira. Ela pretende ser o órgão que auxilia as igrejas batistas a desenvolver vários ideais entre os quais a:

...construção de uma sociedade justa, onde cada cidadão encontre seu bem-estar e o desenvolvimento pleno de suas potencialidades; da formação de um povo para Deus, através da ação da igreja; e da glorificação do nome de Deus em todas as esferas da sociedade.¹⁶²

¹⁶¹ ROCHA, A. R., **Experiência e discernimento**: recepção da palavra em uma cultura pós-moderna. Tese (doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Teologia, 2010, p. 306.

¹⁶² SOUZA, S. O., (org.), **Pacto e Comunhão**, p. 76.

Interferir na sociedade, através da participação artística, profissional e política é um imperativo cristão que os ministérios de juventudes por muito tempo deixaram de cumprir. Em tempos de repressão e de censura, a prudência recomendava a postura comedida.¹⁶³ Em tempos de liberdade de expressão e opinião, podemos e devemos fazer ouvir a voz daqueles que vivem e pregam a liberdade da Graça de Deus, e os preceitos transformadores do Evangelho.

A interferência e participação na sociedade por parte das juventudes deve ser incentivada e orientada pela igreja através de seus ministérios de juventudes. Assim, será possível iluminar as cidades com a luz do Evangelho, que chega trazida por jovens que não se conformam com as realidades espirituais e sociais, e são impelidos de espírito profético para promover as mudanças necessárias.

Ministérios de Juventudes atuantes trazem consigo a conjugação equilibrada de uma boa convivialidade cristã com uma atuação comunitária relevante. Nesse tempo, aqueles que vivem apenas a esfera eclesial sem se importar com o contexto social tendem a diminuir numericamente e, embora bem vistos por setores da própria igreja, não geram vida ao redor. Outros, no entanto, que vivem apenas o engajamento político-social-comunitário e não atuam em suas próprias comunidades de fé, não são a força capaz de mover a igreja local para que ela como um todo seja relevante no contexto em que está inserida. O equilíbrio é necessário.

5.1.5 **Diálogos com a Teologia e a Espiritualidade**

Na era da informação, as múltiplas expressões religiosas se mostram mais próximas e por vezes bastante atraentes. As mais diversas vertentes do cristianismo, trazem forma e conteúdo adequado para todo tipo de público, que por interesses diversos ou por falta de conhecimento do que é minimamente o Evangelho, seguem atrás de líderes carismáticos com propostas que variam entre a quase coerência e o completo absurdo.

Há muita expressão, pouca referência e uma grande confusão por parte de gente que absorve muita informação, mas que nem sempre sabe o que fazer com ela. Filiam-se

¹⁶³ Em 31 de maio de 1964, portanto exatos dois meses após a instauração do governo militar no Brasil, O Jornal Batista publica na primeira página uma carta do Dr. João Filson Soren, então pastor da Primeira Igreja Batista do Rio de Janeiro, intitulada: “*A Igreja em face das injunções políticas*”. A carta, que originalmente era endereçada a sua própria igreja, após publicada no órgão oficial da denominação acabou tornando-se, extraoficialmente, uma carta de princípios para a relação dos batistas com o Estado. Cf.: O JORNAL BATISTA, de 31 de maio de 1964, p. 1.

ao grupo religioso onde se sentem bem, e fazem parte do grupo. Não raro serão encontrados casos em que apenas os aspectos visíveis de sua prática religiosa serão lembrados, o essencial não terá tanta relevância para muita gente.

Em meio a esse pluralismo, de discursos, ideias, formas e expressões, um ministério de juventudes cristão precisa levar os jovens a se situarem nessa grande variedade de possibilidades de exercer a fé, num cenário em que mesmo o abandono de fé é a opção de muitos. A ideia de uma espiritualidade laica¹⁶⁴, como proposta por Luc Ferry¹⁶⁵ pode não ser conhecida como tal, mas é experimentada por muitas pessoas ao redor do mundo. E muitos deles são jovens.

Uma espiritualidade sem Deus, em que o amor tem sido dissociado do discurso cristão é a tendência desse século. É preciso recuperar o sentido do que significa ser cristão frente a todas essas tendências e possibilidades religiosas, recuperar o sentido de conversão e compromisso com Deus que permeia e preenche a vida dos cristãos de sentido e motivação. É importante que os ministérios de juventudes façam o esforço de reaproximação do ideal do amor como base da vida e da ação dos crentes. Este precisa ser um movimento que finalmente pretenda fazer com que o cristianismo não mais indique e ensine o que deve ser feito, mas tente de fato responder ao que o mundo tem trazido como demanda. Passou a fase de responder perguntas que ninguém estava fazendo.

Em ambiente católico, não se trata de nenhuma novidade. Os documentos do Concílio Vaticano II foram inspirados por essa tendência. No discurso feito na cerimônia de instauração do Concílio, João XXIII disse isso textualmente:

O que mais importa ao Concílio Ecumênico é o seguinte: que o depósito sagrado da doutrina cristã seja guardado e ensinado de forma mais eficaz... é necessário que esta doutrina certa e imutável, que deve ser fielmente respeitada, seja aprofundada e exposta de forma a responder às exigências do nosso tempo.¹⁶⁶

Sem dúvidas, são os ministérios de juventudes as ‘janelas abertas’ para que novos ares pautem o discurso das igrejas. E aí haverá de se levar em conta a pluralidade, a disponibilidade no auxílio a todos os que desejarem uma vivência cristã verdadeira para

¹⁶⁴ Espiritualidade porque tem a ver com a maneira com a qual o ser humano lida com a morte, e laica, por fazer isso sem a ajuda de Deus ou de conceitos da tradição religiosa judaico-cristã do Ocidente.

¹⁶⁵ Cf. FERRY, L., **Do amor: uma filosofia para o século XXI**. Rio de Janeiro: DIFEL, 2013.

¹⁶⁶ JOÃO XXIII. **Discurso de sua santidade Papa João XXIII na abertura solene do SS. Concílio**. Disponível em http://w2.vatican.va/content/john-xxiii/pt/speeches/1962/documents/hf_j-xxiii_spe_19621011_opening-council.pdf. Acesso em 31 de janeiro de 2017.

que possam experimentá-la sem impedimentos. Fazer acontecer essa dinâmica será fundamental para a organização de um ministério comprometido em ser relevante para a igreja e para a sociedade. Convém lembrar que:

Os responsáveis pela evangelização dos jovens devem ajudá-los a tomar consciência da sua vocação, o chamado à vida, a ser pessoa, a ser cristão, a ser Igreja, a ser cidadão.¹⁶⁷

A Teologia precisa se ocupar do jovem. Ele precisa ser encarado com um lócus teológico¹⁶⁸. Alguém que não seja apenas objeto da teologia pastoral, mas que seja posicionado como sujeito. A teologia para os jovens deve ser pensada em termos de conhecer seus questionamentos e demandas, dando-lhes respostas teológicas que satisfaçam a esses questionamentos. O jovem precisa ser entendido como uma realidade teológica:

Considerar o jovem como lugar teológico é acolher a voz de Deus que fala por ele. A novidade que a cultura juvenil nos apresenta neste momento, portanto, é sua teologia, isto é, o discurso que Deus nos faz através da juventude. De fato, Deus nos fala pelo jovem. O jovem, nesta perspectiva, é uma realidade teológica, que precisamos aprender a ler e a desvelar.¹⁶⁹

Foi-se o tempo de educar os jovens a tão somente repetir conceitos. É preciso que eles os aprendam, que os questionem e critiquem. E é preciso estar preparado para estas reações. A teologia acadêmica e a prática pastoral precisam dialogar e ouvir, na tentativa de juntos poderem construir os caminhos teológicos que respondam aos questionamentos e sejam de fato relevantes nesse tempo.

5.1.6 Diálogos com a Igreja local e a denominação

Por mais que se desenvolva de múltiplas maneiras, e em muitos lugares, é na igreja que surge, e lá é onde acontece a parte mais visível do ministério de juventudes. A diferença básica entre um ministério de jovens cristão e outros agrupamentos de jovens

¹⁶⁷ CALANDRO, E.; LEDO, J.S., **Evangelizar a Juventude**. In Vida Pastoral, ano 54, nº 291, p. 13

¹⁶⁸ Cf: DANIELSKI, G., **Esperança cristã e juventudes**: um encontro de esperanças para a vida da Igreja. Dissertação (Mestrado). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2015, p. 23

¹⁶⁹ CNBB. **Evangelização da Juventude**: Desafios e perspectivas pastorais. Documento da CNBB 85. São Paulo: Paulinas, 2007, p. 54

certamente começa pelo vínculo existente entre o ministério e uma organização eclesial local.

Internamente, apesar de todos os avanços, a igreja pode ser a organização mais burocrática e complicada que existe. Embora a organização exista para facilitar, um sem fim de departamentos, setores, áreas, cada qual com seus líderes e suas agendas, fazem de uma comunidade de tamanho médio um emaranhado tão grande de atividades simultâneas e conflitantes que resultam em adesões mínimas às programações por que a grande maioria não consegue se encontrar nesses labirintos organizacionais.

Há casos no entanto, que a organização existe de modo a simplificar e fazer com que as atividades eclesialmente aconteçam com sinergia. Bons líderes, cientes de uma visão comum, trabalhando por um mesmo objetivo conseguem grandes resultados. O elemento democrático das igrejas batistas nem sempre é usado de maneira positiva, criando diferenças de posições e opiniões tão grandes, que igrejas se dividem em pequenas facções, quando não experimentam divisões de fato, que ocorrem quando a convivência entre os diferentes modos de pensar não conseguem mais coexistir no mesmo espaço físico. E os exemplos não são poucos¹⁷⁰. Muitas dessas divisões surgem nos ministérios de juventudes porque as diferentes gerações tem visões muitas vezes distantes sobre assuntos que exigem consenso. Uma liderança que não apazigue os ânimos, ou que ainda pior, contribuam para que as divergências degradem para o conflito demonstra não estar apta para cuidar espiritualmente de jovens e adolescentes.

Ainda são poucas as igrejas que mantem uma relação adequada entre os voluntários e ministros vocacionados que atuam pastoralmente junto às juventudes e suas lideranças. Muitos líderes se sentem isolados, mais próximos de seus liderados que de seus líderes. Esse distanciamento se reflete muitas vezes em seguir linhas ministeriais diferentes e conflitantes. Num ambiente democrático¹⁷¹, o diálogo deveria ser constante para ajudar a construir um pensamento comum. Uma boa iniciativa, e que tem colhido resultados, é realizada pela JUBAME (Juventude Batista Meritiense) que tem encontros regulares entre pastores titulares das igrejas e líderes de jovens para debater as demandas dos ministérios de juventudes.

¹⁷⁰ Em tese doutoral publicada pela PUC-Rio, o pastor Elildes Junio Macharete Fonseca pesquisou e cita várias igrejas batistas no estado do Rio de Janeiro onde ocorreram querelas eclesialmente e jurídicas. Cf. FONSECA, E. J. M. **O Resgate da Centralidade Cristológica no Culto**. Uma análise teológico-prática das igrejas batistas litorâneas fluminenses. Tese (doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Teologia, 2015, p. 14.

¹⁷¹ Cf: SOUZA, S. O., (org.), **Pacto e Comunhão**, p. 23.

Há um outro momento de isolamento a ser observado (e evitado) que é um ministério de juventudes restringir toda a sua atuação somente à sua própria igreja local. A falta de interação, comunicação e relacionamento com outras juventudes cristãs, e em especial da mesma denominação batista, isola e faz com que aquele ministério e seu líder fiquem completamente alheios ao que está acontecendo ao redor. Ter ciência do que tem acontecido no entorno permite que surjam oportunidade onde podem contribuir, participar do crescimento comum e ajudar as juventudes com menos recursos.

A tônica do trabalho denominacional batista não é hierárquica, mas denota uma relação de colaboração mútua, de corresponsabilidade e de troca de experiências, saberes e habilidades. A filosofia da CBB diz que:

A cooperação é a essência do sistema batista. Trabalhar junto tem sido o segredo da obra realizada. Tem sido o ponto para onde convergem as autonomias e independências, reforçando a interdependência e o compartilhar dos membros objetivos.¹⁷²

É bem certo que nem sempre funcionam assim, mas as juventudes crescem como grupo interno quando se voltam para outras juventudes também. É importante compreender o que é a grande família cristã, e isso ocorre quando os jovens conhecem e interagem com irmãos de mesma idade que tem os mesmos princípios de fé (cristãos) e seguem o mesmo direcionamento doutrinário (batistas).

As organizações denominacionais voltadas para as juventudes, quando livres da influência política (denominacional e partidária), são organismos que integram, auxiliam, treinam líderes e jovens para o ministério e para a vida. Suas atividades, que envolvem várias igrejas, possibilitam que seja feito aquilo que um ministério de juventudes apenas não teria condições de fazer. Uma ação evangelística ou social sempre é mais intensa quando dela participam mais igrejas, cada qual com sua contribuição. Mesmo cultos de louvor são sempre mais ricos quando há a participação de pessoas e grupos diferentes dos que já se está habituado a ver na igreja local.

Um ministério de juventudes saudável funciona dentro e fora de seus arraiais. Uma dinâmica que entenda seu lugar próprio, que tenha sua identidade pessoal é importante para um ministério de pastoreio e cuidado. Também o é, o fato de se entender pertencente a um grupo maior, no caso das juventudes dessa pesquisa, a denominação batista do Brasil, vinculada à CBB. O isolacionismo, ou a tentativa de enfrentar desafios

¹⁷² S. O. de SOUZA (org.), **Pacto e comunhão**: documentos batistas. Rio de Janeiro: Convicção, 2010. p. 73-74.

comuns a outros líderes sem saber como outros lidam com as mesmas demandas e sem oferecer o seu conhecimento adquirido para auxiliar alguém a organizar seu ministério, não tem espaço numa expressão de fé que tem por base a comunhão e a partilha.

5.2

Ministérios de juventudes relevantes em todo o Brasil

Hoje cada ministério faz o melhor que consegue segundo as condições que têm. Mas é possível que avancem no sentido de que, guardadas as devidas proporções de tempo, espaço e recursos (humanos e financeiros), mantenham alguns princípios de funcionamento que sejam comuns a todos os ministérios. Assim, apesar das necessárias diferenças de formatação e desenvolvimento, seria possível manter uma unidade básica fundamental que proporcionaria com que todas as juventudes batistas avançassem juntas numa mesma direção.

Haveria facilidade e viabilidade quando da substituição das lideranças uma vez que todas as lideranças seguiriam princípios de funcionamento semelhantes. A proposta por princípios não significa em nenhum aspecto uma uniformização das juventudes. A beleza das juventudes está exatamente na variedade. Mas que exista relação, interdependência e sinergia entre os diferentes ministérios de juventudes nas igrejas batistas. É um passo importante para que se tenha uma identidade da atuação ministerial junto às juventudes batistas.

5.2.1

Os líderes de ministérios de juventudes

Elemento importante em todo o processo que envolva um ministério de juventudes é a figura do líder. Ministérios com Juventudes bem sucedidos, contam invariavelmente com a atuação firme, determinada e apaixonada dos seus líderes. Esse ponto importante para o bom resultado de um ministério, nem sempre tem sido tratado com a importância devida. Muitos são alçados à condição de líderes por motivos que ajudam, mas que não são determinantes para a boa condução ministerial.

A atuação é pastoral e pedagógica. Todo líder de ministério de juventudes deve ter em mente o que é o ministério cristão, no sentido do cuidado e do ensino. Nos ajuda nessa compreensão a definição de John Stott que afirma:

O ministério “pastoral” é essencialmente um ministério de “ensino”. Vou esclarecer isso. O ministro é um pastor, designado por Cristo, o Sumo Pastor, para cuidar de parte do seu

rebanho, tendo em particular a responsabilidade de alimentar as ovelhas (ou seja, ensiná-las).¹⁷³

Um líder vocacionado para trabalhar com as juventudes deve ter algumas características que o destacam. Ele deve ser antes de tudo apaixonado pelas juventudes: a da sua igreja local e as juventudes da sociedade à volta (os trabalhadores e os estudantes por exemplo), e atento às demandas das juventudes que vivem à margem da sociedade: os moradores de rua, jovens envolvido com as drogas e/ou com a criminalidade. Sem paixão, o trabalho será desenvolvido de forma burocrática. Pode até resultar em boas ações, mas dificilmente alcançará o objetivo de ser um ministério cristão. O apóstolo Paulo já nos alertou que não basta conhecimento e sacrifício. Sem amor, tudo isso não vale nada (I Coríntios 13, 1-3).

Líderes devem ter algum carisma para que mobilize as pessoas para que abracem suas propostas. E devem estruturar seus ministérios de modo que não exista relação de dependência em torno de uma única pessoa. Uma vez que seja necessária uma substituição por qualquer causa, o trabalho deve continuar acontecendo de modo a não haver rupturas bruscas num processo de crescimento e desenvolvimento da vida cristã dos jovens. A paixão requerida é pelas juventudes e não por si mesmo, sua reputação ou sua carreira.

A liderança do ministério de juventudes precisa estar consciente o tempo todo que não está arregimentando discípulos para si, mas para Cristo. Quando existe essa consciência, o discipulado, que consiste em andar junto e participar do processo de crescimento de cada um, tomará um impulso muito mais relevante para o Reino de Deus. Jovens e adolescentes cristãos precisam de líderes que os conduzam a serem parecidos com o Cristo, e não parte de um grupo social tão somente. Como escreveu Ricardo Barbosa:

A fé cristã não é o produto de uma subcultura religiosa. Também não é apenas um conjunto de dogmas e doutrinas que afirmamos crer. É, antes de tudo, um chamado de Cristo para segui-lo. Um chamado para tomar, cada um, a sua cruz de renúncia ao pecado e obediência sincera a tudo quanto Cristo nos ensinou e ordenou.¹⁷⁴

¹⁷³ STTOT, J., **Crer é também pensar**. São Paulo : ABU Editora, 2012, p. 74

¹⁷⁴ SOUSA, R. B., **O custo do não-discipulado**. In: *Ultimato*, edição 320, setembro-outubro 2009. Disponível em: <http://www.ultimato.com.br/revista/artigos/320/o-custo-do-nao-discipulado#extras>. Acesso em 07 de fevereiro de 2017.

Se ninguém mais tiver a resposta, o líder de jovens deve ser o primeiro capaz de responder: porque é que seu ministério existe e o que ele procura alcançar. Duas perguntas das mais básicas, mas que são fundamentais para que se tenham algum direcionamento. Saber onde está e para onde quer ir, é um princípio de trabalho que, se for devidamente compartilhado com os demais integrantes do ministério, não dependerá exclusivamente da atuação de um líder apenas, mas todos poderão contribuir cada qual com a sua parte.

Boa relação e comunicação entre o líder e seus liderados é fundamental, assim como uma boa relação com os líderes de outros ministérios da igreja. Um ministério de juventudes é sempre parte de um todo maior que é a Igreja Local. Quando entendido e vivido como uma organização à parte, perde-se o sentido da comunhão da Igreja local e inicia-se uma fase de conflitos e concorrência onde ninguém sai ganhando.

A liderança de juventudes precisa crer e viver na dependência de Deus. Não adianta todo o conhecimento disponível, o domínio de ferramentas e recursos humanos e financeiros. Um ministério de pastoreio tem que estar sob a direção e proteção do Supremo Pastor.

Se por um lado, a confiança em recursos materiais e humanos não são suficientes para o desenvolvimento de um ministério bem sucedido; por outro lado, apenas a dependência de Deus sem que haja interesse, investimento, planejamento e organização por parte da liderança também não farão o milagre de fazer progredir um ministério de jovens saudável. A conjugação daquilo que Deus capacita a cada um, mais o arcabouço técnico e teórico dos líderes há de fazer com que a semente lançada em terreno fértil germine.

A demanda desse tempo é por líderes que se dediquem apaixonadamente por liderar juventudes, conduzindo os jovens para que sejam bons discípulos de Jesus, cumprindo sua missão evangelizadora e de transformação do mundo. Levando a todas as pessoas a mensagem do Evangelho através de palavras, testemunhos e sobretudo ações. A demanda atual é por líderes que se disponibilizem para não apenas promover eventos e cumprir a burocracia eclesiástica, mas que de fato sejam influência positiva, como pastores e conselheiros nessa fase de transição pessoal que é a juventude, especialmente entendendo o contexto mundial, que tem influenciado jovens e adolescentes e tem se tornado um desafio para as igrejas locais. Afinal:

...o projeto salvífico de Deus se desenvolve no interior da história humana, por meio dos povos que Ele chama para Si, numa sociedade e época histórica. E Deus continua chamando novos profetas e profetisas, que contraíam o cheiro de ovelhas.¹⁷⁵

5.2.2

A formação de líderes para ministérios de juventudes

Desde que foi iniciado o trabalho pastoral denominacional junto aos jovens batistas do Brasil, ainda no século XIX, passando por toda a saga da criação de um departamento específico na denominação que atendesse a essa demanda, surgiram muitos manuais de como desenvolver um ministério com juventudes, estudos prontos para serem ministrados, modos de organizar tudo nos mínimos detalhes, desde as dinâmicas possíveis até a organização financeira e logística dos jovens nos locais de reunião.

Pouco foi feito entretanto, no sentido de preparar jovens para liderarem outros jovens. Muitos vocacionados ao ministério pastoral começaram suas carreiras trabalhando com ministério de juventudes. Ao longo do tempo, observou-se um número grande de líderes nessas condições que ao primeiro convite para um ministério com mais visibilidade e recursos, deixavam a liderança de juventudes. Quando isso ocorria num contexto em que o trabalho e os objetivos não estavam bem definidos, o resultado prático era a descontinuidade que dava fim a um trabalho até então bem sucedido.

Os cursos de teologia da denominação tem em seus currículos a preocupação com o conhecimento teológico, doutrinário e eclesiástico, visando preparar os seminaristas para o ministério pastoral efetivo nas igrejas. As juventudes, que são parte integrante das igrejas, mas têm, como vimos, muitas particularidades, acabam sendo vistas nesse contexto como parte do todo. A maneira como cada um ministério se desenvolverá dependerá da habilidade de adaptação de princípios pastorais para a situação específica dos jovens.

A situação não é simples para aqueles que são vocacionados e que tem a experiência de frequentar uma graduação em Teologia. Piora o cenário se considerarmos que a grande maioria dos líderes de jovens nas igrejas batistas do Brasil não tem um chamado específico para ministério pastoral (o que não quer dizer que não sejam vocacionados para serem bons líderes), conseqüentemente, não se sentem motivados a frequentar um curso de Teologia, uma vez que seu chamado destoa um pouco do que é o

¹⁷⁵ TAVARES, E. S., **Juventude em missão**: profecia e espiritualidade. In: Revista Eletrônica Espaço Teológico – PUC-SP. Vol. 9, n. 15, jan/jun, 2015, p. 29. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/reveleto> 27. Acesso em 05 de janeiro de 2017.

conteúdo programático dessas graduações. Os líderes leigos usam o tempo disponível para organizar os ministérios onde atuam, e aprender um pouco mais sobre a liderança de ministérios com juventudes. Na falta de recursos e tempo, optam na maior parte das vezes em fazer as coisas que acham importantes, ou que são determinadas pela igreja em que servem e deixam de se preparar adequadamente para a tarefa da liderança das juventudes.

Muitas associações municipais e convenções locais tem criado seus próprios meios de treinar e promover interação e comunhão entre os líderes locais. Os Encontros Nacionais de Líderes continuam acontecendo promovidos pela JBB, agora bienais e com o nome de Conferência Paixão pela Juventude. As experiências de palestras, grupos de debates e a troca de contatos e ideias entre os líderes locais espalhados pelo Brasil tem trazido resultados interessantes.¹⁷⁶

É na juventude que as decisões e definições mais importantes na vida são tomadas, uma vez que são os mais afetados pelos problemas da modernidade como a violência, a dependência química, a deficiência na educação e a exagerada liberdade sexual. Eclesiasticamente, a juventude também é uma fase desafiadora. Boa parte das decisões por Cristo são tomadas nesta fase da vida, o que faz dos adolescentes e jovens um importante percentual do público das igrejas. Poucas comunidades de fé contam com uma liderança qualificada e capacitada para trabalhar com esse público diferenciado, através de um ministério que atenda aos seus anseios e expectativas.

Preparar líderes para atender as demandas das juventudes das igrejas batistas do Brasil é uma necessidade urgente. Líderes que entendam seu chamado para servir a Deus através das juventudes e que não percebam sua atuação juntos aos jovens como trampolim para aquilo que realmente seja o objetivo. Líderes comprometidos com a tarefa de pastorear, aconselhar, acompanhar e discipular jovens que serão não apenas o futuro da igreja, mas a quem estará entregue também o futuro da própria sociedade.

Há 116 anos, a primeira edição do Jornal Batista, publicada antes mesmo da organização da Convenção Batista Brasileira já trazia essa preocupação:

A mocidade em geral não tem tido até hoje a atenção e os cuidados que lhes são devidos; é somente neste último meio século que há estudado as suas condições e circunstâncias, que algo se há feito para circunda-la de boas influencias, e ajudá-la a seguir o caminho reto.

¹⁷⁶ Um dos momentos de troca de experiências na edição de Vitória foi o Laboratório Criativo. O laboratório foi coordenado de modo que todos os que tivessem experiência na atuação conjunta entre Ministério de Juventude e engajamento Social pudessem partilhar suas experiências e divulgar seus projetos.

Os dois fatos, cujo conjunto constitui a obrigação da Igreja Cristã para salvaguardar a mocidade, são os seguintes: Primeiro: que a esperança de qualquer nação está na sua mocidade. Os futuros legisladores, estadistas e governadores são os jovens de hoje, e somente quando estes são moralizados pelo Evangelho pode resultar a felicidade da nação. Segundo: que em nenhuma outra época da vida do homem são tão graves os perigos e tão ferozes as tentações como durante a sua juventude.¹⁷⁷

É necessário que as igrejas locais invistam no treinamento de seus líderes e insistam para que seus líderes sejam capazes de comunicar às juventudes. Não são necessários os líderes de entretenimento que criam maneiras divertidas de ‘manter os jovens na igreja’. A demanda é pastoral. São necessários líderes que ajudem os jovens a manterem-se em Cristo. “Ajudar os jovens a um encontro com Jesus é nossa missão. É na experiência de Jesus que se educa a fé.”¹⁷⁸

Sem uma liderança bem preparada, convicta de seu papel no Reino de Deus e que possa exercer sua liderança diante de Deus, da sua igreja local e da denominação, há um sério risco de realizar-se um trabalho que não alcançará os jovens, e que não será relevante individualmente, coletivamente, na igreja, na comunidade, na sociedade, na vida cotidiana e em nenhum outro aspecto, sendo apenas um meio de entretenimento e que evite a dispersão. Uma liderança bem preparada e apaixonada pode dar sentido e relevância a um ministério de juventudes.

5.2.3 A dimensão espiritual da liderança

Não se pode querer liderar juventudes cristãs entendendo apenas de cultura, sociologia, antropologia, política, artes ou tecnologia. Conquanto tudo isso seja útil, o fator determinante numa liderança eficaz será a dependência de Deus. Uma vida de relacionamento íntimo, pessoal e verdadeiro com Deus será sempre o alicerce para que um líder possa enfrentar as dificuldades e tentações inerentes ao ministério com os jovens e os adolescentes.

De todos os conhecimentos adquiridos, o mais relevante em se tratando de um ministério cristão sempre será o conhecimento e a correta aplicação dos textos bíblicos às situações da vida. Espera-se de um líder cristão, sobretudo batista, que tenha a Bíblia como regra de fé e conduta. E que se envolva com as questões que afetam os jovens que lideram. O ministério pastoral de juventudes:

¹⁷⁷ O JORNAL BAPTISTA, Ed. 1, de 10 de janeiro de 1901, p. 1

¹⁷⁸ CALANDRO, E.; LEDO, J.S., **Psicopedagogia Catequética**: Reflexões e vivências para a catequese conforme as idades. Vol. 2 – Adolescentes e jovens, p. 146.

... deve ajudar cada um a perceber que seguir a Jesus é estar disposto a viver de um jeito novo, abraçando sua missão; iluminando seu projeto de vida com o projeto do Reino; construindo novas relações com as pessoas; assumindo com liberdade e fidelidade os anseios humanos que se revelam na juventude.¹⁷⁹

As verdades contidas nas escrituras são as mesmas desde quando escritas sob inspiração divina. A maneira de aplicar à vida, e a linguagem com que essas verdades serão transmitidas, dependerá em alto grau daquilo que o líder conhece do texto sagrado para poder compartilhar, ensinar e orientar.

É importante que exista um conhecimento do que são os dons espirituais (carismas) e sua aplicabilidade na igreja. Conhecer, identificar e organizar pessoas com dons distintos para as diversas tarefas são atribuições de um líder preocupado em seguir padrões bíblicamente embasados para suas ações.

Líderes cristãos precisam sempre ser conscientes que sua liderança não foi lhe dada apenas por méritos, mas por atender à vocação divina de liderar o rebanho confiado a ele pelo tempo que for determinado. Muitos esquecem disso e arregimentam seguidores para si, que formam uma milícia capaz de criar dificuldades à condução democrática de uma igreja batista.

A liderança se dá mais pelo exemplo que pelo discurso. Assim, líderes que se dedicam a uma vida devocional de leitura bíblica e oração serão imitados em seu modo de ser pelos liderados. Estes por sua vez devem entender seu compromisso pessoal com Jesus e não apenas com suas lideranças estabelecidas.

A vida devocional de Jesus era pedagógica:

...os evangelhos revelam a necessidade absoluta de oração que Jesus possui e o lugar que ela ocupa em sua vida. Além disto, estaríamos errados se reduzíssemos essa oração a um simples desejo que Jesus possui de intimidade e consolo com o Pai. A oração de Jesus diz respeito à sua missão, à sua vida, às suas opções, à sua pregação, à sua prática, e à educação dos discípulos.¹⁸⁰

Havendo líder ou não, ou seja ele quem for, a relação com Deus deverá permanecer a mesma. A importância de uma vida devocional é ressaltada em um documento da Conferência Nacional dos bispos do Brasil:

O desafio para o jovem — assim como para todos os que aceitam Jesus como caminho — é escutar a voz de Cristo em meio a tantas outras vozes. O jovem escuta a voz do Mestre

¹⁷⁹ CALANDRO, E.; LEDO, J.S., **Evangelizar a Juventude**. In Vida Pastoral, ano 54, nº 291, p. 15

¹⁸⁰ COSENTINO, S. M. M de S., **Vida, liberdade, verdade e amor: experiência histórica do Espírito Santo na Sagrada Escritura**. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008, p. 124.

de diferentes maneiras. A ação evangelizadora deve ajudá-lo a ter contato pessoal com Jesus Cristo nos Evangelhos, por meio de sua mensagem, suas atitudes, sua maneira de tratar as pessoas, sua coragem profética e a coerência entre seu discurso e sua vida. Os Evangelhos assinalam com frequência que Jesus rezava e passava horas e noites em oração diante do Pai. As celebrações e a oração são espaços importantes onde este encontro pessoal acontece e é aprofundado, no silêncio e na contemplação. O jovem encontra o Senhor na leitura dos Evangelhos e na vida comunitária, na qual aprende a escutar a voz de Deus no meio das circunstâncias próprias de nosso tempo, vivenciando assim o mistério da Encarnação.¹⁸¹

O aconselhamento é parte importante da prática da liderança. Antes de tudo, deve haver a capacidade de ouvir. Quando for a vez de dizer alguma coisa, que o faça consciente do que diz, embasado em uma teologia fundamentada bíblica e doutrinariamente coerente com os princípios de fé como creem os batistas.

Um mínimo conhecimento de psicologia será importante, não para clinicar, mas para reconhecer o que, da demanda do interlocutor é de cunho espiritual e aquilo que deve ser encaminhado para atendimento especializado de um profissional da área. Há muitos desafios que precisarão de percepção apurada para que seja feito o encaminhamento ao profissional adequado, para que lide de maneira profissional, especializada com cada caso. A dimensão espiritual de uma liderança precisa também reconhecer seus limites de atuação.

5.2.4 A dimensão transgeracional da liderança

Todo líder de jovens em algum momento de sua trajetória ouvirá de alguém, que há tempos não é mais jovem, que “antigamente era bem diferente”. É preciso ter percepção apurada para entender o que deve ser mantido, o que deve ser mudado e aquilo que simplesmente não tem mais razão de existir e deve ser encerrado.

Os conflitos entre gerações diferentes dentro da mesma igreja, na denominação, entre pais e filhos, via de regra pedem a interferência de um líder de jovens que seja capaz de dialogar com os dois lados de modo a promover a conciliação. Visões de mundo e experiências de vida diferentes geram conflitos que precisam de paciência e diálogo para serem apaziguados. Aí a atuação deverá ser inovadora e maleável de modo a criar ações que valorizem aquilo que é importante para cada uma destas gerações. Na igreja, a liderança não pode ser exercida pensando apenas em atender as necessidades de um único grupo preponderante.

¹⁸¹ CNBB. **Evangelização da Juventude: Desafios e perspectivas pastorais.** Documento da CNBB 85, p. 44

Um bom líder de jovens deve entender como vivem e pensam seus jovens, deve conhecer sua linguagem, de modo a não prejudicar o diálogo com eles. A cultura jovem e a forma como se relacionam com a vida, com a família, com os estudos, o dinheiro, o futuro, o sexo, as drogas e todos os outros temas que são importantes para os jovens.

Administrar esses conflitos com moderação leva tempo, e caso a intransigência e a autoridade repousarem sobre a mesma pessoa, será necessário caminhar mais uma milha até que exista a possibilidade de um diálogo que caminhe para um entendimento.

Mesmo num contexto democrático, as vozes dos jovens são silenciadas para que sejam privilegiadas as vozes da experiência. Como visto no caso da história da Junta de Mocidade nos anos 1950 e 1960, nem mesmo nos assuntos que dizem respeito aos jovens seu direito de opinar e de se sentir parte integrante do corpo é respeitado. Cristãos católicos organizam sua eclesiologia de maneira diversa, mas é do já citado documento da CNBB sobre evangelização dos jovens que vem a recomendação:

Nas atividades pastorais com a juventude, faz-se necessário oferecer canais de participação e envolvimento nas decisões, que possibilitem uma experiência autêntica de coresponsabilidade, de diálogo, de escuta e o envolvimento no processo de renovação contínua da Igreja. Trata-se de valorizar a participação dos jovens nos conselhos, reuniões de grupo, assembleias, equipes, processo de avaliação e planejamento.¹⁸²

5.2.5 A dimensão social da liderança

A diretora executiva da JBB, Gilciane Abreu, sempre repete que não devemos ser ‘comentaristas do caos, mas profetas da esperança’. Nesse caso, cabe pensar que o pessimismo e o caos já estão entre nós. As calamidades, catástrofes, tragédias, crimes e guerras são noticiados em tempo real por todas as plataformas de mídia disponíveis. Em tempos de conectividade é impossível estar alheio ao que está acontecendo. A opção é saber se os ministérios de juventudes vão apenas fazer coro com tantos mensageiros do caos, dizendo o que de errado acontece ou assumir de vez que cabe às juventudes o papel de profetas da esperança.

A desesperança no meio das juventudes não é de hoje, mas o mundo aguarda com expectativa dolorida que se levantem aqueles que anunciam, que provocam e veem acontecer a mudança no meio da sociedade. É possível a partir da vivência cristã, olhar a realidade de mundo, sentir o descompasso e se sentir incomodado para fazer mudar a

¹⁸² CNBB. **Evangelização da Juventude: Desafios e perspectivas pastorais.** Documento da CNBB 85, p. 53

realidade à volta. Ter esperança de colaborar para estabelecer os valores do Reino é possível:

...podemos pensar o futuro como espaço de construção do reino. Para tanto, nos assegura Paulo que “a esperança não decepciona, porque o amor de Deus foi derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado”.¹⁸³

A realidade de caos pode e deve ser transformada em mensagem de esperança. Há um anseio por profetas que façam esse anúncio ecoar nos dias de hoje:

A juventude é chamada a ser portadora de profecia e de espiritualidade numa sociedade globalizada, onde há uma inevitável mudança de valores, do aumento do individualismo, do sexo desenfreado, do fundamentalismo, da violência e do extermínio de jovens.¹⁸⁴

A realidade de morte, desesperança, pobreza e desigualdade precisa ser transformada através de mobilização e ação¹⁸⁵. A igreja, através dos braços fortes das suas juventudes, tem uma tarefa lançada sobre si, precisa assumir que a modificação da realidade é algo que deve ser feito como resposta ao compromisso firmado com o Cristo que, ainda jovem, entregou-se a si mesmo, e tudo o que tinha por compaixão pelas pessoas imersas em uma condição da qual não poderiam sair sozinhas.

Foi o que fez o jovem pastor batista Martin Luther King Jr. que se viu envolvido na questão dos direitos civis que eram negados aos negros norte-americanos até meados na década de 1960. Seu mais famoso discurso, um sermão baseado na pregação do Profeta Amós era o discurso de quem sonhava por justiça e pelo direito.¹⁸⁶

5.3 O que significa então liderar juventudes?

A liderança de juventudes atraem alguns (nem sempre pelos melhores motivos) e afastam outros tantos, sobretudo pelas responsabilidades inerentes a ser alguém que servirá de referência para jovens e adolescentes em processo de formação emocional,

¹⁸³ ROCHA, A. R., **O Espírito Santo**: fonte de toda a liberdade. Contribuições da pneumatologia a um importante aspecto da antropologia teológica. Revista Pós-Escrito, Ano I, n° 2, jan - mar/2009, p. 49.

¹⁸⁴ TAVARES, E. S., **Juventude em Missão**: profecia e espiritualidade. In: Revista Eletrônica Espaço Teológico ISSN 2177-952X. Vol. 9, n. 15, jan/jun, 2015, p. 43. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/reveleiteo/article/view/23760>. Acesso em 06 de fevereiro de 2017.

¹⁸⁵ Cf: CHAVES, I. S., **Espiritualidade e Subjetividade**: A provocação de Michel Foucault e a Teologia em tempos pós-modernos. Tese (doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Teologia, 2014, p. 208.

¹⁸⁶ A íntegra do discurso traduzido para o português está disponível em: <http://www.palmares.gov.br/sites/000/2/download/discursodemartinlutherking.pdf>. Acesso em 06 de fevereiro de 2017.

espiritual, cognitivo, de personalidade; imersos num mundo em mutação, de valores liquefeitos, em que há mais dúvidas que certezas. Muitas são as perguntas e para a maioria delas, não há respostas satisfatórias.

Líderes chamados e imbuídos de sua função sem que tenham o mínimo de conhecimento necessário da situação da sua juventude, do que já foi feito antes dele, do que acontece em outras igrejas à sua volta, que não tem um guia que possa ser consultado que ao menos apontem princípios a serem seguidos no trabalho com suas juventudes são casos frequentes nas igrejas batistas brasileiras.

O desconhecimento das múltiplas facetas que compõem um trabalho pastoral para as juventudes, dificulta o trabalho, e faz com que os esforços sejam maiores. Entretanto, se proporcionadas as devidas ferramentas, e suporte adequado, os líderes poderão exercer suas lideranças com maior tranquilidade seguindo o exemplo de Jesus, que liderava com amor, mesmo aqueles que não eram amáveis; que liderava dando exemplo, mesmo sabendo que nem todos o seguiriam. E que liderava mobilizando pessoas.¹⁸⁷ Foi este amor, exemplo e mobilização que fizeram com que o movimento iniciado por Ele e mais doze na Palestina alcançasse o mundo inteiro.

¹⁸⁷ Este pesquisador publicou três artigos inspiracionais sobre este tema em O JORNAL BATISTA. Cf.: O Jornal Batista de 28 de agosto de 2016. p. 6; de 04 de setembro de 2016. P. 5; e de 11 de setembro de 2016, p. 5.

6 Conclusão

Retomando nossos postulados iniciais, esta pesquisa mostrou, com o suporte de outras ciências, a realidade em que vivem as juventude modernas. Em um mundo globalizado, as influências culturais e tendências comportamentais não são rigorosamente as mesmas, mas apontam um caminho para entender as atitudes, perspectivas e esperanças das juventudes atuais. Esses cenários foram analisados em linhas gerais pois interessava apontar como está o mundo para perceber as influências que sofrem os jovens batistas brasileiros. Foi feito um esforço no sentido de identificar culturas vigentes (apontando para uma contracultura) e ação pastoral que corrija as tendências das juventudes atuais.

Foi traçado um roteiro histórico que mostrou a trajetória pastoral dos batistas brasileiros junto a seus jovens e como as prioridades denominacionais e burocráticas interferiram nesse transcurso. O passado construiu aquilo que as atuais juventudes batistas recebem como herança, essa herança é a lembrança vivida pelos líderes das igrejas locais e da denominação. Muitos deles eram os jovens que construíram esse passado. Conhecer essa história ajuda não só a entender como chegamos até aqui, mas como dialogar de modo adequado com aqueles que viveram esses tempos nas juventudes da denominação no Brasil.

Apontar caminhos pastorais para as atuais juventudes batistas brasileiras só tem sentido se levarmos em conta o atual cenário, respeitando a história vivida, que não pode ser desprezada, valorizando os princípios que distinguem nossa denominação há mais de 400 anos no mundo e em 135 anos de presença no Brasil. Os documentos oficiais da Convenção Batista Brasileira, incluído aí seu órgão oficial de comunicação O Jornal Batista, trazem uma perspectiva bem própria da denominação batista para a construção de uma ação pastoral para com jovens batistas.

Por ser uma pesquisa gestada em uma Universidade Católica, e dada a longa experiência católica de diálogo com as juventudes, foi relevante manter o diálogo com teólogos, pesquisadores e autoridades católicas no sentido de apreender aquilo que tem sido proveitoso. Esse diálogo, aberto e livre de preconceitos, manteve a prerrogativa de não conflitar princípios doutrinários ou de fé. No século XXI as animosidades entre

católicos e batistas tem diminuído. Resguardem-se as diferenças teológicas e doutrinárias, mas sempre em espírito dialogal e mantendo a boa convivialidade cristã.¹⁸⁸

Ao traçar perspectivas de futuro, não foi a pretensão criar meios de como fazer. Muita coisa já foi feita nesse sentido. Diversos manuais foram escritos e, com o passar do tempo, foram superados.¹⁸⁹ A ideia para os apontamentos aqui descritos foi tão somente fornecer meios para que líderes de jovens conscientizem-se de sua importância na formação de cada jovem individualmente, no ministério na igreja local e na denominação batista.

Pesquisas posteriores podem avançar no sentido de elaborar uma Teologia da Juventude, que seja capaz de dizer quem é teologicamente o jovem, qual sua função no Reino de Deus, no Mundo e na Igreja enquanto jovem, antes da fase madura da vida. É preciso pensar o jovem como locus teológico em um contexto batista. É importante deixar claro o tamanho da relevância de uma atuação de cuidado pastoral que possa gerar uma geração de ‘profetas de esperança’ em meio ao caos social e moral que temos vivido.

Esta pesquisa pode ainda despertar teólogos e pensadores batistas a pesquisarem outros aspectos que envolvem as juventudes batistas, como a questão vocacional, que aqui tratamos ao largo, mas que tem possibilidade de um aprofundamento teórico que contribua de forma relevante para que o jovem ao optar por uma carreira, seja bem orientado de modo a não se tornar um profissional insatisfeito, mas que seja produtivo e relevante para si mesmo, sua família, a igreja e a sociedade.

É possível ainda que sejam feitas pesquisas que visem a esclarecer pormenorizadamente a contracultura aqui proposta sobretudo no terceiro capítulo, pela

¹⁸⁸ A Aliança Batista Mundial mantém há anos canais abertos de diálogo com outros grupos cristãos, incluindo os católicos. Foram duas rodadas oficiais de diálogo. A primeira refere-se às conversas ocorridas pela Comissão de Doutrina Batista e de Cooperação Inter eclesial da Aliança Batista Mundial e o Pontifício Conselho para a promoção da unidade dos cristãos que ocorreram entre 1984 e 1988, quando durante cinco encontros, debateram sobre o tema do “testemunho cristão no mundo de hoje”. Cf.: BAPTIST WORLD ALLIANCE AND PONTIFICAL COUNCIL FOR PROMOTING CHRISTIAN UNITY. **The Baptist-Roman Catholic International Conversations 1984-1988**. Atlanta: Baptist World Alliance, 1988. Entre os anos 2006-2010, houve uma nova rodada de diálogo, mas dessa vez sob um novo enfoque: “A palavra de Deus na vida da Igreja”. Cf.: JOINT INTERNATIONAL COMMISSION. **The Word Of God In The Life Of The Church: A Report Of International Conversations Between The Catholic Church And The Baptist World Alliance, 2006-2010**. Virginia: Baptist World Alliance, 2013. Nenhum dos dois documentos foi traduzido ou divulgado pela Convenção Batista Brasileira, filiada à Aliança Batista Mundial.

¹⁸⁹ Um exemplo recente é o Manual da JUMOC, que tinha como objetivo envolver as juventudes batistas através das publicações da editora da Junta de Mocidade. Em tempos de interação virtual, os impressos e a própria editora caíram em desuso. Cf.: MANUAL DA UNIJOVEM: **Uma nova filosofia de ministério**. Campinas: JUMOC, 1989. p. 32.

valorização de conceitos como a austeridade, a eternidade e a intimidade, para que se tenha o que poderá ser chamado de uma ‘cultura jovem batista’. Além dos teólogos sistemáticos, biblistas, sociólogos, filósofos, antropólogos e psicólogos batistas poderão ser de grande valia na construção desse pensamento, que pode vir a identificar um jovem batista como tal.

Pode-se ainda aprofundar o diálogo com o passado, de modo a não só descrever as situações vividas, como fizemos aqui, mas entender em que contextos específicos cada crise aconteceu e quais foram os fatores que contribuíram para os momentos de crescimento e expansão da Juventude Batista Brasileira enquanto organização. Esse esforço deverá ter por função evitar que se caia em erros que já tenham sido cometidos. Assim como apreender princípios que possam ser adaptados a esse tempo para a construção de um trabalho denominacional para as juventudes.

A partir dessa pesquisa, pode-se discutir e avaliar até que ponto a autonomia da Igreja local não degrada para o isolacionismo. Podem ser estudadas maneiras que visem aprofundar os laços de cooperação entre as igrejas e as associações e convenções a fim de fortalecer o esforço das igrejas batistas pelo Brasil, e em especial naquilo que toca as juventudes.

Essa pesquisa pode ainda ser uma porta aberta para que os líderes de juventudes interajam de modo a manter princípios semelhantes de trabalho. E que as juventudes, e seus líderes, tenham possibilidade de interação e diálogo, aprendendo uns com os outros como criar uma identidade de ministério de juventudes que tenham princípios aplicáveis nas diversas realidades encontradas nas igrejas.

A denominação batista já tem criado programas de formação de líderes de jovens, como é a proposta do CriAtive, iniciativa da JBB, que visa ser um programa integrado com um currículo nacional a ser ministrado presencialmente e à distância via internet para líderes de juventudes de todo o Brasil. A realidade batista mostra que muitas igrejas investem na formação de pastores, ministros de música e educadores religiosos. Pensamos ser o tempo em que se comece a investir no preparo adequado dos líderes de jovens, dando a eles condições mais adequadas de desenvolverem seus ministérios.

Tendo em vista a percepção de como as políticas e os caminhos burocráticos podem interferir nos assuntos das juventudes, pensamos ser possível gerar um debate acadêmico que promova uma mudança de atitude em relação a escolha daqueles que decidem os caminhos das Juventudes da denominação, que a exemplo do que já ocorrem

com os executivos, sejam eleitos por sua comprovada competência e não apenas por sua habilidade política.

As igrejas batistas do Brasil precisam se ocupar com os assuntos da juventude, o que não seria necessariamente um olhar para a frente, mas lembrar de um relatório preparado por Reynaldo Purim, Essie Fowler e Antonio Armindo, aprovado na Assembleia da CBB quase um século atrás:

Que esta Convenção considere o assunto da Mocidade como um dos mais importantes entre os seus trabalhos não poupando esforços e dinheiro afim de desenvolvê-lo, pois a mocidade preparada é o segredo, em grande parte, do progresso da Causa de Deus na nossa Pátria.¹⁹⁰

Temos convicção de que o evangelismo, o testemunho e ação dos cristãos em todos os aspectos da vida serão visíveis, se as igrejas se ocuparem mais e melhor em conhecer e atender as demandas dos jovens através de ministérios de juventudes bem estruturados, conduzidos por líderes bem preparados. Que ajam pastoralmente no âmbito local, mantendo boa integração com as igrejas da denominação.

¹⁹⁰ CONVENÇÃO BATISTA BRASILEIRA: **Actas e relatórios da Convenção Batista Brasileira**. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista do Brasil, 1922, p. 18

7

Referências bibliográficas

Livros, artigos e pesquisas publicadas

ABRAMOVAY, M.; CASTRO, M. G. **Juventude, Juventudes: o que une e o que separa**. Brasília: UNESCO, 2006.

ABRAMOVAY, M.; CASTRO, M. G.; SILVA, L. B. **Juventudes e sexualidades**. Brasília: UNESCO Brasil, 2004.

ALMEIDA, M. I.; PAIS, J. M. (orgs.). **Criatividade, juventude e novos horizontes profissionais**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012

ANDRADE, R. A.; MACHADO, V. **A Privacidade e as Redes Sociais**. In: CONGRESSO NACIONAL CONPEDI/UNINOVE, XXII, Direito e Novas Tecnologias, 2013, São Paulo. São Paulo: Funjab, 2013. p. 207-232. Disponível em: <http://www.publicadireito.com.br/artigos/?cod=5677498ba2a6142d>. Acesso em 04 de janeiro de 2017 às 20:06h.

AZEVEDO, I. B. **A celebração do indivíduo**. A formação do pensamento batista brasileiro. Piracicaba: Unimep: 1996.

BAPTIST WORLD ALLIANCE AND PONTIFICAL COUNCIL FOR PROMOTING CHRISTIAN UNITY. **The Baptist-Roman Catholic International Conversations 1984-1988**. Atlanta: Baptist World Alliance, 1988.

BARBOSA, L. F. **De manifestantes a vândalos, de black blocs a ninjas – as narrativas midiáticas reinventando a juventude nas manifestações de junho de 2013 no Brasil**. Disponível em: http://www.anpedsul2016.ufpr.br/wp-content/uploads/2015/11/eixo11_LI%C3%89GE-FREITAS-BARBOSA.pdf acesso em 06 de dezembro de 2016 às 10:02h.

BAUMAN, Z. **44 cartas do mundo líquido moderno**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2011.

_____. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

_____. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

_____. **Globalização: as consequências humanas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.

_____. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

_____. **Tempos líquidos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.

BAUMAN, Z. **Vida para consumo: a transformação de pessoas em mercadoria.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

BOURDIEU, P. **Questões de sociologia.** Lisboa: Fim de Século, 2003.

CRABTREE, A. R. **História dos Batistas do Brasil – até o ano 1906,** 2ª edição, I Volume, Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1962.

CALANDRO, E.; LEDO, J. S. **Evangelizar a Juventude.** In: Vida Pastoral, ano 54, nº 291

_____.; _____. **Psicopedagogia Catequética: Reflexões e vivências para a catequese conforme as idades. Vol. 2 – Adolescentes e jovens.** São Paulo: Paulus, 2010.

CALVANI, C. E. B. **A educação no projeto missionário do protestantismo no Brasil.** Revista Pistis Praxis, Teologia Pastoral, Curitiba, v. 1, n. 1, jan./jun. 2009.

CAMPOS, I. **Desigrejados: teoria, história e contradições do niilismo eclesiástico.** São Gonçalo, RJ: Editora Contextualizar, 2013

CARMO, P. S. **Culturas da rebeldia: a juventude em questão.** São Paulo: Senac, 2000

CASTRO, M. G. **Quebrando mitos: juventude, participação e políticas.** Perfil, percepções e recomendações dos participantes da 1ª Conferência Nacional de Políticas Públicas de Juventude. Brasília: RITLA, 2009.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Evangelização da Juventude: Desafios e perspectivas pastorais.** Documento da CNBB 85. São Paulo: Paulinas, 2007

DEMO, P. **Pobreza e política na educação.** Revista de Educação AEC, N. 24, 1995.

FERRY, L. **Do amor: uma filosofia para o século XXI.** Rio de Janeiro: DIFEL, 2013.

FIELDS, D. **Um Ministério com Propósitos.** São Paulo: Vida, 1999.

FRANCISCO, **Laudato Si.** Disponível em: https://w2.vatican.va/content/dam/francesco/pdf/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si_po.pdf. Acesso em 10 de janeiro de 2017 às 16:22h.

_____. **Encontro com os voluntários da XXVIII JMJ.** Disponível em: https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/july/documents/papa-francesco_20130728_gmg-rio-volontari.html. Acesso em 10 de janeiro de 2017 às 16:23h.

_____. **Evangelii Gaudium.** Disponível em: https://w2.vatican.va/content/dam/francesco/pdf/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium_po.pdf Acesso em 10 de janeiro de 2017 às 16:25h.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

JOÃO XXIII, **Discurso de Sua Santidade Papa João XXIII na abertura solene do SS. Concílio**. Disponível em http://w2.vatican.va/content/john-xxiii/pt/speeches/1962/documents/hf_j-xxiii_spe_19621011_opening-council.pdf. Acesso em 31 de janeiro de 2017.

JOINT INTERNATIONAL COMMISSION. **The Word Of God In The Life Of The Church: A Report Of International Conversations Between The Catholic Church And The Baptist World Alliance, 2006-2010**. Virginia: Baptist World Alliance, 2013.

LIBANIO, J. B. **Jovens em tempos de pós-modernidade: Considerações socioculturais e pastorais**. São Paulo: Loyola, 2004.

_____. **Para onde vai a juventude?** Reflexões Pastorais. São Paulo: Paulus, 2011.

_____. **Para onde vai a juventude?** In: Vida Pastoral, ano 54, nº 288.

LIBÂNIO, J. B.; BINGEMER, M. C. L. **Escatologia cristã: o novo céu e a nova Terra**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1985.

MANUAL DA UNIJOVEM: **Uma nova filosofia de ministério**. Campinas: JUMOC, 1989.

MESQUITA, A. N. **História dos Batistas do Brasil – de 1907 até 1935**. Volume II, Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1962.

MORAES, A. O de. **Alguns “modelos” atuais de pastoral juvenil: tendências, desafios e perspectivas teológico-pastorais**. In: Trilhas vol. 15, nº 29, 2013.

MORAES, V de. **Antologia Poética**. 2ª ed. aumentada, Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1960.

MURAD, A. **Libanio, o teólogo que pensou sobre/com a juventude**. In: Atualidade Teológica, v.48.

PAIS, J. M. **A Juventude como fase de vida: dos ritos de passagem aos ritos de impasse**, Saúde e Sociedade volume 18, n. 3 jul/set. 2009.

PATRIOTA, K. R. M. P. **O show da fé: Religião, Mídia e Espetáculo**. in: As muitas faces de Deus: desafios do pluralismo religioso - II Simpósio Internacional de Ciências da Religião Anais Eletrônicos. Recife, 11 a 13 de setembro de 2007 / Org. Universidade Católica de Pernambuco. - Recife: Fundação Antônio dos Santos Abranches, 2007.

PEREIRA, J. dos R. **História dos Batistas no Brasil**. Rio de Janeiro: JUERP, 2001.

RIBEIRO, V. M. **Analfabetismo e alfabetismo funcional no Brasil**. Disponível em: <http://www.faccamp.br/letramento/gerais/analfabetismo.pdf>, acessado em 27 de janeiro de 2017.

ROCHA, A. **Introdução a Teologia**. São Paulo: Reflexão, 2016.

_____. **O Espírito Santo**: fonte de toda a liberdade. Contribuições da pneumatologia a um importante aspecto da antropologia teológica. Revista Pós-Escrito, Ano I, nº 2, jan - mar/2009.

ROSSI, L. A. S. **A Bíblia reinterpretada pela teologia da prosperidade**. In: Vida Pastoral, ano 56, nº 303.

SECRETARIA NACIONAL DE JUVENTUDE. **Pesquisa Nacional sobre Perfil e Opinião dos Jovens Brasileiros 2013**. Brasília, 2013.

SHAULL, R. **O Cristianismo e a Revolução Social**. São Paulo: União Cristã de Estudantes do Brasil, 1953. 104p.

SOUSA, R. B. de, **O custo do não-discipulado**. In: Ultimato, edição 320, setembro-outubro 2009. Disponível em: <http://www.ultimato.com.br/revista/artigos/320/o-custo-do-nao-discipulado#extras>. Acesso em 07 de fevereiro de 2017 às 08:15h

_____. **Crescimento das Igrejas**: três armadilhas. Disponível em: <http://cristianismohoje.com.br/artigos/lideranca/a-preocupacao-com-o-crescimento-e-legitima-e-necessaria-mas-os-riscos-dessa-expansao-sao-muito-grandes>. Acesso em 07 de fevereiro de 2017 às 08:40h

SOUZA, S. de O. **Pacto e comunhão**: documentos batistas. Rio de Janeiro: Convicção, 2010.

STTOT, J. **Crer é também pensar**. São Paulo : ABU Editora, 2012.

_____. **O Discípulo Radical**. Viçosa, MG : Ultimato, 2011.

TAVARES, E. S. **Juventude em missão**: profecia e espiritualidade. In: Revista Eletrônica Espaço Teológico – PUC-SP. Vol. 9, n. 15, jan/jun, 2015. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/reveleteo> 27. Acesso em 05 de janeiro de 2017 às 09:40h

UNESCO. **What do we mean by “youth”?** Texto original em inglês disponível em: <http://www.unesco.org/new/en/social-and-human-sciences/themes/youth/youth-definition/> Acesso em 13 de abril de 2016 às 18:46

WAISELFISZ, J. J. **Mapa da violência 2013** – homicídios e juventude no Brasil. Brasília: Secretaria Nacional de Juventude, 2013.

Dissertações e teses

BACARJI, A. D. **A re-institucionalização da Igreja**: estudo teológico-pastoral sobre o resgate da plausibilidade eclesial na cultura atual. Tese (doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Teologia, 2013.

CHAVES, I. S. **Espiritualidade e Subjetividade: A** provocação de Michel Foucault e a Teologia em tempos pós-modernos. Tese (doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Teologia, 2014

COELHO, A. da S. **Capitalismo como Religião: Uma crítica a seus fundamentos mítico-teológicos.** Tese (Doutorado) UMESP, Departamento de Ciências da Religião, 2014.

COSENTINO, S. M. M. de S. **Vida, liberdade, verdade e amor: experiência histórica do Espírito Santo na Sagrada Escritura.** Dissertação (Mestrado em Teologia) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

CUNHA, J. H. A. da. **A ação pastoral dos leigos: missão, ministério e serviço.** Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Teologia, 2011.

DANIELSKI, G. **Esperança cristã e juventudes: um encontro de esperanças para a vida da Igreja.** Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2015.

FONSECA, E. J. M. **O Resgate da Centralidade Cristológica no Culto.** Uma análise teológico-prática das igrejas batistas litorâneas fluminenses. Tese (doutorado) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Teologia, 2015.

FONTES, D. A. **A relação pessoal do cristão com Jesus Cristo.** Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Teologia, 2015.

JORDÃO, S. M. **Pode o “novo crente” viver uma autêntica conversão cristã?: reflexões sobre mobilidade religiosa e desafios para evangelização.** Dissertação (Mestrado em Teologia) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

LIMA, M. J. C. de N. **Uma mística militante: reflexão sobre as possíveis contribuições de Dietrich Bonhoeffer para uma teologia e pastoral de integração na Igreja Batista Brasileira.** Dissertação (Mestrado). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2008.

LUIZ, R. I. E. de. **Por uma ordo amoris: reflexões alvesianas sobre a libertação humana.** Dissertação (Mestrado). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2012.

NASCIMENTO, A. **Missão e Alteridade: descolonizar o paradigma missiológico.** Tese (Doutorado) UMESP, Departamento de Ciências da Religião, 2013.

OLIVEIRA, D. R. de. **Humano, cosmos e Deus: Alteridade ontológico relacional. O princípio fundamental do conceito “Reino de Deus”, sua permanência na teologia de Leonardo Boff.** Tese (doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Teologia, 2009.

ROCHA, A. R. **Experiência e discernimento:** recepção da palavra em uma cultura pós-moderna. Tese (doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Teologia, 2010

SANTOS, M. A. **Povo de Deus, uma sociedade contrastante:** do movimento de Jesus à sociedade pós-moderna. Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Teologia, 2013.

SILVA, L. A. **15 minutos de fama:** Andy Warhol e a hegemonia americana. Dissertação (mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, 2007.

SOUZA, L. L. de. **O outro que me justifica:** análise exegética de Lc 18,9-14. Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Teologia, 2016.

TAVARES, M. L. **“Tende em vós o mesmo sentimento de Cristo Jesus”:** a autodoação do discípulo na hermenêutica da esperança cristã. Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Teologia, 2015.

VIEGAS, A. S. **A construção narrativa de Barnabé como um modelo literário de generosidade à luz de Atos dos Apóstolos 4,32–5,11.** Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Teologia, 2011.

Matérias de Jornais e Revistas

5 frases memoráveis do escritor Umberto Eco sobre redes sociais e tecnologia
Disponível em: <http://epoca.globo.com/vida/noticia/2016/02/5-frases-memoraveis-do-escritor-umberto-eco-sobre-redes-sociais-e-tecnologia.html>. Acesso em 11 de maio de 2016 às 19:25h.

A era do exibicionismo digital. Disponível em: http://istoe.com.br/339503_A+ERA+DO+EXIBICIONISMO+DIGITAL. Acesso em 10 de janeiro de 2017 às 21:55h.

Analfabetismo funcional atinge 70% da população economicamente ativa.
Disponível em: <http://novotempo.com/jornalismo/analfabetismo-funcional-atinge-70-da-populacao-economicamente-ativa/> Acesso em 10 de janeiro de 2017 às 21:40h.

Como começar uma nova carreira. Disponível em: <http://exame.abril.com.br/carreira/como-comecar-uma-nova-carreira/> Acesso em 11 de fevereiro de 2017.

Mercado evangélico cresce ao apostar em consumidor fiel. Disponível em: <https://economia.terra.com.br/vida-de-empresario/mercado-evangelico-cresce-ao-apostar-em-consumidor-fiel,ccccff10d0f6156d00846f3f517978c3mgqxuxdu.html>. Acesso em 05 de janeiro de 2017 às 11:00h

Oito motivos que levam o jovem a usar drogas e álcool. Disponível em: http://www.gazetaonline.com.br/_conteudo/2015/03/entretenimento/vida/3892310-oito-

motivos-que-levam-o-jovem-a-usar-drogas-e-alcool.html. Acesso em 10 de janeiro de 2017 às 21:42h.

Quem aguenta tanto exibicionismo nas redes sociais? Disponível em: <http://epoca.globo.com/vida/noticia/2014/02/quem-aguenta-tanto-bexibicionismo-nas-redes-sociaisb.html>. Acesso em 02 de dezembro de 2016 às 17:51h.

Taxa de desemprego entre pessoas de 18 a 24 anos dispara e ameaça geração Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/mercado/2016/03/1746926-taxa-de-desemprego-entre-pessoas-de-18-a-24-anos-dispara-e-ameaca-geracao.shtml>. Acesso em 22/04/2016 às 15:49h.

Uso de drogas aumenta entre os adolescentes no país. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/sociedade/uso-de-drogas-aumenta-entre-os-adolescentes-no-pais-19996988#ixzz4Wj3fsJEx>. Acesso em 10 de janeiro de 2017 às 21:48h.

WhatsApp chega a 1 bilhão de usuários. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/tec/2016/02/1736093-whatsapp-chega-a-1-bilhao-de-usuarios.shtml>. Acesso em 11 de fevereiro de 2017 às 19:02h.

Edições de O Jornal batista

O JORNAL BAPTISTA, de 10 de janeiro de 1901.

O JORNAL BATISTA, de 4 de Julho de 1907.

O JORNAL BATISTA, de 25 de junho de 1957.

O JORNAL BATISTA, de 21 de março de 1957.

O JORNAL BATISTA, de 22 de Agosto de 1957.

O JORNAL BATISTA, de 29 de Agosto de 1957.

O JORNAL BATISTA, de 03 de Outubro de 1957.

O JORNAL BATISTA, de 31 de Outubro de 1957.

O JORNAL BATISTA, de 31 de Outubro de 1957.

O JORNAL BATISTA, de 07 de Novembro de 1957.

O JORNAL BATISTA, de 26 de Novembro de 1957.

O JORNAL BATISTA, de 16 de Janeiro de 1958.

O JORNAL BATISTA, de 20 de fevereiro de 1958.

O JORNAL BATISTA, de 27 de fevereiro de 1958.

O JORNAL BATISTA, de 31 de maio de 1964.

O JORNAL BATISTA, de 11 de fevereiro de 1968.

O JORNAL BATISTA, 06 de janeiro de 2013.

O JORNAL BATISTA, 28 de agosto de 2016.

O JORNAL BATISTA, 04 de setembro de 2016.

O JORNAL BATISTA, 11 de setembro de 2016.

Atas de Congressos e Assembleias

ANAIS DO 1º CONGRESSO DA MOCIDADE BATISTA **Com a Bíblia um Mundo Novo**. Casa Publicadora Batista, Rio de Janeiro, 1949.

CONVENÇÃO BATISTA BRASILEIRA: **Actas da 8ª reunião annual**. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Baptista do Brasil, 1914.

CONVENÇÃO BATISTA BRASILEIRA: **Actas e relatórios da Convenção Batista Brasileira**. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista do Brasil, 1922.

CONVENÇÃO BATISTA BRASILEIRA: **Actas e relatórios da 20ª reunião**. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista do Brasil, 1933.

Páginas da Internet visitadas

<http://www.conferenciadespertar.com.br/> acesso em 07 de janeiro de 2017 às 11:22h

<http://www.juventudebatista.com.br/>. Acesso em 10 de agosto de 2016, às 14:46h

<http://missoesmundiais.com.br/radical/> Acesso em 10 de agosto de 2016, às 14:49h

<http://www.palmares.gov.br/sites/000/2/download/discursodemartinlutherking.pdf>. Acesso em 06 de fevereiro de 2017 às 17:40h.

<http://www.pesnoarado.com.br/> acesso em 07 de janeiro de 2017 às 11:48h

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L8069.htm; Acesso em 13 de abril de 2016 às 18:44h

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2013/Lei/L12852.htm; Acesso em 13 de abril de 2016 às 18:45h

<http://portalsaude.saude.gov.br/index.php/o-ministerio/principal/leia-mais-o-ministerio/673-secretaria-svs/vigilancia-de-a-a-z/doencas-cronicas-nao-transmissiveis/12-doencas-cronicas-nao-transmissiveis/14126-pesquisa-nacional-de-saude-do-escolar-pense>. Acesso em 10 de fevereiro de 2017 às 11:52h.

<http://www.radicalbrasil.org/> Acesso em 10 de agosto de 2016, às 14:51h

<http://www.seminariodosul.com.br/index.php/home/159-pos-jbb>. Acesso em 10 de agosto de 2016 às 21:26h

<http://www.ceschini.com.br/2016/06/lowsumerism-sua-empresa-esta-preparada/> acesso em 10 de fevereiro de 2017, às 07:40h.

<https://www.youtube.com/watch?v=jk5gLBihJtA>; acesso em 10 de fevereiro de 2017, às 07:42h.